ANTIDOTO SALUTIFERO

CONTRA

O DESPERTADOR CONSTITUCIONAL EXTRANUMERARIO N.° 3.

DIVIDIDO EM SETE CARTAS DIRIGIDAS AO AUCTOR D'AQUELLE FOLHETO IMPIO, REVOLUCIONARIO, E EXECRAVEL.

PARA BENEFICIO

DA MOCIDADE BRASILEIRA, ESPECIALMENTE DA FLUMINENSE,

POR HUM SEU PATRICIO FIEL AOS DEVERES, QUE LHE IMPÕE

A RELIGIÃO, E O IMPERIO.

Videte ne quis vos decipiat per philosophiam, et inanem fallaciam. — Ad Colos. 2. 8.

IMPRESSA NO RIO DE JANEIRO.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827.

Com Licença.

Merito causa nos respicit, si silentio foveamus errorem: ergo corripiantur hujusmodi, et non sit his liberum habere sermonem.

Com razão somos responsaveis (a Deos, ao Imperador, e á Nação), se com o nosso silencio fomentarmos o erro: sejão pois corrigidos semelhantes homens, e não se lhes permitta fallar tão livre, e desbocadamente.

S. Celestino Papa.

CARTA PRIMEIRA.

Senhor Despertador Constitucional.

Com grande prazer, e satisfação dou a V. S. os sentimentos do máo successo, que teve na defeza, que fez, da sua decantada, e veneravel Ordem Maçonica: igualmente me congratulo com todos os Brasileiros honrados, amantes da Religião, do Imperio, *da Verdade, e do Bem público*, de que V. S., em lugar de tosquiar, tivesse ficado de tal modo tosquiado, que lhe levárão pelle, e cabello. Fatal desgraça! Certamente bem merecida, imputavel á sua philaucia, e á cegueira do seu entendimento, ou antes á malicia do seu coração. Sim, Senhor, quem lhe mandou ir a bordo do chaveco? Para que se foi metter no capello do Frade? Para que se encarregou da defeza de huma Causa má, e pessima, que de nenhum modo podia ser advogada, senão com sophismas, mentiras, e calumnias? Tenha agora paciencia, impute a si a desfeita, que lhe fizerão, soffra com resignação o descredito, em que cahio, e fez cahir a Venerabilissima Confraria da Trolha, revelando ao Mundo inteiro as suas vergonhas. *Ostendisti gentibus nuditatem tuam.* V. S. pensava que escrevia para meninos da eschola, ou para leitores Capadocios, que ou não entendem o que lêm, ou se deixão facilmente illudir pelas letras redondas impressas no papel; mas enganou-se desta feita; porque não forão elles somente os leitores do seu Folheto. O seu Folheto, Ill.mo Sr., corrêo pelas

mãos de pessoas de alto cothurno, que cheias de horror, e de indignação, derão o merecido valôr ao tecido de fabulas, e de impiedades, que V. S. fez com o fim de seduzir a mocidade, e de lançar poeira nos olhos dos que ainda não divisavão, nem reconhecião distinctamente o espirito de desobediencia, de seducção, de impostura, de rebellião, e de impiedade, que anima à sua Confraria Maçonica.

V. S. pertende canonisar-se a si, e aos seus Irmãos Maçons por Anjos de luz; porem sahio-lhe tudo ao avêsso; e ninguem, depois da leitura do seu Despertador, jamais os poderá olhar, senão como para Anjos de trevas. Tanto ficão elles obrigados, e devedores á habilidade, e ao zelo do seu bello Advogado, que prêgou com os burros n'agua, e dêo com tudo em pantanas! Sim, Senhor, não ha dúvida nenhuma de que o seu Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3 he huma linda peça, e de que fez maior damno á Causa Maçonica do que até agora tem feito os Apologistas da Religião, e Defensores do Throno, os Barrueis, os Macedos, os Punhaes, os Elenchos, etc. V. S. quiz experimentar se mettia medo á gente com a sua pelle de Leão; mas achou hum destemido Anti-Maçon, que o desancou, patenteando a todos a hypocrisia politica, e a impiedade execravel do Oriente Brasilico relativamente aos Negocios da Independencia do Imperio, e aos Dogmas, em que erão iniciados, e preparados os Noviços da Ordem. Porem como aquelle Benemerito, e Zeloso Defensor da Igreja, e do Imperio, passou rapidamente por algumas Proposições do seu Despertador, dignas da mais severa censura, e de mais minuciosa, e explicita refutação, para advertencia, desengano, e convicção dos que talvez se deixassem illudir, ou, ao

menos, ficassem indecisos sobre a veracidade, ou malicia, de cada huma dellas, seja-me permittido passar de novo a navalha da critica sobre o corpo inteiro do seu Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3, onde ficou ainda muita lã por tosquiar.

Penso que V. S., como Philosopho tão illuminado, não se escandalisará do meu zelo, e patriotismo; e que não quererá huma lei para si, e outra para o seu proximo; e que, se attribue a si o direito de pensar, e de escrever contra a minha Religião, atacando-a tão atrozmente nas Pessoas dos seus Ministros, que o não offendêrão, muito maior direito terei eu, não somente de defender o decoro da Sancta Igreja ultrajada na sua Divina Authoridade sobre os Fieis, mas tambem de repellir as injurias, as calumnias, e blasfemias, que o seu Despertador vomitou contra os Ungidos do Senhor. Se hum Maçon, só porque he Maçon, se julga authorisado para minar os Altares do Deos vivo, e alluir os Thronos dos Imperantes, Imagens de Deos sobre a Terra, prégando por toda a parte doutrinas impias, e sediciosas; gritando contra o fanatismo, e a superstição, isto he, contra o respeito devido ao Governo, e contra o Culto, com huma ladainha de nomes desconhecidos nas eras dos nossos avós = liberdade, igualdade, direitos da Natureza, direitos do Cidadão, direitos da Nação, soberania do Povo, tyrannia, despotismo, etc. etc., que a final acabão por *mors*, *error*, *calamitas* = não será tambem permittido, e mesmo não será da obrigação de hum Ecclesiastico, Cidadão, e subdito fiel do Governo, levantar a voz contra semelhantes desobedientes, impostores, e perturbadores da ordem, e da tranquillidade pública? Não nos manda o Apostolo reprehender, refutar, e

fazer callar a taes vociferadores, que pervertem com as suas doutrinas Familias, Cidades, e Nações inteiras? *Sunt multi inobedientes, vaniloqui, et seductores, qui universas domos subvertunt, quos opportet redargui. (Ad Titum.)* Pois então permittame V. S. oppôr o antidoto da verdade, e da justiça, contra o veneno da mentira, e da iniquidade, que a sua Folha Despertadora fez correr pelas veias, e arterias do Brasil. A causa he toda nossa, ella nos toca muito de perto; della depende a nossa liberdade, honra, vida, e salvação, e dos nossos filhos. *Merito causa nos respicit, si silentio foveamus errorem.* He o erro, e unicamente o erro, que passo a atacar; he o Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3 o unico objecto da minha censura, e de modo nenhum a Pessoa de V. S., a quem respeito. Vamos á obra.

Logo no focinho do Despertador vejo bastante lã, que ficou intacta, e por tosquiar. He verdade. Que quer dizer este Boticudo, que aqui vejo estampado, tendo na mão direita a Carta Constitucional do Imperio Brasileiro? Significará por acaso este emblema que a Constituição nos foi dada por algum Cabôclo? Ou somente para os Cabôclos? Ou que os Brasileiros todos são Cabôclos? Nenhuma destas supposições he verdadeira. Não he a 1.ª, porque o Augusto Imperador do Brasil não he Cacique dos Boticudos, Puris, ou Tupinambazes; não he a 2.ª, porque todas estas Tribus são selvaticas, e errantes, nem sabem ler, nem precisão por ora de Constituição escripta; não he a 3.ª, porque a Nação Brasileira, em quasi toda a sua universalidade, não he da raça dos Indigenas, não anda núa, não vive nas brenhas, não se enfeita de pennas de araras, etc. Logo, esta estampinha tão radiante, e estrellada, he huma affronta, que o Sr. Despertador faz aos seus Patri-

cios, propondo-lhes a imagem, não do que elles são, mas do que os Maçons querem que elles venhão a ser. Os Brasileiros são Povos civilisados, e Christãos, como forão seus Pais, e Avós; porem os Pedreiros Livres desejão que sejão Barbaros, sem outra Religião; que não seja a da Natureza; que vivão ao instincto dos seus appetites, e paixões, sem Deos, a quem adorem, e rendão culto, sem Imperante, a quem obedeção, respeitem, e temão. Então, que diz V. S ? Acertei, ou não, na interpretação do emblema? Vamos ao corpo da Obra.

Diz o Titulo do Folheto = Despertador Constitucional Extraordinario. = Isto he, papel publicado para fazer muita bulha; Trombeta Maçonica para pôr tudo em movimento; vehiculo de mentiras, de insultos, de calumnias, e de impiedades; Boceta de Pandora para infelicitar o Brasil. Impresso, e re-impresso *a rogos de muitas Pessoas amantes da verdade, e do bem público; scilicet*, dos Irmãos da virtuosa, e respeitavel Confraria do Oriente Maçonico-Brasilico, para desmentir os Oraculos da Igreja, e as Leis dos Soberanos, que a anathematizão, condemnão, e prohibem como impia, sediciosa, e conspiradora, inimiga irreconciliavel do Altar, e do Throno. Vamos adiante, que muito temos que fazer.

Ui! ui! quanta lã ficou aqui por tosquiar! Diz o Sr. Despertador que não he *Pregador*, nem *Propheta*, assim he; porem, apezar da sua confissão, prega, e prophetisa: prega petas, e prophetisa delirios. *Mas como promettéo despertar a fiel execução da Constituição jurada*, *etc.* — Ora: não he esta promessa, alem de excessiva philaucia, hum attentado criminoso contra o Governo? Por certo que sim. S. M. I. tem optimos Ministros de Estado, e Conselheiros muito selectos, e o Povo

do Brasil depositou toda a sua confiança no seu Augusto Imperador, e Defensor Perpetuo, a quem compete legalmente despertar a execução, punir as transgressões, e defender a integridade da Constituição do Imperio. Não seja pois insoffrido o Sr. Despertador, ou, antes, não seja intromettido no que não he da sua competencia. Nós os Brasileiros não precisâmos de Tribunos sediciosos, e amotinadores; não necessitâmos de Publicolas, de Gracchos, de Clodios, e Catilinas; e se V. S. não está contente, rua. Diz mais: *e de combater as idéas mal dirijidas nos Jornaes Publicos, etc.* Ai da panella, em que todos mechem! Ai da casa, em que todos ralhão! Ai do Estado, em que todos governão! Diga-nos, Sr. Despertador, quem o encarregou da censura dos Jornaes Publicos? De quem recebêo a Patente de Enxota Periodicos? Quem o constituio Zelador da Feliz Independencia do Brasil? Ninguem. Porque motivo não gritou V. S. quando o Correio envenenava o Povo? Quando o Compilador o revolucionava? Quando a Sentinella o carbonisava? Quando o Tamoio o jacobinisava? Quando.... quando...? Agora porem que todos esses damnados desapparecêrão, he que vem o Despertador, coberto de armas, como o Cavalheiro da Triste Figura, a combater todas as idéas mal dirigidas? Tarde piaste! *E que em sentido contrario*, continúa o Despertador, *se encaminhão a destruir a grande obra da Feliz Independencia do Brasil com o malicioso designio de escandecer os espiritos, desharmonisar os animos, e pô-los em desconfiança, para mutuamente se combaterem; e como se nós estivessemos ameaçados de revolução, ou de perigos, que se devessem acautelar, e temer.* O Sr. Despertador, que he Abelha Mestra Maçonica, e não ignora os segredos do cortiço, desesperou, porque no Diario Fluminense apparecêrão algumas

correspondencias relativas a intrigas Democraticas Maçonicas, a fim de despertar a vigilancia do Governo, e de excitar a desconfiança dos Povos contra os Arquitectos de Republicas; e, para se vingar do Redactor do Diario, constituio-se o Campeão da Pedreirada contra *as idéas mal dirigidas nos Jornaes Publicos,* isto he, no Diario Fluminense, que todo elle se dedica a defender a Independencia do Imperio, e os Direitos de seu Augusto Imperador, contra as tramas occultas dos Maçons Republicanos; para melhor seduzir, *dat veniam corvis, vexat censura columbas,* faz recahir todo o odio da intriga democratica, e anti-Imperial, não sobre os perfidos Maçons, seus confrades, dispersos pelas Provincias, verdadeiros auctores dos males, que tem soffrido o Brasil; mas sobre aquelles, que trabalhão para os reprimir, e suffocar! E, para ser consequente em tudo, tem, não sei se a patetice, ou a malicia de dizer a final: *e como se nós estivessemos ameaçados de revolução, ou de perigos, que se devessem acautelar, e temer.* Que! Já se acabárão os Maçons degenerados, ou não degenerados, que vem a ser tudo o mesmo? Já os demagogos perdêrão as idéas de Republicas, e Confederações do Equador, do Tropico, e do Sul? Já as Provincias obedecem submissamente a S. M. I., sem que em huma só dellas exista o mais leve indicio, o minimo symptoma da febre amarella democratica? Já está reconhecida por Portugal, e pelas Potencias da Europa, a nossa Independencia? Já se acha garantida pelos Soberanos da Sancta Alliança a perpetuidade do Throno Imperial Brasileiro na Augusta Familia Bragantina contra os esforços do Republicanismo? Em quanto assim não fôr, e houver brazas *sub cinere doloso*, muito, e muito temos que recear, e devemos estar vigilantes.

Dos tres §§, que se seguem, o 1.° he da com-

petencia do Sr. Franckliu responder-lhe, visto ser contestação particular; os outros dous são contraproducentes, e dão a conhecer que as palavras do Sr. Despertador são bem contradictorias ás suas obras. Com effeito, diz V. S. *que hum Escriptor pode ser severo sem mordacidade, exacto sem minucias, e justo sem parcialidade;* e logo depois passa a affirmar que *irá manifestar as suas idéas com nobre simplicidade, verdade, e sem fanatismo politico.* A' vista destes sentimentos tão honrados, e tão dignos de louvor, quem poderia esperar que o Sr. Despertador desfechasse em relampagos, trovões, e chuveiro de affrontas, calumnias, e impiedades, enxovalhando Frades, Clerigos, Bispos, e os Pontifices da Igreja, e até negando o poder das chaves dadas a S. Pedro, e aos seus Successores, por Jesu Christo nosso Redemptor? *Mentita est iniquitas sibi.* Quem poderia tambem esperar que hum Escriptor tão benevolo, e politico passasse a tractar de profanos, de ignorantes, perversos, e malvados a todos, quantos tem escripto contra a Maçoneria, convencendo-a de Seita impia, e anarchica, e combatendo-a com razões, e provas evidentissimas, e com os innegaveis resultados das suas impiedades, e conspirações, que tantas lagrimas, tanto sangue, e tantas vidas tem custado á infeliz humanidade, ha 50 annos, por quasi todo o mundo? Ora: se os que acodem a extinguir os incendios são malvados, que nome se poderá dar aos incendiarios? *Narrent hi qui sentiunt.*

Corramos para diante a navalha da critica. Diz o Sr. Despertador que *protesta que não defende as Sociedades abusivas, e perigosas, de que o Governo não tiver noticia; mas sim a Maçoneria, que segue a sua verdadeira instituição.* E deixa-se V. S. cahir com esta! Qual he a Maçoneria, que não seja Sociedade abusiva, e perigosa? Qual a que

no Brasil tivesse tido approvação do Governo para fundar, e elevar Orientes, e ter loja aberta ás tantas horas da noite, com summo segredo, e vigilantissima cautela? Em quanto V. S não provar ao Povo Brasileiro que a Maçoneria, que defende, he sancta pela pureza da sua doutrina, virtuosa pela innocencia dos costumes dos seus Irmãos, que tem por objecto das suas Sessões nocturnas á Gloria de Deos, o bem espiritual, e temporal do proximo, a estabilidade da Religião Catholica Romana, a defeza da Independencia do Imperio, a reunião de todas as suas Provincias em hum unico centro, a sustentação do Throno do Nosso Augusto Imperador, e da futura successão da sua Imperial Dynastia, ninguem o crê, pois que as suas palavras, e protestos dirigem-se a dár opio, a fim de não ser a Maçoneria corrida a pedras, e enxotada a páo para fora do Imperio.

Tambem não será opio, e mais que opio, affirmar-nos V. S. *que a verdadeira instituição da Maçoneria he erigir Templos á Virtude, e Masmorras aos vicios?* Os Templos, e Altares só se devem erigir a Deos, a cujo Nome adoravel os Ceos, a Terra, e os Infernos curvão os joelhos. Os Templos, e Altares são signaes do culto externo, que prestâmos á Divindade. As virtudes, Sr. Despertador, são Divindades? Não são ellas acções humanas conformes com a Lei, ou alem da Lei? Templos ás Virtudes! E o que se ha de consagrar á Deos Creador do Ceo, e da Terra, de todas as cousas visiveis, e invisiveis, como nos ensina o Credo, que sua Mãi lhe ensinou? Masmorras aos vicios! Os vicios são entes corporeos, que se possão fechar em enxovias, e prender em cadêas? Não he isto zombar da credulidade, e do senso commum dos homens? Sim, Senhor: quando os Maçons nos fallão em Templos, e Masmorras, que elles eri-

2 *

gem, e cavão nas suas tenebrosas espeluncas; quando nos mettem á cara essas patranhas, cujo verdadeiro, e mystico sentido está acima da penetração dos profanos, alem de serem réos de impiedade, são huns consummados impostores, e finissimos velhacos. Nós temos, Sr. Despertador, nesta Côrte tres Templos, que se achão por concluir, e cuja obra pode dar que fazer por alguns annos a todos os Pedreiros livres, que aqui se achão, por infelicidade nossa. Se V. S., e os seus Irmãos Alveneis, são tão apaixonados dos Templos, sendo dos seus Institutos erigir, e edificar estas Casas sagradas, porque motivo não pegão nas suas trolhas, colheres, camartellos, esquadrias, prumos, etc., e mesmo não tomão os seus aventaes, (mitras não devem levar) e não se repartem pelas obras da Candellaria, de S. José, e do Sacramento? Então sim que os Maçons campavão. Que louvores não terião os Veneraveis, os Mestres, e os Aprendizes, de todo o Povo desta Cidade, vendo-os trabalhar aforçurados, e zelosos, na edificação das Casas de Deos! Alem disto, o Governo intenta mandar construir huma nova Cadêa pública, para nella encerrar os malfeitores; se he tambem do Instituto Maçonico cavar Masmorras aos vicios, não será mais proveitoso que se empregue na construcção do carcere dos viciosos? Presos estes, que se podem muito bem agarrar, e segurar, diminue-se o número dos vicios, e ficâmos todos descançados, e felizes, e em cima muito agradecidos á Pedreirada, que não consta ter feito ainda neste Mundo huma cousa boa.

Para levar a impostura até o fim, o Sr. Despertador appella para o testemunho de Franklim, (que nada pode revelar) dizendo-nos: *isto sabe Franklim, pois o jurou, e vio praticar.* Eu tambem, para não deixar esta gadelha por aparar, digo que

não duvido que o Sr. Franklim jurasse, pois a tanto chega a fragilidade humana seduzida por homens astutos, e velhacos; mas que visse praticar erecções de Templos, nem cavar Masmorras, *nego rotunde*. O que Franklim vio praticar, e que ajudou a praticar, foi comer bons perús, vitellas, presuntos, etc., beber bom vinho de Champagne, Muscatel, etc., pôr a sua mitra, cingir o seu avental, calçar as suas luvas, fazer pantomimas, e outras ridiculas momices, de que os mesmos Maçons se envergonhão, e confundem, a ponto de lhes ser mais facil morrer do que revelar o que lá no Oriente se fazia: o que Franklim fez, e V. S. teve a fatuidade de publicar pelo prelo, querendo tirar dous olhos ao seu inimigo, ainda que tambem perdesse os seus, e os de toda a Sucia Maçonica, foi huma Oração de tremer! Oh! que Oração! = A' Gloria do Grande Architecto do Universo. Aos Respeitaveis Maçons do nosso Grande Oriente. A todos os Quadros da Maçoneria Brasilica. = Oh! que Oração! Sim, Senhor; porem Templos nem vio, nem podia vêr. Quem essa peta engulir, não se engasga certamente com o Pão de Assucar. O que Franklim vio praticar, e que V. S. mandou imprimir, foi a brincadeira Maçonica, com que lhes quizerão dar cabo da pelle na noite de 15 de Setembro de 1822; porem Masmorras não vio, excepto o carcere, em que o fechárão com sentinellas á vista, onde, por confissão propria, vio os horrores da morte. Oh sancta! oh innocente Sociedade! Quando chegará o dia, em que serás anniquilada para socego do Mundo! Mas entretanto vamos tosquiando o nosso Despertador, que, não contente com a impostura dos Templos, e Masmorras, que já nos prégou, e citou-nos por testemunha Franklim, promette-nos á bôca cheia que, *quanto á Maçoneria em geral, passa a copiar*

em resumo o que já se acha escripto em sua defeza por penna melhor do que a sua.

Mil graças sejão dadas ao Sr. Despertador pelo presente inestimavel do extracto, que fez de hum certo livrinho impresso em Londres na lingua Portugueza em 1818 = Cartas sobre a Framaçoneria = que o Padre J. A. de Macedo pulverisou no seu Espectador; e principiando assim a impugnação, que elle fez á tal Apologia Maçonica: = Faltava ao seculo, que vai correndo, para se comparar ao passado em extravagancias, que apparecesse na lingoa Portugueza huma Apologia dos Pedreiros, naquella mesma época, em que a Europa inteira resôa de huma extremidade a outra em gritos contra huma Companhia de verdadeiros facinorosos, a quem se reconhece devedora de todas as desgraças ... parece que devia offerecer-se aos olhos do Mundo espantado, e absorto na contemplação de tantas catastrophes, huma Apologia, que não só fizesse emmudecer todos os homens, convencendo-os de calumniadores, mas que descobrisse sem equivoco a innocencia, a justiça, a sanctidade da Seita, manifestando não só a sua interior Constituição, porem, (e isto mais que tudo) o seu objecto, o seu fim, o seu emprego. Mas he tal a causa, e a defensa, que huma, e outra se busca com grande ciume occultar do conhecimento dos homens. Quarto Semestre N.° 2. = Mil graças, torno a dizer, sejão dadas ao Sr. Despertador, que indo a traz do boi do chocalho, repetio todas as parvoices, imposturas, e impiedades, que nelle encontrou, com a innocente tenção de seduzir a Mocidade Brasileira, e precipita-la nas cavernas Maçonicas, onde aprendão os Mancebos a blasfemar contra a Religião de seus pais, e a odiar todo o Governo legitimo, especialmente o Monarchico. Bem desejava eu possuir a penna

do Padre Macedo, que tanto sovou o Auctor das taes Cartas, para fustigar tambem o copiador dellas, confundindo as fabulas, embustes, e patranhas, em que se funda a Apologia Maçonica, da qual o Sr. Despertador está tão ufano, e vaidoso, que não hesitou declarar-se o Defensor, não só da Maçoneria em geral, mas tambem do Oriente Brasilico com *toda a intrepidez, e espirito de verdade, apezar das calumnias dos Profanos, dos seus perjuros Apostatas, e Sysmaticos Maçons.* Embora assim seja; presumpção, e agua benta toma cada hum, a que quer; a sua intrepidez he basofia, e o espirito de verdade he a mentira nua, e crua: o que passo a mostrar, e a provar nas seguintes Cartas, que não serão de menos importancia, e interesse para o bem da Religião, e da Causa do Imperio, do que esta primeira, que bastantes saltos, e corcovos lhe fará dar.

Quinta do Corcovado aos 15 de Abril de 1825.

O que vê, e não ouve.

CARTA SEGUNDA.

Senhor Despertador Constitucional.

Continuando a tosquia do seu Folheto Extraordinario N.° 3, permitta lembrar-lhe as palavras de hum Sabio, que li, não me lembra onde: = He descarado o homem, que á face do mundo, que vê o contrario, intenta justificar o que todos conhecem como nocivo, e detestão por experiencia como prejudicial. = Ora: que nos importa saber quando começou a Maçoneria; se houverão Maçons Ante-Diluvianos, nem Post-Diluvianos; se trazem a sua origem dos Mysterios de Eleusis; se já nos tempos dos Pharaós do Egypto houve tambem essa praga; se no reinado de Salomão elles concorrêrão para a edificação do Templo de Jerusalem; se finalmente a apparição desses bichos peçonhentos foi depois da extincção dos Templarios, ou no Protectorado de Cromwel? O que nos importa, o que nos he util, o que nos he necessario saber, he quando ficaremos livres destes atormentadores do genero humano. He isto, Sr. Despertador, o que todos desejâmos saber, e o que nos toca muito de perto; porque, em quanto houverem Maçons, a nossa liberdade, honra, e vida estão em perigo, como diz o Orador Romano, inimigo declarado do Revolucionario Catilina. Quem sabe se era Maçon, e de papo amarello, o tal Catilina? O certo he que elle tinha a sua Loja, onde entre horriveis juramentos tramava conspirações. Como o Sr. Despertador copiou, como confessa, sem critica alguma, e hermeneutica, o que lhe parecêo conve-

niente para defender a sua Confraria, permitta-me usar da liberdade de tambem copiar alguma cousa, a fim de desfazer os embustes, e patranhas, com que nos pertende illudir, ou tapar a bôca. Sobre a origem do Maçonismo não concordão os mesmos Maçons; os filhos da Luz não sabem quando veio ao mundo a sua maman: em todos os tempos, e idades houverão Seitas de desorganisadores, e de impios; estava porem reservado para os nossos dias, para os seculos das luzes, o apparecimento da mais detestavel, e terrivel de todas, e que reune em si tudo quanto ha de abominavel, e desastroso, pois que, ensinando que os homens todos são iguaes, e livres, chama os Povos para os horrores da anarchia, da rebellião, e da impiedade; e debaixo dos seus auspicios, impulso, e influencia se tem comettido por toda a parte as maiores atrocidades contra o Altar, e os Thronos. Que digo? Contra toda a classe de Cidadãos, que não abraçar, e seguir o seu systema desorganisador, e devorante. He hum volcão, que se abrio por toda a terra para engulir Villas, Cidades, Reinos, e Nações inteiras. Vejamos qual a origem mais provavel desta terrivel peste, que ha dous seculos atormenta o Mundo. Guarde V. S. as suas fabulas, para com ellas seduzir os seus Adeptos, ou os seus Judeos Apellas. = Depois dos Escriptos de Hobbes, e depois de alguns Tractados do Philosopho Barão de Verulamio, diz o Padre Macedo no seu Espectador, começárão certos espiritos inquietos, e orgulhosos a descobrir em Moral, e Politica caminhos, por onde se podesse espraiar muito á vontade a humana ambição. Sahio-se o Hobbes com o Livro = *De Cive*, = e com as interpretações, que lhe fizerão, se começárão a fantasiar no Cidadão Direitos. As idéas sobre a Legislação principiárão a tomar novo aspecto; e huma tropa de Escrevedores Publicistas começárão a insinuar com

grandes rebuços, e disfarces que a Soberania existia de Direito Natural na massa, ou massamorda do Povo. Isto não se atalhou; porque alguns Soberanos, seguros no legitimo dominio, contentavão-se com o exercicio do Poder, não vedando a perigosos Escriptores a liberdade de pensar, e de escrever, e de imprimir quanto lhes vinha á cabeça: e questões tão perniciosas fôrão desprezadas, e tractárão-se, como se devião tractar as questões ridiculissimas de Modas, de Theatros, etc. Apparecêo Baile com o seu Diccionario, pestilente fonte do Scepticismo Philosophico, e a seu exemplo marchárão muitos para o Scepticismo Theologico: este, e não outro, o principio funestissimo da incredulidade dos ultimos seculos; havendo homens, que ás novas theorias em politica, legislação, e historia ajuntárão alentadissimas doses de libertinagem, e de irreligião, e se persuadírão que podião, e devião ser os Legisladores, e Governadores de toda a Terra. Estes chamárão outros, em quem divisárão identica corrupção de costumes, ambição, presumpção, e irreligião, para trabalhar em commum, e ir ajuntando fazenda, e materiaes para o futuro Templo da Liberdade, e projectado Edificio da revindicação dos Direitos do homem tyrannisado pelo Sacerdocio, e pelo Imperio, como elles dizião. Ora: eis-aqui a necessidade de huma Conjuração, e para huma Conjuração huma Sociedade, e para huma Sociedade hum nome: tal foi o projecto, e tal o resultado da Seita Philosophante, que teve por objecto transtornar tudo, e voltar, como diz Mercier, a escada social debaixo para cima, e de cima para baixo. Assim como em outro tempo no Corpo Academico Conimbricense houve hum rancho chamado da Carquêja, que não era de Carquêjeiros, que fossem ao matto buscar hum só mólho de Carquêja, porém sim hum bando de estouvados, que assentárão entre si fazerem

as maiores desordens; da mesma sorte os novos Philosophantes tomárão o nome de Maçons, ou Pedreiros Livres, lembrando-se da Irmandade dos Pedreiros verdadeiros, estabelecida em Inglaterra de tempos antigos, e especialmente do Reinado de Isabel. Como elles pertendião lançar abaixo o velho, e decrepito Edificio Social Religioso, para levantar sobre as suas ruinas outro mais perfeito, conforme as suas idéas, as ferramentas dos Pedreiros lhes offerecêrão outros tantos symbolos, por onde exprimissem o que desejavão, e ião pondo em prática. Daqui vem a trolha, a esquadria, o prumo; daqui vem o compasso, a regua, e as nivelações, etc. Daqui vem a grande allegoria do Templo de Salomão, o Mestre Hirão, Cabeça, ou Capataz dos Alveneis, que trabalhárão no Templo, o momo das duas grandes columnas com os seus nomes; em huma palavra, imitárão o que os verdadeiros Pedreiros fazem quando se tracta de levantar hum novo edificio; e tudo lhes servio para se entenderem, e explicarem os seus perfidos, e nefandos projectos da nova ordem politica, que intentavão estabelecer na Terra, gemesse quem gemesse. — Ora: eis-aqui, Sr. Despertador, os Pedreiros, e a sua origem, sem Cromwell, sem Templarios, sem Salomão, sem Egypto, e sem Eleusis, e ainda mesmo sem Caim, como quer o Parocho Maçon de S. João de Chester. O Maçonismo he, segundo o sentimento de hum gravissimo Escriptor, hum aborto do Inferno; perdoe V. S. esta asserção; a prova he verdadeira. e innegavel para aquelles, que conservão a sua fé. Sim, Senhor, he hum aborto do Inferno, e o Patriarcha dos Maçons he o Diabo. = Vós sois filhos do Diabo, e quereis cumprir os desejos de vosso pai: era elle homicida desde o principio, e não permanecêo na verdade, porque a verdade não está nelle: quando elle diz a mentira, falla do que he proprio,

porque he mentiroso, e Pai da mentira. = Os Maçons são homens sanguinarios, impostores, e mentirosos, inimigos da Religião, e de todo o Governo legitimo, *ergo* são filhos do Diabo mentiroso, e homicida *Vos ex patre diabolo estis, et desideria patris vestri vultis facere etc.* como o mesmo Jesu Christo o asseverou dos Fariseos, e de todos quantos são tão bons, ou peiores do que os Fariseos; e com isto fica decidida a questão sobre a origem da Maçonaria. *Vos ex patre diabolo estis. S. Joan. C.* 8. 44.

A Ordem, ou Sociedade Maçonica, existindo espalhada, e dispersa por todo o Mundo, em huns paizes mais do que em outros, soffreo (diz o Sr. Despertador) *accusações, e perseguições, que não merecia.* Como o numero dos perversos he muito grande, e maior ainda o dos tolos, que admiração pode haver de que a Sociedade Maçonica se tivesse espalhado pelo mundo inteiro? Esta Corporação compõe-se de membros podres, e gangrenados da Sociedade Civil, e Religiosa, apontados pelo dedo pela sua pessima conducta, pela sua libertinagem de vida, e por isso chamados philosophos, e espiritos fortes; compõe-se tambem de homens ignorantes, posto que exteriormente sejão honestos, e honrados, os quaes se deixárão illudir, e seduzir pelos Irmãos de papo amarello, a fim de engrossar o número dos confrades, e de concorrer com sommas avultadas para a caixa da Confraria. Sendo pois assim, como realmente he, não houve barreiras, que impedissem o progresso deste fogo devorador, que por todo o Mundo achou materias combustiveis para o seu alimento, visto que em todo o Mundo ha máos, e tolos em número infinito. *Stultorum infinitus est numerus. Mundus totus in maligno positus est.* Posto porem que tivesse soffrido em algumas partes accusações, com tudo as perseguições, que se lhe fizerão, não fôrão certamente

proporcionadas á gravidade dos seus perfidos projectos, pela maior parte occultos, nem á grandeza do perigo, em que se achava o Systema Social, e Religioso, que elles surdamente minavão nos seus Clubs secretos. Que importava que os Maçons fossem corridos desta, ou daquella Cidade, deste, ou daquelle Reino; que alguns Veneraveis fossem prezos por dias, ou mezes, se mais importunos que as moscas voltavão ao depois, logo que as circumstancias lhes erão favoraveis, a abrir as suas Lojas nas mesmas Cidades, e Reinos, d'onde tinhão sido enxotados? *A Inglaterra*, diz V. S., *e a França fórão as primeiras Potencias, que deixárão tranquilla a Maçoneria; e, ao exemplo desta, a Allemanha, e a Prussia lhe derão o osculo da paz*: bem caro pagárão ellas os seus osculos pacificos! Nutrírão serpentes no seu seio, que ao depois lhes roêrão as entranhas! Ouçamos o resto: *porque conhecérão por factos, e por experiencia propria que o fanatismo, e a estupidez he que tinhão aguçado a espada contra tão virtuosa, e respeitavel Sociedade.* Mentira descarada do Auctor das Cartas, que o Sr. Despertador copiou *ipsis verbis*, indo atraz daquelle boi do chocalho!! Devião elle, e V. S. dizer: — porque os Soberanos fôrão illudidos pelos seus Ministros d'Estado, em grande parte Maçons, os quaes representárão os seus Irmãos como huns Anjos, sendo elles huns Diabos encobertos; porque nesse tempo os Maçons ainda não tinhão botado as mãoszinhas de fora, guardavão o mais restricto segredo sobre as suas pessoas, e as dos seus confrades, e igualmente sobre os objectos das suas maquinações; porque elles não fallavão senão em virtudes, em beneficencia, em mutuo apoio, e negavão a pés juntos que tivessem em vistas nos seus Clubs perturbar de modo algum a tranquillidade, e a segurança do Governo. Mas, não obstante os seus protestos, corrião por toda a parte

vehementes suspeitas de serem revoltosos, e impios; e por essas suspeitas já erão perseguidos, e prohibidas as Lojas na Prussia. Ouça V. S. o Maçon Bielfeld, que não me deixará mentir. Diz elle na Carta IV: = contâmos não nos demorar muito em Brunswick, porque ha aqui de mais huma Cabeça Coroada, que poderá descobrir que temos recebido na nossa Ordem o Principe seu Filho, e no seu máo humor pode faltar ao respeito aos muito Veneraveis. = Com este susto a cambada dos Impostores, que havião seduzido ao Principe, no dia seguinte á recepção de Frederico, abalárão para Hamburgo, levando o grande bahû, que encerrava as Insignias, e demais Ferramentas da Ordem, e que tantos medos lhes causou, quando o Official da Alfandega da Porta de Brunswick o quiz abrir para examinar, o que dentro delle havia, custando-lhes bons vintens safarem-se da tal entalação, em que tiverão frios, e febres; e mais terião, se o velho Frederico I soubesse que o Principe seu Filho tinha sido enganado pelos taes maganões. Quando chegar a occasião de fallar outra vez de Frederico II, direi o mais, que resta a dizer deste Grande Rei, e como elle veio a conhecer quem erão os Maçons; entre tanto fique V. S. na certeza de que não nos engana com as suas imposturas, e sofismas; porque, se a Maçonaria foi tolerada em alguns Estados, ou permittida em outros, não foi porque os Soberanos conhecessem por factos, e experiencia propria que o fanatismo, e a estupidez he que tinhão aguçado a espada contra tão virtuosa, e respeitavel Sociedade. Não, Senhor, não foi por esta razão, falle a verdade, seja sincero, diga: porque antes da Revolução Franceza a Maçoneria ainda não era bem conhecida; era sim tida geralmente por Sociedade suspeita, porem não convencida de tanta perversidade, quanta hoje todos sabem que ella nutre em seu seio.

Os crimes, que se lhe imputavão, erão os seguintes = o segredo, que os Maçons guardavão nas suas Assembléas, = como se isto fosse prova de maldade!!! = Caspite, Senhor Despertador. Agora he que brilhou. Quando não fosse prova, não he ao menos motivo de suspeita? Não, replica V. S., dizendo: *onde ha Sociedade, ou Tribunal, em que não exista o segredo? E segue-se que, pelo haver, he nociva a Sociedade?* Sim, Senhor; sim, Senhor: em toda a Sociedade, que he approvada pelo Governo; em todo o Tribunal creado pelo Imperante, o segredo, que alli se exige, he legitimo, util, e necessario; porem n'huma Sociedade reprovada pelo Governo, e que recusa obstinadamente apresentar-lhe os seus Estatutos, e patentear os seus Dogmas, os seus fins, e os seus trabalhos, o segredo, que nella ha, alem de torna-la suspeitosa, e temivel, ainda a faz mais criminosa pela obstinada desobediencia ás Leis, que prohibem as Sociedades secretas. Se os meios, e os fins do Instituto Maçonico são honestos, justos, e sanctos, para que he tanta obstinação em guardar inviolavelmente o segredo dos seus trabalhos? Alem disto: quem dêo aos Maçons a faculdade de imporem a pena de morte aos seus Irmãos, que quebrantarem o segredo dos seus conventiculos? Sabendo elles tantas cousas, como filhos, que se dizem ser, da Luz, não sabem que a sancção penal he hum acto da Soberania, e que nenhum particular, nem Congregação alguma pode, sem cometter gravissimo attentado contra a Authoridade Soberana, impôr pena de morte a alguem? Quando não houvessem outros motivos contra a Sociedade Maçonica, só esta usurpação do Direito da legitima Authoridade Magestatica he bastante para dever ella ser banida, e exterminada da face da terra. A tal excesso de demencia, e cegueira são levados os Maçons na contumacia do seu segredo, que até no leito

da morte recusão os Sacramentos, e preferem a condemnação eterna á revelação, ao Sacerdote das suas iniquidades Maçonicas; que lastima! que desgraça! A' vista disto, Sr. Despertador, não será politica, e religiosamente nociva, execravel, e digna dos anathemas da Igreja, e do mais severo castigo civil, semelhante Sociedade, que exige com tanto rigôr, que guarda com tanta obstinação hum segredo contrario a todas as Leis Divinas, e Humanas? V. S. não esperava certamente por esta tosquiadura; pois a que se segue não lhe fará arder menos a pelle.

Diz V. S. que o outro crime, que se imputava contra o Maçonismo consistia em — *Que o juramento para guardar os Estatutos da Sociedade era contra as leis civis.* E accrescenta: *como se o juramento promissorio não estivesse em uso, mesmo nas Sociedades de Commercio, e Companhias de Seguros, etc., pelo qual os socios promettem guardar os seus ajustes.* Isto he o que se chama saber o jogo! Senhor Despertador, verdade, verdade, nada de sophisma, nada de cavillação. O Juramento promissorio está em uso, e he licito, e necessario nas Sociedades, e Companhias approvadas, e authorisadas pelo Governo; e este juramento he permittido para o bem da Sociedade em particular, e do Estado em geral. Ora os Senhores Maçons ainda não apresentárão o Decreto, que approve a sua Sociedade, e os seus Estatutos, e Ritos, nem tambem que lhes permittisse exigir o juramento promissorio, comminatorio, e execratorio, tão horroroso, como impio. Logo: tanto os que exigem, como os que prestão semelhante juramento, tornão-se réos de sacrilego perjurio contra Deos, e contra o Soberano. Sim, Senhor, he regra certa que todo aquelle, que promette fazer huma cousa intrinsecamente má, ou que impede maior bem, he perjuro; igualmente o que guarda o juramento

assim feito não faz outra cousa mais do que accumular iniquidade sobre iniquidade, peccado sobre peccado. Os Maçons jurão padecer a morte dada por si mesmo, ou por outro, em pena da revelação do segredo; o suicidio he detestado, e prohibido pela Lei Natural, e pelas Leis Positivas Divinas, e Humanas; porque, sendo de Deos a nossa vida, tambem he de Deos a nossa alma, o nosso corpo, e a nossa honra, e nenhum destes bens podemos perder, ou expór a perder só pela nossa vontade. Alem disto: o poder de pedir juramento solemne somente reside nos Superiores dados por Deos, e nos Juizes, a quem elles o tem delegado para o bem da Sociedade. Logo: o jurar sem utilidade, e necessidade, he crime contra a Soberania; e que se dirá dos que jurão resistir ao Supremo Poder, obrigando-se a hum segredo inviolavel, e promettendo viver sempre em huma Congregação suspeita, prohibida, e condemnada pela Igreja, e pelo Estado? Tambem poderão negar os Franc-Maçons que das suas mesmas Lojas sahe a morte, e que esta he executada em virtude do seu juramento, não pela Authoridade pública, que elles não tem, mas pela Authoridade privada delles mesmos, que se erigem em Juizes, e verdugos dos seus Irmãos? E não he isto, Sr. Despertador, hum enormissimo attentado contra Deos, unico Senhor absoluto das nossas vidas, e contra os Soberanos, a quem a Sua Divina Magestade confiou esta porção do seu Poder para o regulamento, e bem da Sociedade Publica? E não será igualmente hum crime digno do mais severo, e exemplar castigo, privar a mesma Sociedade de hum dos seus membros, sem o consentimento da Nação, e contra as Leis, e a Constituição do Estado? Parece que não he necessario saber muito Direito Civil, e Canonico, e muita Theologia para conhecer estas verdades, e por consequencia para se affirmar com to-

da a certeza moral que a Sociedade Maçonica he criminosissima, prestando tal juramento com real, e verdadeira profanação do Sancto Nome de Deos, para fins tão abominaveis, como V. S. sabe, melhor do que eu, quaes elles sejão. Tambem não he preciso hum discurso muito atilado para se perceber que não se pode empregar vinculo tão Sagrado em Sociedades de homens, a quem he indifferente a verdadeira Religião, para encobrir virtudes, que pratiquem, e acções boas, que obrem. *Jura, perjura, secretum prodere noli.* Tal he o thema da impiedade Maçonica; e á vista disto quem poderá negar que o Sr. Despertador tenha razão ás carradas para se enfurecer contra esses ignorantes, perversos, e malvados, que tanto desacreditão, calumnião, e detestão a Pia, Devota, e Sancta Irmandade do Arquitecto Supremo? Parece que V. S. nascêo para Advogado, e Apologista das serpentes, dos tigres, e dos leões!

Como hum absurdo chama por outro absurdo, o Sr. Despertador, quando se propoz a escrever o seu Extraordinario N.° 3, assentou lá comsigo que escrevia para estupidos, e patolas, que engulissem facilmente as suas patranhas, sophismas, e paralogismos; e por esta razão foi pondo no papel quanto lhe veio á cabeça, ou achou no boi do Chocalho, quer encaixasse, quer não: destes desencaixes he a quartada seguinte: *Nem o juramento Maçonicó he extorquido violentamente; o Candidato, quando pertende ser admittido, he o mesmo, que se offerece a jurar que há de cumprir com as condições da Sociedade, que antes do juramento se lhe explicão, segundo o seu gráo.* Muito bem! Conforme as regras da moralidade, toda a acção má, e peccaminosa, quanto mais voluntaria, e livre he, tanto mais imputavel, e aggravante se torna. O Candidato, offerecendo-se voluntariamente a prestar hum juramento prohibido pelas Leis Divinas, e Huma-

nas, exigido por huma Sociedade defesa pelas mesmas Leis, e por isso sem direito algum de exigir semelhante juramento, augmenta a enormidade do seu crime, e se faz mais culpado aos olhos de Deos, e perante as Leis. Logo: toda a Sociedade Maçonica, que tal juramento propõe, exige, e acceita, se constitue ré do perjurio, e do gravissimo crime de tomar o Sacro-Sancto Nome de Deos em vão; e desta sorte profana a Sanctidade do juramento, que somente he permittido dar-se com verdade, com justiça, e com juizo. *Jurabis, dicit Dominus, in veritate, in justitia, et in judicio.* Se esta quartada do Sr. Despertador he contraproducente, quanto não he ridicula, e miseravel a conclusão della? *Que antes do juramento se lhe explicão.* Que? Assim se insulta a credulidade pública? Assim se zomba do senso commum? Quando V. S. escrevêo esta falsidade, não lhe occorrêo que algum Leitor Profano lhe retorquisse com esta illação: *ergo* os Maçons são huns pedaços d'asnos, que explicão os mysterios da sua Ordem aos Candidatos, primeiro que elles fiquem seguros pelo bico com o juramento de guardar o segredo? Se houver hum Candidato, que, depois de ser senhor do segredo, cheio de horror recuse jurar? Ou elle revela o sigillo, ou he obrigado a prestar violentamente o juramento, ou o matão. No 1.° caso lá vai pelos ares o mimoso segredinho tão recatado aos profanos; no 2.° verifica-se a falsidade da quartada: *não he extorquido violentamente*; no 3.° apparecerá hum horrendo crime de homicidio perpetrado por huma Sociedade, que se diz *Virtuosa.* A explicação, que se faz ao Maçon Aprendiz, he de cousas burlescas, e indifferentes, como por exemplo: o que he huma Loja simples, justa, ou perfeita; porque se põe nem nú, nem vestido; porque se lhe tirão todas as peças de ouro, ou de prata; porque se acalcanha o çapato esquerdo, se põe nú o joe-

lho sobre a esquadria, etc , cousas sem consequencia, e que excitão riso. Não sei que desgraça foi a sua, Sr. Despertador, de que nesta Folha tão Extraordinaria não escrevesse huma só regra, em a qual não se encontre ou huma contradicção, ou mentira, ou calumnia, ou impiedade. Irra! Que filho da Luz tão cego, e tenebroso! Maldita Luz, que tão escaça és para teu filho, que o obrigas a bater com a cabeça pelas paredes, e a despenharse de barranco em barranco! Então arde-lhe a pelle com esta tosquia, ou não?

Apparece agora outro desproposito digno de igual esmola; sim, de esmola, porque a correcção he esmola. Diz V. S. *que por ser a Maçoneria huma Sociedade occulta, era reputada Heretica.* O homem das Cartas de Londres, ou o Boi do Chocalho, que guiou o Sr. Despertador, ou não lêo a Bulla do SS. Padre Benedicto XIV, ou de proposito alterou-a, supprimindo estas palavras, *suspeita de maldade, e de perversidade.* O Texto he o seguinte: *Quicumque eisdem (Societatibus) nomina darent, pravitatis, et perversionis notam incurrerent.* Isto he, que os Maçons erão tidos, e havidos por malvados, e perversos. Em Diccionario nenhum *pravitas, et perversitas* significão heresia. Como porem seja conducente ao Despèrtador confundir, e negar a verdade, diz simplesmente que a Maçoneria, por ser Sociedade occulta, era reputada Heretica. E porque se exprime desta sorte? Para melhor illudir, e enganar os seus Leitores. Sim, Senhor, aqui ha duas falsidades: 1.ª a Heresia, de que nem o Papa, nem pessoa alguma condemna os Maçons: 2.ª imputar-se-lhe a Heresia por ser huma Sociedade occulta; e com estas duas falsidades quer V. S. provar que a Maçoneria he huma Sociedade innocente, e virtuosa, e por consequencia perseguida injustamente. A Maçoneria, logo que começou a abrir Lojas nas trevas da noite, e com

toda a cautela de ser presentida, e de ser conhecida a sua doutrina, penetrados os planos, e descobertos os seus fins, todo o mundo se receou della, e começou a clamar contra semelhante Sociedade, como suspeita de machinações contra a Religião, e contra o Estado, não somente nos Paizes Catholicos, mas tambem nos Protestantes. Os Maçons, que se vião acossados, e perseguidos, da sua parte reclamavão que elles erão huns homens honrados, e virtuosos, que respeitavão a Religião do Estado, e que nos seus Clubs nada se tractava relativo ao Governo, e á Authoridade do Soberano. Como porem as suspeitas cada vez se tornassem mais fortes, e vehementes contra os taes santinhos, não só pela immoralidade, e libertinagem da conducta pública de cada hum delles, mas ainda pela pertinacia, com que guardavão o segredo dos seus mysterios, alguns Soberanos Catholicos recorrêrão á Sancta Sé para condemnar esta Seita, e apartar os Fieis de entrar em semelhante Corporação. O Sanctissimo Padre Clemente XII pela sua Bulla de 27 de Abril de 1738 anathematisou os Pedreiros Livres, e o mesmo anathema fulminou o Sanctissimo Padre Benedicto XIV, confirmando, e roborando o que o seu Predecessor havia decretado 13 annos antes. Esta segunda Bulla, de 17 de Maio de 1751, he mais ampla, e explicita, e nella se expendem os motivos, por que se condemna a Ordem Maçonica, ou dos Pedreiros Livres. Os motivos da condemnação são os seguintes. I. Que nas Assembléas dos Franc-Maçons se ajuntão pessoas de differentes Religiões, e Seitas, o que he nocivo aos Catholicos. II. Que ha na Sociedade Maçonica hum estreito vinculo de segredo, e que, como occulta, se reputa criminosa. III. Que os Socios se obrigão por juramento a guardar o segredo, o que he contra as Leis da Religião, e do Estado. IV. Que taes Sociedades são oppos-

tas aos principios do Direito Canonico, e Civil. V. Que esta Sociedade fôra já prohibida por alguns Principes Seculares nos seus Estados. VI. Que os homens bons julgão mal desta Sociedade. Taes os fundamentos, com que o Papa Benedicto XIV, como Pai dos Fieis, e como Soberano dos seus Estados, se determinou a condemnar a Maçoneria, tal qual era naquelle tempo, ainda pouco conhecida, porem assás suspeita de muita maldade, e de fins sinistros. Que diria esse Respeitavel, e Sabio Pontifice, se vivesse depois da Revolução Franceza, se visse os tempos de Pio VI, e de Pio VII, e presenciasse os estragos, que esta Seita tem feito pela Europa, e pelo Mundo inteiro? Quantos motivos não teria para hum cento de Bullas, se, attenta a perversidade destes impios, as Bullas fossem bastantes para os aterrar, e extinguir a sua detestavel Seita Maçonica? Gritem embora os Pedreiros, e o Sr. Despertador juntamente com elles, que não são Hereges, e que por esse motivo não podem ser condemnados pela Igreja. A Igreja não condemna só os Hereges, condemna tambem os máos Christãos, os desobedientes, os apostatas, os libertinos, os rebeldes, os anarchistas, os conspiradores, etc. Se os Srs. Maçons não querem ser Hereges, escolhão desta lista, e digão em que classe della se comprehendem. Catholicos Romanos não são certamente; as suas obras, e os seus impios Escriptos assim o contestão.

Como o Sr. Despertador não deixou porta, onde não fosse bater para pedir cabedal, com que justificasse a Maçoneria, que até se lembrou das Sociedades occultas dos Christãos da primitiva, bem he que eu lhe advirta que aquelles Fieis, tão perfeitos, e tão sanctos, tão humildes como obedientes, posto que se escondessem do furor dos Gentios, nunca repugnárão justificar a sanctidade da sua Doutrina, e a innocencia da sua vida pe-

rante os Governos, de que elles erão subditos fidelissimos, dando-lhes a conhecer em eloquentes Apologias dos Justinos, dos Tertullianos, dos Eusebios, dos Minucios, dos Arnobios, dos Lactancios, dos Cyrillos, etc., que ainda nos restão para consolação dos Christãos, e confusão dos Incredulos, quaes erão os seus sentimentos religiosos, a sua liturgia, a sua piedade, o seu culto, os seus mysterios, e a sua conducta civil. E que tem feito os Maçons? Apologias da qualidade da do Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3, copiadas de outras *ejusdem furfuris*, recheadas de mentiras, de calumnias, de sofismas, de impiedades, negando sempre o que são, e confessando o que não são. Se os Governos, com toda a razão, e direito, lhes pedem os seus Estatutos secretos, e ordenão que publiquem os seus occultos mysterios, e trabalhos das trevas, isso não, respondem elles; antes morrer, do que revelar aos profanos as obras dos filhos da Luz; e ainda mesmo naquelles Paizes, onde elles são tantos como os mosquitos, onde vivem com plena liberdade, e com Lojas públicas, onde estão continuamente trabalhando para lançar por terra os Thronos, e os Altares, de modo nenhum manifestão os seus segredos impios, e revolucionarios. E queixão-se de que são tractados por Hereges, e perseguidos por vagos rumores, por intrigas, e maldades dos Clerigos, e dos Frades! Ah! Brasileiros, Brasileiros, levantai as mãos para o Ceo, e agradecei a Deos o terdes conhecido a tempo estes amigos! A historia desde 30 annos he a fiel testemunha, que depõe contra essa raça Maçonica; e contra tão verdadeiro depoimento não pode prevalecer a chicana, nem a malicia do mais refinado trampão.

Torna a apparecer o Boi do Chocalho, e o seu fiel copiador agarrando-lhe o rabo, dizendo-nos com todo o desembaraço Maçonico: *Não podem*

prevalecer para se sustentar de má, e heretica a Sociedade Maçonica as duas Bullas citadas pelo Bispo de Ventimiglia: e porque? *Porque naquelle mesmo tempo foi a Maçoneria abolida pelo Grão Turco, que defende o Alcorão de Mafoma, e não o Evangelho de Jesu Christo.* Despertador, Despertador, onde estás, que não advertes nos barrancos de erros, por onde o Chocalho te vai levando? Ora dize-me: que opposição ha entre o Grão Turco, abolindo nos seus Estados a Maçoneria, com os Papas, para que estes não possão declarar por huma Bulla os Maçons excommungados? Os Turcos, os Herejes, os Pagãos podem, e devem prohibir, assim como os Catholicos, tudo quanto fôr pernicioso á segurança, e á tranquillidade pública, tudo quanto fôr inimigo do Governo, e do Throno: o Papa, como Pastor Supremo do Rebanho de Jesu Christo, pode, e deve prohibir, anathematisar, e castigar com as penas espirituaes, e nos seus Estados Romanos com as penas corporaes, tudo quanto offender a pureza da Fé, a sanctidade da Religião, e o bem de toda a Igreja Catholica, fazendo uso da Authoridade, e do Poder, que recebêra do Divino Salvador, e Redemptor do Mundo, quando disse a S. Pedro: o que ligares sobre a terra será ligado no Ceo, etc Despertador cavilloso, e sophistico, não pode o mesmo crime ser ao mesmo tempo condemnado por duas distinctas Authoridades, e em dous distinctos Fóros? O teu argumento nada prova, ou antes prova de mais, isto he, que a Maçoneria he tão má, tão perniciosa, e tão detestavel, que os mesmos Turcos a não querem lá em Constantinopola, e que se temem della, como da peste, que os flagella de quando em quando. Apezar de que o Filho do Sophi seja Grão-Mestre Maçon em Ispahan, como o Sr. Despertador diz em outro lugar, e apezar de que outras muitas Personagens tenhão entrado nesta Ordem;

(certamente illudidos) não se pode de modo algum inferir que a Maçoneria seja intrinsecamente boa, e virtuosa; porque a bondade de huma cousa consiste em si mesma, e não na authoridade dos que a approvão; o Grão Turco desapprova a Maçoneria, o Filho do Sophi a approva, ambos são Musulmanos, a qual dos dous devemos acreditar? A nenhum delles certamente: devemos examinar neste caso a Maçoneria em si, nos seus effeitos, e nas suas consequencias. Isto fizerão os Papas, tem feito os Reis, e os Imperadores, os Governos os mais bem ordenados, os homens os mais conspicuos em sciencia, e virtude; e até os mesmos Povos por experiencia propria conhecem, e clamão que a Ordem Maçonica, ou a Seita dos Philosophos *Lucernas*, he anti-Christã, conspiradora, revolucionaria, e impia; he hum dos maiores flagellos, com que a Justiça Divina tem castigado os crimes, e peccados dos mortaes; quando porem ella fôr satisfeita, quebrará estas varas, e as lançará no fogo.

O Sr. Despertador, para melhor provar o espirito de verdade, que assevera que o anima, passa a levantar ao Bispo de Vintemiglia hum tremendo aleive! Diz pois com todo o descaramento: *o que he ainda mais para notar, he ver-se que o mesmo Bispo de Vintemiglia, e o seu Commentador Hespanhol, ao mesmo tempo que calumnião a Sociedade Maçonica, confessa o Bispo no §. 5.° da Pastoral que ignorava tudo quanto naquella se passava.* Lêa-se o §. citado da Pastoral de Sua Excellencia: = Mas porquanto os Franc-Maçons publicão em suas Juntas secretas que entre elles se não tracta da minima cousa, que seja contraria á Religião, e aos Soberanos; antes, ao contrario, alli se fomentão os bons costumes: nós, prescindindo disto, e concedendo-lhes (abra bem os olhos, Sr. Despertador) por hum momento, seja certo, o que asseverão, provaremos com clareza, e evidencia por suas mes-

mas Leis que a sua Congregação he intrinsecamente má, e por tanto justamente condemnada pela Sancta Sé Apostolica. = Onde confessa aqui o Bispo que ignorava tudo quanto na Sociedade Maçonica se passava, para merecer de V. S. o insulto de calumniador? Onde estão as palavras *ignoro tudo?* Na cabeça, e no coração do Sr. Despertador, que assim continúa a calumniar, dizendo: *E como se pode entender reprovar huma cousa, que se não conhece, e chamar Hereges aos Membros de huma Sociedade, cujos principios confessa ignorar?* A resposta, que isto tem, he a continuação do mesmo §. 5.° = Para isto se mostrar basta só reflectir que a maxima principal dos Franc-Maçons, e todo o fundamento da sua Congregação consiste na observancia de hum inviolavel segredo, o qual se obrigão a guardar, pondo as mãos sobre o Evangelho de S. João, fazendo para esse fim hum terrivel Juramento a Deos como Primeiro Arquitecto da Natureza, sujeitando-se a que, se o quebrantarem, lhes seja arrancada a lingua, despedaçado o coração, e o seu corpo queimado, e reduzido a cinzas; e isto só com o fim de que o arcano de seu Instituto jámais chegue a publicar-se entre os homens. A Eterna Sabedoria nos ensina nestes termos: Todos os que obrão o mal aborrecem a luz, e não se manifestão para que se não vejão as suas más obras, temendo ser reprehendidos; porem os que obrão bem não recusão sahir ao público, nem que as suas obras sejão vistas de todos, porque estas são feitas segundo Deos manda. S. João Cap. 3. 20. 21. Esta he huma maxima solemne da Religião Christã, e á qual directamente se oppõe o Juramento dos Maçons. Daqui se conclue contra elles que são huns insensatos, que caminhão nas trevas, e que a sua Congregação he a estrada de homens impios, que correm a hum inopinado precipicio. *Via impiorum tenebrosa, nesciunt ubi cor-*

ruant. Eccl. Cap. 4. 19. Por esta não esperava o Sr. Despertador. Então que poderia dizer a isto? Quem he o calumniador? O homem do Chocalho, e V. S., que o copiou, ou o Ex.mo Bispo de Vintemiglia? Quanto porem ao que diz respeito ao Frade Hespanhol, que V. S. affirma falsamente que commentou a Pastoral, ouça tambem ás suas palavras: = Quem desejar saber o Instituto dos Franc-Maçons pergunte-o a elles; e, a ouvi-los, julgará ser hum Compendio de Moral Christã. = Seguem-se os versos Latinos, que na Traducção Portugueza estão tambem em versos, e remata o §. dizendo: elles pertendem allucinar o Publico com maximas, que em tudo respirão virtude. = Logo: o Frade sabia Latim, e tambem sabia o que dizia; e V. S. só sabe defender a sua Confraria, como se defendem os zorrilhos, com a pestilencial urina da calumnia. O fetido do seu Despertador já he tanto, e infernal, que não posso mais soffre-lo por agora. Largo pois a penna, e vou respirar o bello ar do meu visinho Corcovado: cedo lhe remetterei 3.ª Carta, respectiva aos crimes, e conspirações, que V. S. affirma dizer a Historia, que os Padres tem feito contra o Governo.

Quinta do Corcovado aos 9 de Abril de 1825.

O que vê, e não ouve.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA TERCEIRA.

Senhor Despertador Constitucional.

Demorei-me mais do que desejava em enviar a V. S. esta 3.ª Carta, porque foi necessario mandar passar pela pedra a navalha da critica, que ficou assás embotada pelo muito, que trabalhou na Carta antecedente, a fim de levar logo de hum talho essa massaroca de lã, que o seu Despertador tem dependurada do lugar do coração, e que ficára intacta, não sei se pelo nojo, que o erudito, e zelozo Anti-Maçon teve de tocar nella; mas eu, que desejo ver a V. S. bem tosquiado, e limpo dessa immundicia, e não sou melindroso, passo a fazer-lhe a caridade. Tenha paciencia, que, quem dá, leva sacco para aparar. Dizem-me que V. S. he velho, turrão, e cabeçudo, e que por isso eu perco o meu trabalho. Não importa: se o perder com V. S., não o perderei com alguem, que podesse ficar enganado, e seduzido com as maliciosas exagerações, e denegridas cores, com que o seu Despertador pintou, e desacreditou todo o Estado Ecclesiastico, querendo justificar a Maçoneria com dispendio da honra, do respeito, e da veneração devida aos Ungidos do Senhor. Ora diga-me, Ill.mo, por que motivo hão de pagar os Frades todas as suas desavenças com Franklin? Por que razão hão de ser maltractados os Ecclesiasticos todos, porque alguns delles escreverão contra a Confraria Maçonica? Porque causa todos os Papas hão de ser enxovalhados, porque houverão tres Bullas, que condemnão os Maçons, e os seus Primos Carbonarios? Quem obra com tanta injus-

tiça, e com tanto odio iniquo, não póde, nem deve jactar-se de Maçon virtuoso, veneravel, e filho da luz; se he que a Maçoneria concede aos seus Adeptos dotes tão brilhantes. Veja agora se tenho razão, ou não, de assim o dizer, e se a analyse do seu Folheto não depõe a meu favor. Diz V. S.:

Grande parte de Ecclesiasticos ignorantes, que tem escripto contra a Sociedade Maçonica, appellidão os seus membros entre outras invectivas = perturbadores, e conspiradores = mas nenhum ainda apontou huma Conspiração, que procedesse da Maçoneria. São tantas, e tão multiplicadas as provas, até na mesma Inglaterra, de que o fim da Sociedade Maçonica em geral he perturbar os Povos com a nova doutrina da Liberdade e Igualdade, e de conspirar contra todas as Authoridades legitimas, que não he por outros motivos que ella tem sido corrida, e exterminada de muitas partes da Europa, e anda prófuga, e vagabunda pela terra. Quantas Conspirações não apontou o Abbade Barruel, quantas o Padre Macedo, quantas o Auctor do Punhal dos Corcundas, quantas o grande Orador Burke, mas não he Ecclesiasto, quantas o Conde Ferrand, que tambem não he Ecclesiastico, quantas todos os Escriptores da Revolução Franceza, da Hespanhola, da Napolitana, da Portugueza, da... da..., e de quantas nós mesmos não temos sido, pelos nossos peccados, testemunhas, acontecidas nos nossos dias, e realisadas aos nossos olhos por todo o Brasil? E não he mesmo huma Conspiração o Despertador Constitucional Extraordinario N. 3? Que mais quer V. S. que o seu mesmo Folheto perturbador, e conspirador? Diga-me: Não são da Irmandade Maçonica, e nella não tem distincto lugar os Correios, Sentinellas do Recife, e da Praia Grande, etc.? Não são da Irmandade esse bando de Harpias fedorentas, que por castigo cahio sobre o Brasil, chamados elles Liberaes, Democratas, Republicanos,

Federaes, Maçons, e todos Maçons, contra quem o nosso Piedoso Eneas se acha em combate ha 4 annos, sem as poder affugentar do Solo do Imperio Brasileiro? Não erão perturbadores, e conspiradores essa grande parte de Deputados, principalmente das Provincias do Norte, que vierão armados com os livrinhos de Rousseau, de Voltaire, de Payne, de Mably, e de Condorcet, etc. a decidir da nossa sorte na Assembléa Constituinte e Legislativa, onde proferirão tantas impiedades, e indicarão tantos absurdos politicos, que dentro de poucos mezes fez todo o Povo desta Corte desejar ve-los corridos do *Soberano* Salão, antes que dessem com o Imperio do Brasil nos abysmos da anarchia, e da irreligião? Não erão perturbadores, e conspiradores esses Maçons insensatos, e furiosos, que esvoaçados daqui do Rio de Janeiro levárão na mão acceso o archote da rebellião para Pernambuco, Ceará, e outras Provincias do Norte, prégando por toda a parte a Confederação do Equador, pondo aquelles Povos em declarada desobediencia ao Imperador, que elles já havião Acclamado, e jurado obedecer? Não erão tambem perturbadores, e conspiradores esses Periodiqueiros da Irmandade, que por todo o Brasil publicárão que, se o Senhor D. Pedro I.º era Imperador, o devia unicamente á mera vontade, e graça nossa, sem attenção alguma a qualquer direito, ou merecimento? Que não convinha, que tivesse Elle imperio algum sobre a força armada de mar e terra, nem o poder de nomear os Presidentes das Provincias, Governadores, Magistrados, etc.? Não erão perturbadores, e conspiradores esses Maçons ardilosos, que, não podendo embaraçar a Acclamação de S. M. I., recorrerão á traiçoeira astucia do juramento previo de sujeitar-se o mesmo Augusto Senhor ás Determinações, e Decretos da futura Assembléa Constituinte? Não erão perturbadores, e conspiradores esses Deputados Maçons,

que negarão a S. M. o Imperador do Brasil, legitimamente Acclamado, e reconhecido pela Nação, o entrar na Assembléa com a Corôa Imperial na Cabeça no 1.º dia da Installação, a 3 de Maio de 1823? Os que lhe negarão o *Veto*, os que proposerão a Sessão permanente por mais de 30 horas, atiçando as paixões da populaça com clamores de vingança, vingança? Mas para que me canço em apontar as conspirações da Maçoneria, estas acontecidas aqui, e outras em Portugal, na Hespanha, em França, etc. tão infinitas em numero, e variedade, que podem formar mil volumes em folio, se para os Senhores Maçons são bagatellas, ou antes patriotismo, amor, e zelo pelo Povo, defeza da humanidade, e outras cousinhas mais, que dizem com toda a malicia, e dolo? Quem não os conhecer que os compre. Eu porem, e muita, e muita Gente boa, que já os conhecemos por experiencia, certamente por elles não daremos hum real. As conspirações dos Ecclesiasticos, isso sim, que são horrorosas, e dignas de severissimo castigo; ha muito que não devia haver sobre a terra hum só Clerigo, hum só Frade, assim como tambem esses fanaticos Tyrannos, que os consentem, e delles se servem para desgraça do Genero Humano; tempo virá que das tripas do ultimo Padre se fará a corda para enforcar o derradeiro Rei! Os Maçons sim que são gente, e amigos da gente, elles não fazem perturbações, nem conspirações: a sua Moral está intacta: os Padres não; e para prova oução o que diz o Sr. Despertador: *Os Jesuitas forão juridicamente convencidos de excitarem o assassinio premeditado em ElRei o Senhor D. José* 1.º Como está V. S. tão politico! Falle a verdade, diga, em lugar de convencidos, forão suspeitos; por cuja razão não se publicou a sentença dos 3, ou 4, que forão involvidos nessa horrorosa Conspiração. Oh! Se o Marquez de Pombal pilhasse provas convincentes, se não serião elles

mortos a maço, como forão os Fidalgos? Alem disto: quatro Jesuitas não são todos os Jesuitas, todos os Jesuitas não são todos os Ecclesiasticos; mais sinceridade, Senhor Despertador, mais logica, e menos paixão.

Segue-se outra animosidade mais rebuçada, e mais avelhacada: *A Inqutsição no Reinado do Sr. D. João IV. tramou huma Conspiração contra este Monarcha com o designio de o matar, e de entregar o Reino á Hespanha.* He falso que fosse a Inquisição, que tramou a Conspiração; ella foi tramada por alguns Fidalgos inimigos da Casa de Bragança, e invejosos de ter ella subido ao Throno. Vejamos como o Sr. Despertador prova a sua calumnia. *As cartas de communicação sobre este objecto com os Hespanhoes* (Diz V. S.) *forão apanhadas, as quaes erão selladas com o Sello do Sancto Officio de Lisboa.* Esta prova he suspeita de falsidade, ou ao menos he duvidosa. Vamos á Historia. = Nunca se soube realmente como ElRei descobrio a Conjuração. Corrêrão por Lisboa differentes rumores: 1.° que se descobrio por denuncia, que derão de hum Judeo, rico Negociante, chamado Bessa, ou Baeza: 2.° que em Badajoz se abrirão Cartas selladas com o Sello do Sancto Officio, e por ellas se veio no conhecimento da conspiração: 3.° que he o mais certo, e mais digno de credito, dizem os Historiadores que o Conde de Vimioso, sendo convidado por hum Fidalgo seu parente para entrar na Conjuração, a fôra delatar ao Rei. Mas, como convem ao Sr. Despertador enxovalhar a Inquisição, callou o 1.° e 3.° meio da descoberta desta tramoia, e diz positivamente, de sciencia certa, e authoridade infallivel, que tem o arrojo de negar á mesma Igreja, *que a Inquisição tramou huma Conspiração.* Ora: o Inquisidor Geral não era o Tribunal da Inquisição, o Sello podia muito bem ser o do Inquisidor, e não o do Tribunal; nem consta da Historia que os Depu-

tados d'aquelle Tribunal fossem prezos, nem sentenceados, excepto o Bispo Inquisidor Geral. *Ac per consequens*, ou he falso o que o Senhor Despertador affirma, ou, ao menos, duvidoso. *Os Principaes Chefes desta Conspiração*, continua V. S. a impostura, *forão o Inquisidor Geral, e o Arcebispo de Braga, e outros muitos Ecclesiasticos, os quaes não erão Maçons.* Onde ficou, pergunto eu, o Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, D. Francisco Manoel, e outros muitos Fidalgos, Negociantes, Militares, etc. que não erão Ecclesiasticos? Que tal he o nosso velho da Montanha, e o espirito de verdade, com que diz que escreve! Que bello para escrever a Historia do Imperio do Brasil!!!

Em França o Dominicano Jacques Clemente, diz V. S., *assassinou o Rei Henrique 3.° sendo mandado pela sua Religião.* Tal mandado não consta da Historia; o assassino foi immediatamente morto: e a suspeita recahío sobre os chefes da Liga. *Quidquid sit*, huma andorinha não faz verão. Vamos avante. *Outros taes Ecclesiasticos forão os que mandárão assassinar o Principe de Orange, a Luiz XV. de França, e a outros muitos Monarchas.* Mentira, mentira, mentira. O Principe de Orange foi mandado assassinar pelo Arquiduque Ernesto: visto que o não podia vencer em campo de batalha, recorreo á traição, servindo-se para isto de hum pagem do Principe. O Arquiduque não era Ecclesiastico. Ravaillac, e Damiens não confessarão quem erão os auctores, e complices do seu crime, houve indicios, mas elles não recahirão sobre pessoas Ecclesiasticas; quanto aos outros muitos Monarchas appareção os seus nomes, que facil será mostrar, que os Ecclesiasticos não se tingirão no sangue dos seus Soberanos.

No Reinado d'ElRei D. Manoel, diz V. S., *os Frades do Convento de S. Domingos*.... basta, basta. Sabemos ha muito tempo essa historia; po-

rém o Sr. Despertador exagerou, dizendo, *os Frades do Convento*; no Convento havião muitos Frades, e os cabeças desse tumulto forão unicamente dous, e bem caro pagarão o seu desatino. E porque não disse V. S. que o Clero, e os Religiosos de Lisboa muito trabalharão, e até com perigo das suas vidas, para pacificar o povo, e mais que tudo os mercantes Estrangeiros, que se achavão n'aquelle porto, e que forão os que mais roubarão, e matarão? Lembra-se dos que fizerão o mal, e cala os que fizerão o bem; isto he escrever sem parcialidade, e com nobre simplicidade? Os Frades de S. Domingos pergunta V. S., serião Maçons? E eu tambem pergunto: e o Despertador Constitucional será Judeo, que tanto chora pelos Judeos, e os tracta de Martyres, como se elles tivessem morrido pela fé de Nosso Senhor Jesu Christo? Não he a morte, que faz o Martyr, he a causa.

O Sr. Despertador, para não deixar pedra sobre pedra, nem arbusto defronte de arbusto, salta de hum pulo de Lisboa a Roma, e diz, com o respeito devido ao Vigario de Jesu Christo sobre a terra, como filho que he muito reverente da Igreja, o seguinte: *Da Côrte de Roma os mesmos Pontifices promoverão Conspirações contra muitos Monarchas, involvendo nas maiores desgraças Reinos inteiros.* Para não estar a dar socos no ar, *nego suppositum*, e quando V. S. declarar os nomes desses Pontifices, desses Monarchas, e desses Reinos inteiros, responderei como souber, e poder; porém desde já affirmo, que nunca os Pontifices fizerão Conspirações contra as vidas dos Monarchas, nem contra os direitos e regalias da Magestade Soberana. Sobre este objecto fallarei mais largamente nesta mesma Carta: por agora contente-se com isto, pois tenho muito que tosquiar na sua asserção seguinte.

Qual foi, ou he a Sociedade, onde se estabele-

cem principios tão detestaveis, de que tantos males viessem ao Mundo Catholico, como a do estabelecimento da Inquisição, que em Portugal teve principio no Reinado de João 3.º? Não confunda V. S. Tribunal com Sociedade, ou alhos com bugalhos. A Inquisição não era Sociedade, era hum Tribunal Pontificio, e Regio, creado legitimamente para cohibir, devassar, e castigar os attentados contra a pureza, e sanctidade da Religião; e para manter a segurança, a unidade, e a concordia entre os dous Poderes do Altar, e do Throno, e por consequencia assegurar a paz pública, e a felicidade do Estado. Eu não defendo o excessivo rigor, de que em outros tempos se armara este Tribunal; porém defendo, e defenderei, que elle tivesse causado grandes males ao Mundo Catholico. Se V. S. dissesse ao Mundo Judeo, ao Mundo Mouro, ao Mundo Libertino, ao Mundo Maçon, diria a verdade; mas ao Mundo Catholico! He huma falsidade, e impostura manifesta. Quem jamais foi accusado, encarcerado, penitenciado, e justiçado por professar a Lei de Jesu Christo Nosso Senhor? E por cumprir os Mandamentos de Deos, e os da Sancta Igreja? Ninguem. Accrescenta V. S.? *Por ventura na Sociedade Maçonica pelo seu instituto se reputa a delação como huma acção virtuosa? Obriga-se a que os Paìs accusem os filhos, e os filhos os Paìs, até das suas acções domesticas, os amigos huns aos outros, o marido a mulher, e a mulher o marido, etc. etc?* A isto responde-se invencivelmente. *Salus populi suprema Lex esto.* Quando se tracta do bem geral da Igreja, e do Estado, devem calar-se as leis particulares. A delação he hum mal inevitavel, especialmente em hum grande Imperio; e a Authoridade a mais legitima vê-se algumas vezes obrigada a pesquisar a conducta, dos que ella governa, para que não se corrompa, e pereça o corpo politico, ou religioso da Nação; porém quando o Governo he justo, justos os Mi-

nistros do Imperante, e os seus Tribunaes são compostos de homens rectos, sabios, e de escrupulosa consciencia, para os bons nada ha que temer da delação, seja ella dada por quem quer que for. Os filhos de Noé accusarão o seu Irmão mais moço de impiedade, e de irreverencia contra seu Pai: o casto José tambem delatou a seu Pai o crime pessimo dos seus Irmãos. A Escriptura não os reprehende, antes louva estas delações; se a Maçoneria as abomina, he unicamente quando a delação for dada contra hum Maçon, que conspira contra o Governo, ou que por escripto, palavras, e obras insulta a Religião de seus Pais: em outro qualquer caso a approva, e manda, como necessaria, e virtuosa. Sim, Senhor, as provas disto são immensas na Historia das Revoluções. Em Portugal, por exemplo, no tempo infeliz, em que prevaleceo o delirio Maçonico, chamado Constitucional, os que prégavão o Evangelho em sua pureza não forão denunciados, e castigados pelos homens, que se chamão *Livres*, sem respeito á virtude, sem attenção ás cãs, sem compaixão da enfermidade, sem veneração ao Sacerdocio, e á sublime e sagrada Dignidade de Principe da Igreja? Não forão arrancados violentamente da Patria, dos seus rebanhos, dos seus parentes, e amigos, sem compaixão, nem distincção, nem soccorro algum? Não se abrio huma devassa pública, a mais impia, a mais diabolica, e incrivel desde que o Mundo he Christão, contra os Ministros de Jesu Christo no Sacramento da penitencia; sendo chamados os penitentes a deporem contra os seus confessores, que foi o mesmo que chama-los para deporem contra Jesu Christo Nosso Redemptor, e Salvador, cujo Tribunal da reconciliação só he de Deos, em que só Deos he o que julga, só Deos he quem ouve, só Deos he quem absolve, e só Deos he quem condemna? Tambem acho outras provas em V. S. mesmo. Sim, Senhor, se V. S.,

como Maçon, abomina a delação, porque delatou, e envenenou com as suas notas, como he público, e constante nesta Côrte, a Pastoral do Ex.mo Bispo Capellão Mor publicada nesta ultima visita da sua Diocese? Porque delatou, e gritou no seu Despertador N. 4. contra a correspondencia do Diario Fluminense assignada pelo *Pitada?* Porque se enfureceo contra o Promotor, por não ter já accusado, e chamado aquelle *Pitada* aos Jurados, como incurso nos Artigos 6, 7, 8, 9 da Lei, que V. S. mesmo apontou para fazer a sua delação mais despresivel, e odiosa? Porque em fim procura intrigar o Senado da Camara desta Heroica e Leal Cidade, não sei se com o Povo, se com o Governo, queixando-se V. S. de que não era de esperar que o Illustrissimo Senado guardasse o mais profundo silencio em objecto tão digno, e respeitavel, e de que se devia honrar, e comprazer; mas que de facto o guardou, e nem sequer deo a menor, e pública satisfação, que o desonerasse da critica dos bons Cidadãos, ainda mais quando o plano offerecido não gravava em ponto algum as rendas do mesmo Senado??! (*)

(*) O Brasil não he ingrato, e muito menos ingratissimo, por não ter ainda patenteado ao Mundo a sua gratidão aos immensos beneficios, de que he devedor ao seu Augusto Imperador, o Sr. D. Pedro I., Fundador, e Defensor Perpetuo deste novo Imperio, por meio de huma Estatua Equestre, que leve ás futuras gerações o Nome, a Effigie, e Gloria de hum Heroe Immortal. As circumstancias ainda não permittem fazer-se hum Monumento digno de S. M. I., e digno do Brasil; e entre tanto que chega essa suspirada epoca, S. M. I. dá-se por muito contente, e satisfeito, de que todos os Brasileiros tenhão a sua Augusta Imagem impressa nos seus corações, e a quem rendão a mais submissa, e fiel obediencia, respeito, e amor. *Omnia tempus habent*; e o que se não faz no dia de Sancta Maria, faz-se n'outro dia. O Despertador o que ambiciona he campar por Auctor da Estatua, seja ella como fôr; mas nós o que desejamos he tranquillidade, união, e felicidade geral de todo o Imperio Brasileiro, para então se fazer hum Monumento digno de assombro em perfeição, e magnificencia, e onde não entre conselho, nem dedo de Maçon.

Illaqueatus es verbis oris tui, et captus propriis sermonibus. Prov. 6. 2. Tu te metteste no laço com as palavras da tua bôca, e ficaste preso pelas tuas proprias expressões.

Daqui, daqui para diante he que temos lã para tosquiar ás mãos cheias. Grande Deos! He possivel que hum Catholico tome a linguagem de Luthero, de Calvino, de Socino, e dos mais desbocados, e furiosos hereges, para insultar, e vilipendiar a authoridade, a dignidade do Supremo Pastor do rebanho de Jesu Christo? Sim: V. S., Sr. Despertador, he esse Catholico, que assim se expressa: *Se as Bullas expedidas por Clemente XII. e Benedicto XIV. prohibindo as Sociedades Maçonicas como Hereticas* (o verbo ficou no tinteiro) *fosse isto bastante para se ter por Heretica huma Sociedade, sem outras provas mais que o de se dever seguir, e acreditar a infallibilidade Pontificia Romana... et reliqua*, paremos aqui. Primeiramente he falso que o poder das chaves, que Nosso Senhor Jesu Christo deo a S. Pedro, de ligar, e desligar, isto he, de governar a sua Igreja, se fundasse na infabillibilidade Pontificia Romana. Em segundo lugar he tambem falso que os Papas Clemente XII. e Benedicto XIV. não tivessem outras provas, nem as dessem nos seus Diplomas Anti-Maçons, senão a sua infabillibilidade. Os Summos Pontifices derão 6 causas notorias nesses tempos, sufficientes, e convenientes para condemnar de suspeita de perversidade a Sociedade Maçonica, tal qual era então conhecida; e, se elles vivessem hoje, darião 600; porém nem o SS. Padre Clemente, nem o Seu Successor Benedicto, affirmou que condemnava o Maçonismo em virtude da infallibilidade. Logo, o que o Sr. Despertador tem dicto, além de falso, he ocioso, e insultante. *Neste caso*, accrescenta V. S., *quando o Summo Pontifice Marcellino foi sacrificar aos Idolos, no tempo do Imperador Diocleciano, devião todos os Catholicos acredita-lo;*

e segui-lo. Se V. S. não acreditasse no Boi do Chocalho, e o não seguisse; se não copiasse servilmente o homem das Cartas sobre a Framaçoneria, não poria no papel estas, e outras ridicularias, que, ao mesmo tempo que movem a piedade, excitão a indignação. O facto de S. Marcellino, ainda que não fosse apocrypho, como sentem os melhores Criticos, e com elles o Cardeal Lambertini, como já lhe mostrou o valente e zeloso Anti-Maçon, não he tão feio, como V. S. de proposito o pintou; porque o Sancto Pontifice não foi sacrificar aos Idolos: este seu *foi* denota vontade deliberada, gosto, e satisfação; o Sancto foi levado á força, contra a sua vontade, e bem contra o seu gosto. *Terrore perterritus*, reza a lenda de 26 de Abril, *Deorum simulacris thus adhibuit.* Obrigado do medo da morte offereceo incenso aos Deoses. No que, apezar da coacção, ninguem o deve seguir, e imitar; porém todos o devem seguir, e imitar no heroico exemplo, que elle ao depois deo de penitencia, lavando com o proprio sangue a sua momentanea Idolatria. Mas deixando a historia do Sancto Papa Marcellino, trazida para aqui por V. S. maliciosa, e estultamente, e tambem o que assevera do Papa Alexandre VI.; porque quando Jesu Christo deo a S. Pedro as chaves, não lhe prometteo a impeccabilidade nelle, e nos seus successores, nem a Authoridade Pontificia perde cousa alguma essencial pela indignidade dos Pontifices, como diz S. Leão, *cujus etiam in indigno hœrede non deficit;* passo a responder a V. S. mais diffusamente, copiando os argumentos, com que hum sabio Anti-Maçon esmurrou as ventas do Abbade Medrões (nosso Amigo): diz: = Ainda não lembrou a homem de senso impugnar a obediencia dos Decretos Pontificios, porque os Papas não tem o dom da infallibilidade. Esta doutrina seria applicavel ás Leis Civís, e então hum formidavel golpe se daria na Authoridade suprema

dos dous Poderes, podendo os subditos subtrahir-se á obediencia dos Superiores, e á execução das Leis, a titulo da possibilidade de errarem os Legisladores: quando os mesmos subditos nem podem arrogar-se a infallibilidade, que nos Imperantes se reputa precisa para serem obedecidos. He na verdade o maior dos absurdos que conceba o Medrões (o Despertador, o Chocalho, e toda a Confraria dos Lucernas) na sua imaginação, como razão para se dispensarem os Pedreiros-Livres da sancção das Bullas Apostolicas, a fallibilidade do Papa; e que prescinda desta fallibilidade em si, e nos Pedreiros-Livres, que são Catholicos, e subditos dos Papas, para se reputarem isentos. = Elencho Cap. 3. Que dirá agora V. S. a isto? Nada certamente; porque se me replicar, insistindo em que a fallibilidade he sufficiente motivo para os subditos não obedecerem aos seus Superiores quando legislão, lá vai pelos ares a obediencia, que os Maçons devem aos seus Veneraveis; e ao Venerando Grão Mestre, porque elles estão sujeitos ao erro como homens, que são, ainda que se prezem de filhos da luz. Sr Despertador, para o desempenho das funções do Primado não se quer a impeccabilidade, nem a infallibilidade do Papa; basta que elle seja o legitimo Successor de S. Pedro, e que seja reconhecido por tal pela Igreja Catholica, para ter toda a authoridade, e todo o direito de governar a mesma Igreja, isto he, os Fieis dispersos pelo Mundo inteiro, que são seus filhos, suas ovelhas, e seus subditos. *Pasce oves meus, pasce agnos meos.* Jesu Christo Senhor Nosso confirmou tanto este poder espiritual, e divino, que deo aos seus Apostolos, que disse: quem ouve a vós, ouve a mim; e quem ouve a mim, ouve a meu Pai, que me mandou. *Qui audit vos, audit me, qui audit me, audit eum, qui misit me.* Ora: quem desobedece ao legitimo Superior, desobedece a Deos, que quer a ordem, e a conservação,

tanto da Sociedade politica, como religiosa; por que Deos he o auctor dos Reinos, e Imperios, como tambem da Religião. Os Reinos e Imperios, e tambem a Religião, não podem existir, e conservar-se sem unidade entre as suas partes, e o centro; esta unidade não póde dar-se sem adhesão firme entre as partes humas com as outras, e com o centro, e sómente a obediencia he que póde operar este effeito: para haver obediencia, he necessaria a jurisdicção, ou o direito de exigir a obediencia, e de a obrigar, o que se chama coação; e por isso diz S. Paulo que devemos obedecer aos Superiores, não só por consciencia, mas tambem por temor. Por consequencia, os Senhores Pedreiros são obrigados a obedecer aos Decretos Pontificios, e a fechar as Lojas *non solum propter iram sed etiam propter conscientiam*, e não se lhes importe, se o Papa he, ou não fallivel, se he, ou não impeccavel. Mas o Sr. Despertador, que he Turrão em não querer de modo nenhum obedecer ao Summo Pontifice, ainda que o leve o diabo, mas sómente ao Grão Lama Invisivel do Grande Oriente, porque assim o jurou, passa a recorrer a novos embustes, e estratagemas para sustentar que os Papas forão huns velhacos, e machiavelicos finissimos na condemnação do Maçonismo. Até aqui imputou aos Vigarios de Jesu Christo erros de entendimento, daqui para diante crimina-os de erros de vontade! Que impiedade! Que escandalo!

A indisposição da Corte de Roma, diz V. S., *contra a Maçoneria he porque, ignorando os seus virtuosos Estatutos, desconfiava que esta Sociedade podesse influir na illustração dos Povos naquelles tempos de ignorancia, em que até os que sabião lêr se reputavão por isso feiticeiros.* Mentio descaradamente o Boi do Chocalho; mentio sem pejo o Despertador, que o copiou sem critica alguma. Sim, Senhor, os seculos chamados da Ignorancia forão

aquelles; que decorrerão desde a invasão dos Barbaros na Europa até a época, em que os Turcos se senhoreárão do Imperio Grego tomando Constantinopola. Nestes seculos he verdade que se perdêo o gosto das bellas artes, e das bellas letras; mas a ignorancia não chegou a ser tão disseminada pela Europa, nem ao gráo tão extremo, que se reputassem feiticeiros, os que sabião ler. Nesses tempos, posto que não houvessem tantas Luzes, tanta Filosofia, tanta Mathematica, tanta Fisica, tanta Chimica, e tambem tantos impostores, que escrevessem livrinhos de 8.° e de 12.°, e até de 16.°, que se podem esconder dentro da bota, tão douradinhos, e tão bonitinhos, havia comtudo mais religião, mais fé, mais probidade, mais sanctidade; em huma palavra, não havião Maçons. Nesses tempos apparecêrão os Bentos, os Bernardos, os Franciscos, os Domingos, e outros muitos grandes Sanctos, e Doutores, como S. Thomaz, S. Boaventura, etc.: grandes Reis, grandes Pontifices, finalmente infinitos homens eminentes em tudo, e de todas as classes, estados, e condições. Se o Sr. Despertador duvida, abra qualquer Diccionario Historico-Chronologico, e se convencerá desta verdade; e para mostrar de huma véz que esses tempos não erão de tanta ignorancia, como se diz, e que talvez fossem mais felizes do que os nossos, basta dizer-se que então não havião Maçons, ou Pedreiros-Livres, nem Filosofos Liberaes, que se conspirassem contra os Altares de Deos vivo, nem contra os Thronos dos Reis da terra. Logo a Corte de Roma nesses tempos não podia ter indisposição alguma contra a Maçoneria, que não existia ainda; nem se podia então presumir que nos seculos 17.° 18.° e 19.°, em que estamos, havião de apparecer homens, que com a luz no rabo, como os pirilampos, tivessem a audacia de quererem illuminar o Mundo, vangloriando-se de filhos da Luz; porque a 1.ª Bulla con-

tra a Maçoneria he do Papa Clemente XII. passada em Roma em 1738: *ac per consequens* tudo quanto disse o Sr. Despertador he despropósito, e falsidade evidentissima; he effeito do seu odio mortal *adversus Dominum, et adversus Christum ejus.* Não parou aqui a impiedade, prosegue dizendo:

Ignorancia, á sombra da qual os Papas até desobrigavão os Povos do juramento de fidelidade para com os seus Reis, e em fazer acreditar os seus interdictos, e excommunhões, que nem ligavão, nem podião ligar. Que tal o Catholico Maçon! E queixão-se dos Papas os condemnar, fallando elles tão desbocadamente? Neste pequeno periodo temos duas cousas, que tosquiar; a 1.ª o zelo de Judas, a 2.ª a blasfemia Heretica. Vamos á 1.ª He certo que por muitos seculos, especialmente depois que os Papas tiverão Estados independentes para maior esplendor, e mais liberdade da Igreja, houve grandes luctas, e dissenções entre o Sacerdocio, e o Imperio, ambicionando os Papas arrogar a si muitos direitos, que lhes não competião, e pertendendo os Reis usurpar da Igreja outros, que lhes não erão dados, esquecidos huns e outros da doutrina de Nosso Senhor Jesu Christo = dai a Deos o que he de Deos, e a Cezar o que he de Cezar. Estas luctas não nascêrão sómente da ignorancia, como diz o Sr. Despertador: as paixões, e os interesses muito concorrião para ellas, e as fomentavão; e se algumas vezes aconteceo acabarem pela deposição de algum Soberano, e com a desobrigação do juramento de fidelidade dos seus vassallos, foi porque os mesmos Povos recorrião ao Papa para que decidisse as suas controversias. Exemplo temos em Portugal com D. Sancho 2.º chamado o Capello, e os Portuguezes seus vassallos. O mesmo praticárão os Soberanos convocando Concilios para deporem os Anti-Papas nos tempos dos Scismas da Igreja. Mas que tem estes, e

outros factos analogos para excitar o zelo de Judas, ainda mais que Farisaico, em hum Maçon, cuja Sociedade professa odio mortal contra a Tiara, e as Corôas, e que jura matar os Pontifices e os Reis? Cuja Ordem Maçonica pertende enthronisar por todo o Mundo a impiedade, e a anarchia, debaixo do especioso nome de Liberdade, e de Igualdade? O que pertende o Despertador he tornar os Papas odiosos, mostrando que, assim como pela sua ignorancia, e malicia depunhão os Reis, e absolvião do juramento de fidelidade os seus vassallos sem direito algum justo, da mesma sorte elles fazem huma grande injustiça, e comettem hum attentado contra a humanidade, condemnando, e excomungando a Seita dos Pedreiros Livres: eis-aqui a melgueira bem facil de se dar nella. Passemos agora á 2.ª blasfemia Heretica. Os interdictos, e excomunhões lançadas pelos Papas, e pelos Bispos, por crimes de desobediencia á Igreja, ligão, e tem toda a força de ligar. Funda se esta força, e poder na authoridade, e jurisdicção, que Jesu Christo concedeo á sua Igreja, dizendo: o que ligares sobre a terra, será ligado no Ceo. E por isso S. João Chrysostomo na Hom. á Epistola de S. Paulo aos Hebreos adverte aos Fieis; que ninguem desprese as ligaduras Ecclesiasticas; porque não he o homem, que liga, porem Nosso Senhor Jesu Christo, que nos dêo esse poder de ligar. O Heresiarcha Wiclef negou este poder á Igreja, e por esta blasfemia foi condemnado no Concilio de Constança: todos os Herejes modernos seguem a doutrina d'aquelle bom mestre; e os Maçons, para não ficarem atraz, porque são peiores que os Herejes, pois são homens que não crêm em bruxas, nem em cousas mysteriosas, ou sobrenaturaes, fallão com tanta, ou mais soltura, e impiedade contra as Censuras da Igreja, porque lhes doem as canellas, com o fim de calcitrar contra o estimulo das excomunhões fulminadas por tres Pon-

tifices contra a Maçoneria em geral, e os seus ramos em particular. Mas tempo virá, em que toda a Maçoneria seja confundida, e que se possa dizer ao seu Apologista Despertador Constitucional, e a toda a Confraria Pedreiral: Tu foste anniquilado, e não tornarás mais a ser. *Nihil factus es, et non eris in perpetuum.* Ezech. Cap. 28. 19.

Em fim: temos chegado á ultima criminação, que o Sr. Despertador Constitucional faz aos Summos Pontifices, e com ella corôa S. S.ª o circulo vicioso das suas imposturas, e impiedades, dizendo-nos com o Boi do Chocalho: *A prova mais decisiva de todas as invenções, com que os Papas tiravão partido da barbaridade, e ignorancia dos Povos para as suas Bullas serem acreditadas, he a notavel Carta, que o Papa Estevão* 1.° *escreveo a Pepino Rei de França, a qual era firmada por S. Pedro para certos fins, que o Papa tinha premeditado; etc.* Não ha cousa como ser velhaco: o mais he historia, digão o que quizerem os homens sinceros, e de honra. Hum velhaco póde dizer, e escrever o que bem lhe parecer, e contra as pessoas as mais respeitaveis do Mundo. Enjoa certamente tanta sandice, e tanta pouca vergonha. Venha cá, Sr. Despertador, ouça o facto como aconteceo, e como os Historiadores, que escrevem com critica, e com discernimento, o contão. Pepino Rei de França, Pai do Imperador Carlos Magno, foi hum Rei muito valente, destemido, e temido de todos. Ataulfo, Rei dos Lombardos sitiava a Cidade de Roma para a tomar, e unir ao seu Reino. O Papa Estevão 2.°, e não 1.°, como V. S. disse, porque assim o copiou do seu Chocalho, recorreo na sua afflicção a Pepino, para que o fosse soccorrer, e livrar a sua Cidade, e o Povo Romano das garras d'aquelle Barbaro: e para melhor o persuadir, e mover, escreveo-lhe huma Carta em nome de S. Pedro, usando da figura Prosopopéa. Pepino, que era verdadeiro filho da Igreja, e Christão em

obras, e palavras, marchou com o seu Exercito para Roma; e fazendo fugir Ataulfo descercou a Cidade, e deo a paz áquelle Povo. (*Taes forão os certos fins, que elle tinha premeditado.*) Tudo isto prova que o Papa não era impostor, e velhaco; que Pepino era hum homem de censo, e bom Catholico; e tambem attesta a simplicidade d'aquelles tempos. Houve quem maliciosamente escreveo, que a Carta era assignada por S. Pedro, que cahira do Ceò, e as outras patranhas, que derão tanto no goto do Sr. Despertador, e das quaes se servio para insultar o Soberano Pontifice; mas não advertio que Pepino não era algum Pateta para se deixar illudir com petas, como esses miseraveis tolos, que, confiados nas promessas dos Pedreiros de verem a Luz, entrão sem escrupulos, e remorsos na congregação dos Impios, largão-lhes bom dinheiro ás mãos cheias, põem-se meios-nús, descobrem o joelho esquerdo, acalcanhão o çapato dito, jogão a Cabra cega do Oriente para o Occidente, andão em redor do poço, e por entre as columnas, e a final, depois de tirada a venda dos olhos, vêm a luz! He a luz do candieiro triangular, luz da mesma qualidade, e natureza, da que ha por toda a parte, até pelos botequins, e tabernas da Valla!!! Entretanto o veneravel, (V.S. por exemplo,) bate com a maceta sobre hum banco, que se chama Altar, e faz outras ridicularias dignas de assobios, e de gaitas, até receber o horroroso, e diabolico juramento do illuso Aprendiz, que não tem o olho vivo, como Pepino, que, se no seu tempo pilhasse Maçons, e soubesse, o que hoje todos sabemos que elles são, os faria estrebuxar, como elle fez a hum Leão, que mandou soltar no meio de huma praça para mostrar ao seu Povo Francez, que sómente os que matassem Leões erão dignos de cingir a Corôa. O que elle executou resolutamente; não havendo quem se animasse a combater com a fera. Da má fé, e das suas

patranhas tão insulsas, e nojentas, se conclue, não contra a Côrte de Roma, mas sim contra as Lojas Maçonicas, e Orientes Brasilicos, que pertendem encobrir, e disfarçar por meios tão iniquos as suas infames conspirações contra a Igreja, e o Imperio, sem temer as maldições dos Pontifices, e os castigos de Deos. Trema a Maçoneria que se verifique a ameaça do Senhor: Lançarei sobre ti as tuas abominações; e te cobrirei de affrontas, e te porei por escarmento. *Et projiciam super te abominationes: et contumeliis te afficiam, et ponam te in exemplum.* Nahum Cap. 3. V. 6. Estou cançado de escrever, e por essa razão não subo agora ao meu Corcovado a tomar hum pouco de fresco. Cedo receberá V. S. a 4.ª Carta.

Quinta do Corcovado aos 12 de Abril de 1825,

O que vê, e não ouve,

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA QUARTA.

Senhor Despertador Constitucional.

Depois de V. S. ter blasfemado contra Jesu Christo, negando a efficacia do poder das chaves, que elle deo a S. Pedro, e aos Seus Successores, quando se exprime com tanta insolencia dizendo, que as excommunhões, e interdictos não ligavão, nem podião ligar: depois de ter affirmado dos Papas, e com elles dos Bispos, e de todas as Authoridades Ecclesiasticas, serem fautores da ignorancia dos Povos, de cuja credulidade abusavão para os seus interesses, e pertenções particulares: depois de ter mostrado que os Ministros do Altar, desde o Pontifice até o mais humilde Sacristão, tem sido conspiradores contra os Estados, e Governos, dando-nos a lista dos seus horrorosos crimes; justo era que não se esquecesse da promessa, que havia feito de defender a sua predilecta Ordem Maçonica das calumnias dos profanos, Ecclesiasticos ignorantes, e malvados, que sacrilegamente ousarão manchar a candura, e sanctidade dessas pombas sem fel, desses Sanctos innocentes, tão virtuosos, como respeitaveis, os Srs. Maçons. Com effeito vamos a entrar agora na tosquia dessa sua defesa, na qual V. S. excede-se a si mesmo, e diz maravilhas estupendas. V. S. obra como quem he: e nisto mostra que he Maçon até os ossos.

Mas perdoe-me, Ill.mo Sr.: aqui em segredo, entre nós, era melhor que V. S. não tivesse pega-

do na penna; porque enxovalhou-se muito com ella: pois em vez de fazer huma Apologia, que convencesse, e fizesse emudecer os seus detractores (já se sabe Clerigos, e Frades), pelo contrario deo armas contra si, e contra os seus Irmãos, amontoando sofismas sobre sofismas, erros sobre erros, paradoxos sobre paradoxos. A opinião pública fundada no respeito, e obediencia, que os bons Christãos, e os bons subditos devem prestar ás Authoridades Ecclesiasticas, e Civís, e por consequencia ás Bullas dos Papas, e ás Leis dos Soberanos, que anathematisão, e condemnão, que prohibem, e castigão com mais, ou menos rigor, a Seita Maçonica, póde jámais ser enfraquecida, nem desvanecer-se pelos nomes de Frederico, de Locke, Bielfeld, com os quaes V. S., e os Pedreiros se escudão para desviar todo o odioso de semelhante Sociedade? Porque motivo o Boi do Chocalho, e V. S. juntamente com elle, calou outros nomes, que só pronunciados fazem estremecer de horror? Como os de Voltaire, de Mirabeau, de Marat, de Danton, de Robespierre, e de infinitos outros Maçons, que na Revolução Franceza fizerão alagar quasi toda a Europa em sangue, que vomitárão blasfemias sobre blasfemias contra Deos, contra o seu culto, e contra os seus legitimos Soberanos, com o Alcorão dos Direitos do Homem, demolirão a vinha do Senhor, devorarão as suas ovelhas, e perseguirão de morte os seus Pastores? Ah! Sr. Despertador, diga embora o que quizer; os factos provão o contrario do que V. S. se esforça em nos persuadir tão ineptamente, com tanta cavillação, e com tanta pouca vergonha, como verá da continuação da tosquia do seu Folheto.

As Sociedades Maçonicas por serem privadas, diz o Sr. Despertador, *não he por isso que merecem a execração pública.* Mas he porque ellas não tem

a approvação do Governo, nem o Governo sabe, nem jámais póde penetrar, o que ellas fazem nos seus ajuntamentos secretos. Com razão as prohibe, e por isso mesmo que as prohibe, quando não tivessem maldade alguma intrinseca, passão a ser más. Continúa V. S. = *Outras muitas Sociedades particulares forão permittidas na Grecia, e outras Nações sabias, e até se chamavão o conforto da vida humana, e como taes licitas.* Isto he, como permittidas, licitas. Não he assim, Sr. Despertador? Logo, em V. S. provando que as Sociedades Maçonicas são permittidas pelo Governo de S. M. I., está acabada a questão. Além disto, V. S. sabe que os usos, e costumes dos Povos, e Nações, não são identicos, nem os mesmos em todos os tempos, e lugares. Na Grecia muitas cousas erão permittidas, as quaes em Roma se prohibião; outras concedidas em Roma, e defesas na Grecia: presentemente muitas cousas se não praticão aqui no Rio de Janeiro, que os nossos Pais, e Avós, fazião com muita devoção; e outras, que então seria grande crime praticar, hoje se fazem com liberdade demasiada, e descaramento notavel; além disto não penso que os Gregos, e essas outras Nações sabias, consentissem reuniões, e Sociedades suspeitas: e, se as consentião, era porque estavão certos da honestidade dos fins, a que ellas tendião, *ergo* semelhantes argumentos são ociosos, e de nada valem.

Jámais se provou por factos em parte alguma que a Sociedade Maçonica fosse motivadora de conspiração contra o Governo: e nem se quer se allegão razões de congruencia, ou probabilidade nos escriptos accusatorios, que tem apparecido, e que muito de proposito se tem publicado para infamar aquella virtuosa corporação, submergidos os seus malvados calumniadores no vasto pélago de conjecturas, e de

suspeitas as mais inconcludentes. Se o que o Sr. Despertador acaba de nos dizer com tanta labia, e simplicidade, fosse dicto antes da explosão da Revolução Franceza, quando os Senhores Maçons trabalhavão ainda occultamente, e á surdina, por toda a parte em minar os Thronos, e os Altares; quando ainda achavão protecção em muitos Soberanos illudidos, ou demasiadamente sinceros, que se fiavão das protestações de respeito, fidelidade, e amor, com que a Maçoneria os embalava, e fazia adormecer; quando ainda não soavão pelas ruas, e praças publicas de todas as Cidades do Universo os sediciosos gritos de Tyrannos, Despotas, Tigres, Liberdade, Igualdade, Direitos do Homem, do Cidadão, Soberania do Povo, da Nação, Constituição, etc. etc. etc.; quando o Mundo não tinha visto ser precipitado do Throno hum Rei, que tinha sido o Idolo do seu Povo, cortada a sua cabeça em hum cadafalso por sentença de huma Assembléa composta toda de Maçons Jacobinos, Girondinos, Feuillants, Cordeliers, etc. etc.; quando ainda o ferro, o fogo, as aguas dos rios, e do mar, não levavão de cada vez centenas de Sacerdotes, de Nobres, de Ricos, de Realistas, victimas innocentes da Religião, da fidelidade, e da honra; quando ainda não havia hum transtorno total de idéas, de linguagem, e de sentimentos, ignorando-se até então os horrendos nomes de Maçons, Jacobinos, Sansculotes, Maratistas, Carmagnolas, Marscillezes, *ça iru*, etc. etc.; quando ainda se desconhecião Deosas da Razão, da Igualdade, da Fraternidade, da Liberdade; e os Sagrados Templos, e Altares do Deos dos Christãos não se tinhão convertido em lupanares de prostitutas, e thronos da impiedade, e da irreligião; e não se havião ainda plantado arvores da liberdade, ornadas com o barrete vermelho da

anarchia; quando ainda as cinzas dos mortos descançavão em paz nos seus jazigos, e erão respeitadas pelos vivos, que crião, e esperavão a resurreição, e a vida eterna; e ainda não se lião nas campas dos Sepulchros inscripções abertas pelas mãos dos Materialistas, que ensinassem á presente, e futuras gerações, que a morte he hum sono eterno; quando finalmente não tinhão apparecido ainda d'entre os humanos Decretos, que anniquilassem a Existencia de Deos, nem o que por mera graça lhe concedeo a existencia; então, Sr. Despertador, V. S. teria alguma razão de dizer: *quc jámais se provou por factos em parte alguma, que a Sociedade Maçonica fosse motivadora de Conspiração contra o Governo, etc.:* mas agora, agora, que todo o mundo sabe que forão os Maçons degenerados, e por degenerar, Jacobinos, Radicaes, Niveladores, Carbonarios, Liberaes, Descamisados, do Oriente, da Fontana, do Ferregial, da Rua do Conde, do Catete, do Bota-fogo, do Inferno, os auctores, os fautores, os executores de tantas, e tão grandes atrocidades na Europa, na America, Africa, e Asia, tem V. S. animo para proferir semelhante blasfemia politica no meio de hum Povo, que não he Boticudo, nem Tamoio, nem Puri? Se não forão os Maçons, quem forão os que alagarão a França em sangue, e a toda a Europa no tempo das Assembléas Constituintes, Convencionaes e Legislativas; nos dias do Directorio, do Consulado, e do Imperio Napoleonico? Se não forão os Maçons, quem forão os que lançarão por terra os Thronos dos Reis, prenderão, e desterrarão os Pontifices da Igreja? Se não forão os Maçons, quem forão os que apunhalarão o Rei de Suecia, Gustavo III., envenenarão Luiz XVII., Paulo I. da Russia, Leopoldo II. d'Austria, desenthronisarão o Rei de Sardenha, o de

Napoles, o da Suecia Gustavo IV., os da Hespanha Carlos IV., e Fernando VII., derão o tiro em Luiz XVIII., e assassinarão o seu sobrinho o Duque de Berri? Se não forão os Maçons, quem forão os que tem posto o mundo inteiro em convulsão, em desordem, e em tormento, revolucionando por toda parte os povos com livros impios, sediciosos, e obscenos, com doutrinas perversas, e oppostas a toda a moralidade, contra todo o Direito Civil e Canonico, e até mesmo o da Natureza? Se não forão os Maçons, quem são os que revolucionárão Napoles, Hespanha, Portugal, que proclamarão, e desejão proclamar na America Republicas, quando devião estabelecer Monarchias para bem dos Povos, paz, quietação, e felicidade geral de todo o Mundo? Quem finalmente, senão os Maçons, (e de papo amarello!) são esses Botafogos Republicanos, que ha pouco ateavão a guerra civil em Pernambuco, na Parahiba, no Ceará, no Maranhão, e ainda mexem-se, e remexem-se por todo o Brasil, sacudindo, e abanando o archote da rebellião ainda fumegando, anciosos de novos incendios, até darem com o Imperio do Brasil nos brazeiros da anarchia, e da irreligião? E atreve-se o Apologista do erro, do crime, e da maldade, a asseverar com toda a insensibilidade dos demonios: *que os malvados calumniadores da Maçoneria submergidos no vasto pélago das conjecturas, e suspeitas tem infamado aquella virtuosa corporação* = contradizendo a verdade conhecida por tal, e peccando contra o Espirito Sancto? Brasileiros, meus caros Patricios Brasileiros, ouvi a voz de quem ternamente vos ama em Jesu Christo: não vos fieis de Maçons obstinados, desorganisadores, e impios: aproveitai-vos das lições terriveis, que a Providencia vos tem dado: os Maçons são verdadeiros lobos com pelles de ovelhas,

elles tem o mel na bôca, e o fel no coração; a sua linguagem he de leite, e as suas obras são de sangue.

Pelo contrario vemos, diz o Sr. Despertador, *que na maior parte dos Estados da Europa, e que são regidos por Governos Monarchicos, ha Sociedades Maçonicas estabelecidas, e Assembléas determinadas, em humas partes approvadas expressamente pelo Governo, e em outras pública, e expressamente toleradas, menos pelos Estados Ecclesiasticos da Italia, pela influencia da Curia Romana.....* Devia V. S. distinguir os tempos para o seu argumento ter valor. Mas que acabei de dizer? Eu he que devo distinguir os tempos, para mostrar que o seu argumento não tem valor algum. Sim, Senhor, eu já disse a V. S. que a Sociedade Maçonica por muitos annos se occultou da vista dos Governos; porem depois que attrahio a si pessoas de alta representação, e de influencia nos Gabinetes dos Soberanos, que forão illudidos pelos protestos de que nas Lojas, e Clubs Maçonicos nada se tractava contra o Governo, e contra as Leis do Estado, mereceo de alguns Reis, e Principes essa tal e qual approvação, ou tolerancia, de que V. S. faz menção; porem logo que cresceo o numero dos Adeptos, confiada no poder, nobreza, riquezas, e reputação literaria de grande parte delles, concebeo o projecto de transtornar toda a ordem religiosa, moral, e politica, e tirou a mascara da dissimulação, e manifestou a sua maldade intrinseca por palavras, por escriptos, e por obras; foi então detestada, corrida, e banida por quasi todos esses Soberanos, e Estados, que enganadamente protegerão, ou tolerarão a Maçoneria. O que foi já não he. Veja o Sr. Despertador se pega a labia por outra ponta. Quanto porém ao que V. S. assevera dos Estados Ecclesiasticos da Ita-

lia, tem muita razão nisso. Oxalá que os Soberanos da Europa tivessem prestado os ouvidos aos avisos, e advertencias, que os Papas, e os Bispos da Christandade lhes tinhão feito com tanta antecedencia; e porque não acreditarão, nem obedecerão aos seus Pais Espirituaes, caro, e bem caro lhes custou a hospedagem de tão malignos hospedes. Hoje porem que os Monarchas, e os Povos tem aprendido, bem á sua custa, o que os Maçons realmente são, quaes os seus fins, e os meios, de que se servem para a elles chegarem, correrão-se os bastidores, e a scena he inteiramente diversa; e, porque se descobrio a velhacada, desvaneceo-se o prestigio.

E em Portugal, *e Hespanha*, continua o Sr. Despertador, seguindo sempre o seu Boi do Chocalho, *pela influencia da iniqua Inquisição*, *muito principalmente naquelles tempos*, *em que estas Nações erão tidas por barbaras*, *e por isso os Portuguezes*, *e os Castelhanos erão appellidados os Indios da Europa.* Pelo zelo do rectissimo Tribunal do Sancto Officio, Portugal e a Hespanha por longos annos forão preservados da iniqua Seita dos Maçons, e o que para os bons he motivo de louvor, e de acções de graças, para os máos he pedra de escandalo, e objecto de maldição. Sr. Despertador, para que V. S. se deixou levar do tim tim do Chocalho nestas invectivas tão injustas, calumniosas, e insultantes contra as duas Nações da Europa, que sempre se distinguirão das outras pela sua fé, pelo valor, pelas letras, pela obediencia, respeito, e amor aos seus Monarchas, em quanto não forão empestadas pelo Maçonismo, e pelas idéas liberaes da moda? Porque serião os Portuguezes, e os Hespanhoes reputados Indios da Europa? Sem duvida por não terem Poetas impios, e obscenos, como Voltaire, por não haver entre

elles Philosofos, que ensinassem o Atheismo, o Pantheismo, o Materialismo, e por não possuirem Escriptores Anti-Religiosos, e Anti-Monarchicos, que zombassem dos Dogmas os mais Sagrados do Christianismo, que prégassem a immoralidade, e a prostituição, que atacassem a authoridade, o respeito, e a obediencia devida aos Reis. Será...? Mas para que me canso? A resposta he obvia, he facil, está diante dos olhos de todos, todos a vêm. Não havião Pedreiros-Livres nesses dous Reinos Fidelissimo, e Catholico: porque, se houvessem Pedreiros, serião tantas as luzes, que tudo teria ha mais tempo ardido em chammas, como ao depois ardeo, logo que os Portuguezes, e Castelhanos se fizerão Maçons, passando de Indios a serem filhos da Luz. Ai de vós os que ao máo chamais bom, e ao bom máo: pondo trevas por luz, e luz por trevas. *Væ qui dicitis malum bonum, et bonum malum: ponentes tenebras lucem, et lucem tenebras.* Isaias Cap. 5. v. 20.

As perseguições, que nesses obscuros tempos soffreo a Sociedade Maçonica, forão as que derão motivos para a sua justificação, e para serem conhecidas as suas virtuosas intenções, das quaes hoje só duvidão os fanaticos, aduladores, e ridiculos escriptores.

Se isto não estivesse escripto em hum papel chamado Despertador Constitucional Extraordinario, N. 3, quem poderia acreditar que V. S. teria a animosidade de escarnecer do Publico? Digame, Senhor, quando, em que paiz, em que lingua derão os Maçons essa justificação? Quem foi o Juiz, que a tomou, e sentenciou; o Escrivão, que a escreveo, e quaes as Testemunhas, que jurarão a favor? Ora: se he maxima essencial dessa Ordem, por tantos annos invisivel, não revelar, sob pena de morte firmada por juramento, os seus

segredos, e mysterios, e devendo consistir a justificação na revelação desses segredos, e mysterios, e ignorando o Mundo até hoje quasi todos esses segredos e mysterios, segue-se que os Maçons não derão, nem darão semelhante justificação, *ac per consequens*, ou V. S. delira, ou he impostor declarado, e zombador do Publico. Mas que disse eu tão inadvertidamente? Perdoe-me, Senhor Despertador, eu me reporto. Os Maçons já derão a sua justificação da sanctidade da sua doutrina, da utilidade das suas obras, e da pureza das suas intenções. A Revolução da França, a da Hespanha, a de Napoles, a da Sardenha, a de Portugal, a da America, e tambem a do Brasil. Com esta tão evidente, e estrondosa justificação ficarão indeleveis na memoria dos homens até a consummação dos seculos as suas virtudes, ou virtuosas intenções, das quaees só duvidão hoje, e as negão, por assim lhes ser conveniente, os fanaticos Maçons, os aduladores dos Maçons, e os ridiculos Escriptores da Irmandade da Trolha.

O que tira toda a duvida a este respeito está judiciosamente escripto no Manuscriplo achado na Bibliotheca Bodleyana em Oxford, publicado em os commentarios de Locke, e nelle se acha a mais perfeita prova justificativa, e pela qual, ha perto de 6 *seculos, não só cessou a perseguição em Inglaterra, mais ainda cresceo a approvação pública, e o mesmo succedeo nos Estados do Imperador da Allemanha, aonde ha tolerancia expressa da Ordem Maçonica.* Como V. S. Despertadora para nos tapar os olhos até vai despertar os mortos ha 6 seculos, e desencavar papeis carunchosos da Bibliotheca Bodleyana, querendo mostrar a innocencia da Ordem Maçonica por huma justificação de hum Pedreiro do tempo de Henrique 1.° Rei de Inglaterra, embrulhando Pedreiros verdadeiros com Pe-

dreiros falsos, Pedreiros de obras de cal, e pedra com Pedreiros do ar, convém que se desembrulhe a sua embrulhada, que o P. Macedo habilmente desembrulhou, quando respondeo ao Homem das Cartas, o Boi do Chocalho, que V. S. segue em tudo, e por tudo. Diz o P. Macedo: = A Rainha Isabel querendo acabar na Inglaterra com o gosto Gothico dos Edificios, como o seu predecessor Henrique 1.º tinha feito, mandando vir da Italia Pedreiros, Canteiros, Arquitectos para construir novos Edificios, concedêo grandes privilegios, e isenções á Confraria dos dictos Pedreiros, ou renovou outras, que elles já tinhão do tempo de Henrique 1.º; e por isso se chamavão, Livres; extendeo-se esta Irmandade, ou Associação, admittindo para a participação dos seus foros, e isenções, pessoas, que não erão Pedreiros, como ha pouco tempo fez a Irmandade dos Alfaiates de Londres ao invicto Lord Wellington; e para esta admissão era precisa certa inquirição, porque hão de ter certas qualidades para entrarem, os que não são verdadeiros Pedreiros: desta especie era o instrumento de inquirição achado na Livraria de Oxford. O homem das Cartas, para embrulhar as cousas sobre a Pedreirada, confunde Pedreiros com Pedreiros. He verdade que estes segundos usão tambem das insignias Pedreiraes, e que á excepção da cabelleira redonda, e ruiva, de que ha poucos annos se deixárão de usar os Pedreiros das casas, e chaminés, usão de trolhas, de camartellos, de prumos, e esquadrias, não para edificar, mas para destruir, etc. =; Mas deixando os Pedreiros verdadeiros, e tambem os Franc-Maçons de Inglaterra, visto que lá são tolerados pelo Governo, que não se descuida de trazer o olho vivo sobre elles, passemos a dizer duas palavras mais sobre os Pedreiros-Livres tolerados no Imperio da

Alemanha presentemente convertido em Imperio d'Austria. Sim, Senhor, assim foi, quando os Imperadores não conhecião quem erão os Maçons; porém depois que se descobrirão as Conspirações, que elles fizerão em recompensa do bom agasalho, que os Josés 2.[os] e os Kaunitz lhes derão; depois que a Pedreirada Austriaca entregava aos Francezes, seus Irmãos, Praças fortificadas, e Exercitos inteiros de 30 mil homens; depois que se descobrio a grande maloca da Baviera, e se patenteárão os segredos misticos, e diabolicos do Illuminadissimo Weishaupt, forão corridos para fóra d'aquelle Imperio, como se correm os cães damnados. Se V. S. se não quer desenganar, dê huma chegada a Vienna, e publique pela imprensa hum Despertadorzinho, primo irmão do Extraordinario N. 3, e então saberá por experiencia propria se tambem não fica despertado pelos Anti-Maçons de lá, que talvez lhe fação melhor caridade do que os de cá.

Frederico II. da Prussia não só foi Maçon, mas occupou os primeiros lugares da Ordem, e a final eleito seu Grão-Mestre, e servio este Emprego mais de huma vez. Elle foi o que instituio huma nova classe da Ordem, e a este gráo déo o nome de = Cavalleiro do Tumulo = que tambem se adoptou no Imperio da Alemanha. Frederico foi hum grande Rei, mas infelizmente foi hum incredulo, e impio rematado, por cuja razão aggregou a si huma Sociedade de impios, Voltaire, Marquez d'Argens, Freret, La Metrie, Helvecio, e outros, os quaes, emquanto a Sucia se dedicou a divertir o Rei, escarnecendo da Religião, excogitando, e propondo meios de a abolir, e acabar com o Christianismo, enterrando-o no Tumulo, cujos Cavalleiros instituidos por S. M. forão os mais perversos, e os mais obstinados Maçons, passarão dias de rozas

com o seu Venerabilissimo Grão-Mestre; porem logo que Frederico foi avisado por hum Maçon Velho o General Conde de..... de que a Maçoneria não era sómente Anti-Christã, mas tambem Anti-Monarchica, e que S. M. andava enganado, e atraiçoado pelos seus Confrades Maçons, repentinamente mudou-se a scena em Berlim, toda a cambada dos Filosofantes foi posta fóra da Salla de Marmore, e enxotada da Corte, e dos Estados Prussianos, fexando-se todas as Lojas Maçonicas por todo aquelle Reino. Presentemente são alli as Assembléas Pedreiraes prohibidas com excessivo rigor pelo Sobrinho, e Successor de Frederico, a quem o Maçon Buonaparte, e toda a Confraria da trolha, despejou da maior parte dos seus Estados, vencendo-o em repetidas batalhas (já se sabe pelas artes da *Monita Secreta*,). Isto sabe V. S. muito bem, não porque o presenceasse, mas porque o tivesse lido; porem como o seu empenho todo he mostrar que a Maçoneria não he Anti-Monarchica, mette-nos á cara o Filosofo coroado de Sans-Souci como o Palladio da Maçoneria, dizendo-nos com toda a simplicidade do seu coração de pomba: *Se as Sociedades Maçonicas fossem instituidas, como os seus vís calumniadores pertendem, de certo hum Monarcha, que foi o ornamento do Seculo, em que viveo, etc. etc. não procuraria ser membro de huma Sociedade, nem a frequentaria assiduamente, protegendo-a em geral, e em particular a seus Irmãos* (note-se o veneno da serpente), *aos quaes nunca atraiçoou, se visse que ella, e elles erão Anti-Monarchicos.* Tem V. S. muita, e muita razão. Frederico nunca atraiçoou os seus Irmãos. Mas os Irmãos atraiçoavão o seu Grão-Mestre, assim como outros Irmãos tambem atraiçoavão..... V. S. sabe muito bem essa tramoia, e até lhe atirou com bastante subtilesa a pedradinha com a sua expres-

são: *aos quaes nunca atraiçoou.* Não fallemos mais nisso, e deixemos igualmente em silencio, e despreso tudo quanto o Sr. Despertador copiou do seu Chocalho a respeito de Frederico 2º, e da celebre Carta escripta por elle á Grande Loja de Berlim denominada = Amisade, = visto que o Rei Prussiano era nesse tempo illudido, e atraiçoado: digamos alguma cousa sobre outro Rei tambem illudido, e bom, bem atraiçoado, Fernando IV. Rei de Napoles, de quem diz V. S. que *por conselho da Rainha mandou examinar as Constituições Maçonicas, cujo exame foi tão stricto, e escrupuloso, que conhecendo o engano, que o Frade lhe tinha feito, e que a Sociedade Maçonica tinha por objecto a virtude, e que não comprehendia maxima alguma perigosa, o mesmo Rei se iniciou na Ordem, e depois foi o seu maior defensor.* Com effeito o Frade sempre era maganão de bom gosto, que teve animo para levantar semelhante aleive aos virtuosos Pedreiros Carbonarios Napolitanos! Irra com o Frade, que não tinha papas na lingua! E que pago derão os Senhores Maçons ao seu Bemfeitor? Diga, diga, não tenha vergonha de dizer. Não quer? Pois eu o digo. Venderão-no aos Pedreiros de França, assim como Judas vendeo a seu Divino Mestre. Arrancarão-lhe a Corôa da cabeça para a darem a Mr. Joséph; e depois a Mr. Murat; e, depois que este a perdeo, proclamarão a Constituição Hespanhola, praticarão outros mil desaforos, que a Historia dos nossos dias ha de levar aos seculos vindouros para eterno opprobrio da veneravel, virtuosa, e sancta Confraria Maçonica. Que desengano para os Reis, e para os Povos não foi a tramoia Napolitano-Maçonica! Então quem fallou a verdade ao Rei? Foi o examinador stricto e escrupuloso das Constituições Maçonicas; ou foi o Fradinho? Ou, antes, quem

falla a verdade? V. S que alterou o texto do Boi do Chocalho, onde não ha huma só palavra de *Frade* (até lhe poz o nome do fanatico Dominicano Luiz Greineman!) ou a Historia testemunha dos tempos, luz da verdade, que tantas verdades Maçonicas nos tem revelado ha 30 annos! Se os Reis, os Principes, e os Povos prestassem attenção aos conselhos, e avisos dos Profetas do Senhor, talvez que a Europa, e o Mundo não tivesse gemido, e derramado tantas lagrimas á vista de tantos milhões de cadaveres, e de tantos rios de sangue, de que a terra tem sido juncada, e ensopada, desde que começou a resoar de todos os pontos o clamor revolucionario = *Igualdade, Liberdade.* = Se o infeliz Luiz XVI. e o Povo Francez acreditassem naquelle Missionario, que 13 annos antes da Revolução fez na Cathedral de París em presença de numerosissimo auditorio esta tão terrivel profecia, e que tão ao pé da letra se verificou ao depois: = Sim he contra o Rei, he contra o Rei, e a Religião, que estes Filosofos (Maçons) se dirigem: o machado, e o camartello está nas suas mãos, só estão á espera do instante favoravel para destruirem o Throno, e o Altar! Sim, os vossos Templos, Senhor, serão despojados, e destruidos; as vossas festas abolidas, blasfemado o vosso nome, e proscripto o vosso culto. Mas que ouço eu? Grande Deos! que vejo? Aos canticos inspirados, que fazião resoar estas abobadas sagradas com o vosso Nome, e em vosso louvor, succedem cantigas ludricas, e profanas! E tu, Divindade infame do Paganismo, impudica Venus, tu virás tomar aqui mesmo o lugar do Deos vivo, assentar-te sobre o Throno do Sancto dos Sanctos, e receber o incenso culpavel dos teus novos adoradores. = Se acreditassem, digo, nem elle teria perdido a sua cabeça em hum infame ca-

dafalso, nem os Francezes terião chegado ao cumulo da impiedade, da anarchia, e a final a serem pizados por hum Despota cruel, e sanguinario, que lhes fez conhecer que os seus antigos Reis, os Reis Christianissimos, nem forão *Monstros*, nem *Tyrannos*.

Não satisfeito o Sr. Despertador com o seu incredulo Frederico II, e com o seu illuso Fernando IV, continúa a impôr, dizendo-nos: *Não são sómente aquelles os unicos Monarchas, que honrárão a Maçoneria, e a defendérão. Em Inglaterra sabemos que o Principe de Galles nos seus Titulos inclue tambem o de Grão Mestre Maçonico. Os Principes Soberanos da Alemanha são Membros das Grandes Lojas, e nellas occupão os primeiros Empregos: na Russia o Grão Mestre he hum Principe de sangue. Na Persia hum filho do Soffi he o seu Grão Mestre.* Que se pode responder a isto? Que todos esses Principes são illudidos, e que elles não entrárão no mysterioso segredo das palavras — Fanatismo, Superstição, Igualdade, Liberdade; — porque, depois dos estragos, que elles testemunhárão fazerem os Maçons, e que bem de perto lhes chegárão, muitos renunciárão, e abjurárão o Maçonismo, outros o prohibírão nos seus Estados, outros em fim, se ainda o tolerão, e defendem, he porque ainda não chegárão a conhece-lo verdadeiramente. Vamos adiante, que a impostura ainda tem que dar de si, e temos bastante que tosquiar. *Accresce mais em abono da nobre Ordem Maçonica que todos os impugnadores, que contra ella escrevêrão, occultárão os seus nomes, publicando Obras anonymas; e outros são tão obscuros os seus nomes, que não são mencionados nas biografias dos homens de letras.* E como não deverião occultar os seus nomes, se os Senhores Maçons regalão os Apologistas da Religião, e do Throno com os epithetos

de ignorantes, fanaticos, servis, escravos, malvados, e outros tão affrontosos, como injustos, quando os não podem brindar com prizões, desterros, punhaes, e venenos? Alem disto, de que serve o nome do Auctor, se elle não augmenta, nem diminue o merecimento da sua Obra, pois que todo elle consiste na solidez, e verdade dos raciocinios, e das provas? Quanto porém não terem apparecido nas Biographias os nomes de muitos Escriptores bem dignos de serem mencionados, não he certamente, porque elles não mereção essa disticta honra, talvez seja porque os Redactores desses Diccionarios não tiverão noticia delles, ou de proposito os omittírão por não serem Maçons, ou, antes, por serem Anti-Maçons. O certo he que o Hyppolito Correia, Brasiliense, já está no Catalogo, e o Fernandes Thomaz; e cedo entrarão outros muitos, e até mesmo V. S., o que lhe faça bom proveito.

Alem do que, continúa o Sr. Despertador, *a paixão, e o espirito de partido não podem servir de accusadores, nem de testemunhas, ainda mais quando os malvados discorrem vagamente, tomando conjecturas por factos.* E podem servir de advogados, de testemunhas, e de juizes os réos, e co-réos da Maçoneria, que pelo espirito de partido, pelo espirito de rebellião, pelo espirito de impiedade, e pelo vinculo de hum horroroso juramento negão o que são, e em lugar de provas recorrem aos insultos, ás calumnias, e ás blasfemias? Diga-me, Sr., quem são esses *malvados, que discorrem vagamente, tomando conjecturas por factos?* Será acaso o Sanctissimo Padre Clemente XII, esse virtuosissimo Pai dos Pobres, porque condemnou de suspeita de perversidade a Maçoneria? Será o Sanctissimo Papa Benedicto XIV, hum dos mais sabios, e prudentes Pontifices, que subírão á Cadeira de

S. Pedro, que confirmou, e ampliou a Bulla do seu Predecessor? Será o Beatissimo Pontifice Pio VII, de saudosa memoria, que pela sua Bulla ratificou as dos seus Antecessores, e accrescentou a condemnação dos Carbonarios, ramo da Maçoneria? Será o Ex.^{mo} Bispo de Vintemilia, Pedro Maria Justinianni, que escrevêo com zêlo Apostolico, e Caridade Christã contra os Maçons, cuja Pastoral captiva os corações pela doçura das suas palavras, e pela unção dos seus discursos; illumina pela claridade das suas razões; e convence pela evidencia das suas provas? Será o Abbade Barruel, e outros muitos Escriptores, que elle cita nas suas Memorias do Jacobinismo? Serão os Frades Hespanhoes, de quem V. S. tem tanta zanga? Serão o Padre Macedo, o Auctor do Punhal dos Corcundas, e do Elencho, o da Verdadeira Razão, o das Idéas Liberaes, etc., etc.? Serão tambem os Ministros d'Estado, que por ordem dos seus Soberanos minutárão, e referendárão as Leis, e Decretos, que prohibem a Maçoneria? Ah! Os que são fieis a Deos, e aos Reis, atacando huma Sociedade inimiga do Altar, e do Throno, são malvados? Sim, Senhor; e os Maçons o que serão? Permitta-me V. S. que lhe faça agora humas perguntas; não se arripie com ellas, posto que sejão de levar couro, e cabello. Hum Christão he pelo Baptismo filho de Jesu Christo, ou não? Sem dúvida que he. Logo: como pode, sem incorrer na nota de malvado, ser membro de huma Ordem, que se presume, ou está claramente demonstrado que tem por fim *esmagar o infame?* Hum Militar, especialmente hum Official General, pode, sem nota de malvado, entrar em huma Ordem, que tem por fim a quéda dos Thronos, a quem antecedentemente jurou defender, quando assentou praça? Hum Cavalleiro da Ordem de Christo, ou de Aviz pode, sem nota

de malvado, professar em huma Ordem, onde se dão juramentos oppostos á sua Profissão Religiosa, e Politica, de morrer em defeza da Religião, e da Corôa do seu Soberano? A resposta, que V. S. poderá dar, he que tudo quanto se diz contra a Maçoneria he huma calumnia, e huma falsidade; e para prova disto recorre a subterfugios, a sophismas, disparates, e calumnias, que de modo nenhum enfraquecem as provas de direito, e de facto, produzidas pelos Apologistas da Religião, e do Throno. Ora: quando elles não tivessem dado outras provas convincentes para se mostrar que a Maçoneria he má, he pessima, he detestavel, basta dizer-se que he prohibida pela Igreja, a quem todos os Catholicos devem obedecer como filhos; e prohibida pelos Monarchas, a quem os Subditos devem respeitar, e obedecer, não só pelo temor, mas tambem por motivo de consciencia. Esta doutrina he segura, e segurissima, porque he a doutrina de Deos. Ai dos que a desprezão! Ai dos impostores artificiosos, que andão segundo as suas proprias concupiscencias, como nos diz o Apostolo S. Pedro!

Depois de algumas gracinhas dictas pelo Sr. Despertador ao seu Franklin, repentinamente perde todo o siso, e o pejo; e, tomando com ambas as mãos hum grande punhado de calumnias, atira com elle sobre o Clero Regular, dizendo: *que Franklin confunde as Sociedades Maçonicas, de que elle he antigo Membro, com aquellas taes, como a que estabelecêrão os Frades na Revolução da França, quando fôrão abolidas as Religiões, ajuntando-se todos na Igreja de S. Jacob, do que procedêo serem intitulados — Jacobinos!!!* — Se esta monstruosidade não estivesse impressa em caracteres indeleveis na Folha do Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3, do 1.° de Fevereiro de 1825, pagi-

na 6, columna 2.ª linha 11, e seguintes, ninguem certamente se poderia persuadir de que V. S. tivesse levado a impostura, e o aleive alem dos limites do desaforo, e da pouca vergonha. Sim, Sr., onde achou V. S. que os malvados Jacobinos erão os Frades de todos os Conventos da França, ou, ao menos, da Cidade de Paris, reunidos na Igreja de S. Jacob? Qual he o Escriptor Francez, Inglez, ou de outra Nação, que tivesse escripto tão incrivel, como desavergonhada mentira? Não he assás constante que os pobres, e desgraçados Frades, vendo-se corridos das suas Casas Religiosas pela horda dos impios Sans-Culottes, huns se dispersárão pelos campos em habitos seculares, outros fôrão buscar asilo em Paizes estranhos, muitos fôrão encarcerados, e a maior parte delles mortos pela sua Fé, e pelo seu Deos? Como então se reunírão todos na Igreja de S. Jacob? Todos, Sr. Despertador? De que tamanho he essa Igreja, onde caberião mais de 59 mil Frades, de que então se compunha o Clero Regular da França? Onde está aqui o espirito de verdade, com que V. S. promettêo defender a sua Ordem Maçonica? O que se manifesta he o espirito do odio, da maledicencia, e do aleive, que lhe suggerio esta vingança tão ridicula, tão vil, e tão abominavel. Franklin he Frade; pois paguem os Frades o odio, que delle nutro no meu coração. Franklin he Frade, pois não escape Frade do talho da minha penna venenosa, e pestilencial, quer seja verdade, quer não; quer seja eu apanhado na mentira, quer não; digo, e escrevo: todos os Frades erão Jacobinos, e todos os Jacobinos erão Frades. Deste modo discorria o Sr. Despertador, quando soltou os vinculos da lingua, e da penna para calumniar, e sevandijar o Estado Religioso, sem temôr algum dos Juizos de Deos, e sem pejo algum do conceito dos

homens, que sabem (os que tem alguma leitura) que os Maçons Jacobinos tiverão a sua origem do Club chamado Breton, formado pelos Deputados da Bretanha, o qual passou depois a ser denominado *Sociedade dos Amigos da Constituição*, cujo Presidente foi por algum tempo o celebrado Bonne-carrere, amigo intimo de Mirabeau. Como porem tivesse concorrido hum número immenso de peralvilhos, libertinos, e impios para esta Sociedade Revolucionaria, e já não se podessem elles conter no local das Sessões, logo que foi despejado o grande Convento dos Religiosos de S. Domingos, chamados Jacobinos, por ser a sua Igreja dedicada a S. Jacob, Mirabeau, Seieyes, Barnave, Chapelier, o Marquez de la Coste, Glezen, Bouche, Petion, e outros insignes Revolucionarios, que erão a flôr dos Maçons da Capital, e das Provincias, conduzírão para o Templo do Deos do Evangelho a horda dos impios Confrades; e o nome dos antigos Religiosos, que fazião resoar naquelle sagrado Recinto os louvores de Deos, passou para os malvados Maçons, que fizerão do Sanctuario a eschóla das blasfemias, e o fóco das conspirações. Isto sabe o Mundo inteiro, e o sabe V. S.; mas como lhe convem confundir as cousas, e não pode encobrir a perversidade dos Maçons Jacobinos, assevera que elles erão Frades; e, sem querer, pintou a sua Ordem com as côres da sinceridade, e da justiça, quando em remate da sua Catilinaria nos diz: *Das deliberações desta Sociedade não sahírão mais do que injustiças, e calamidades sobre aquella infeliz Nação; e basta saber-se que foi protegida por Robespierre, que tambem era Membro Jacobino (isto he, Frade), para se fazer idéa da sua instituição. E esta mesma idéa he a que se deve fazer de outras taes, que talvez por desgraça nossa entre nós se achem, cujos membros, fundados unicamente*

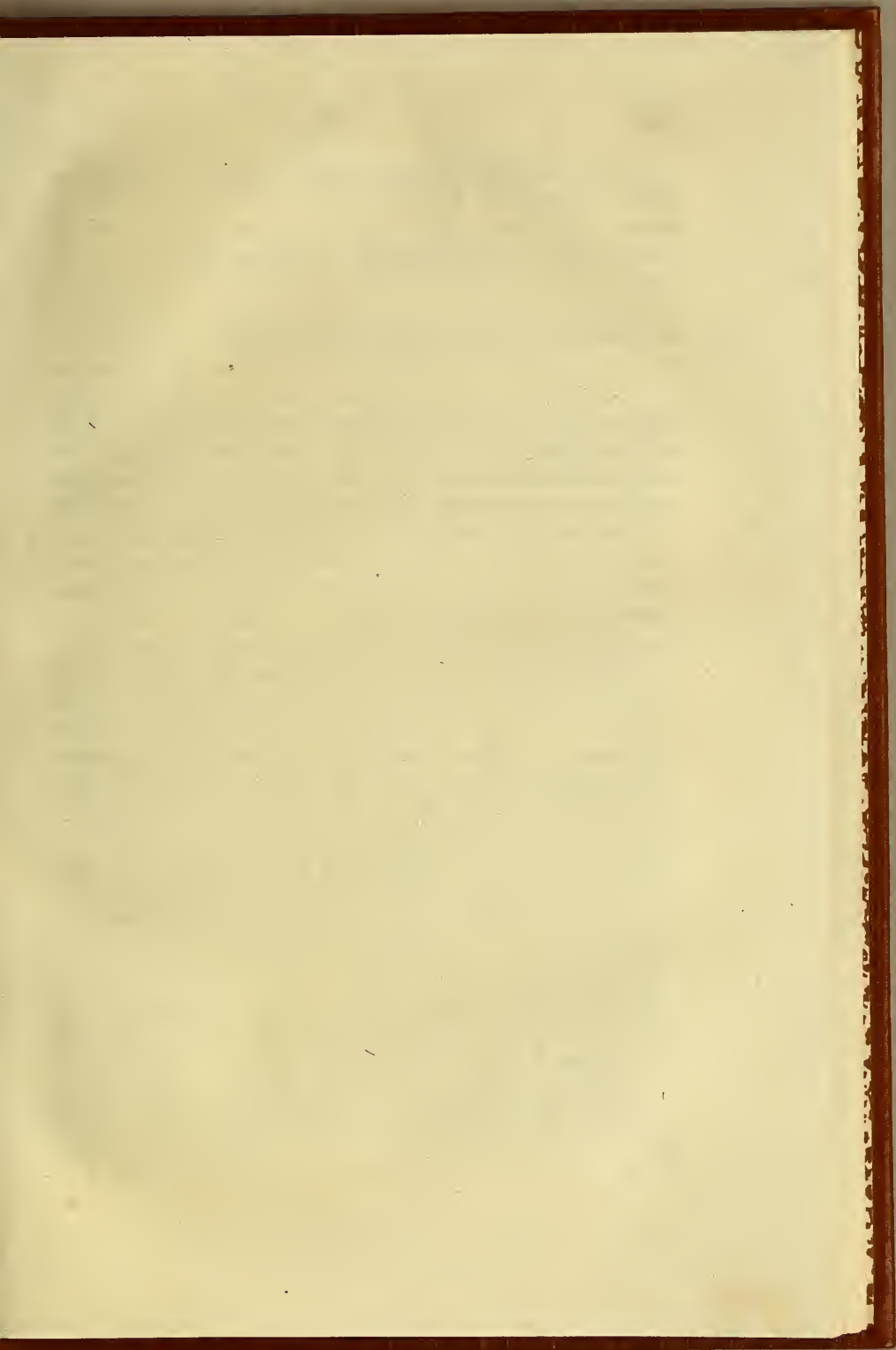
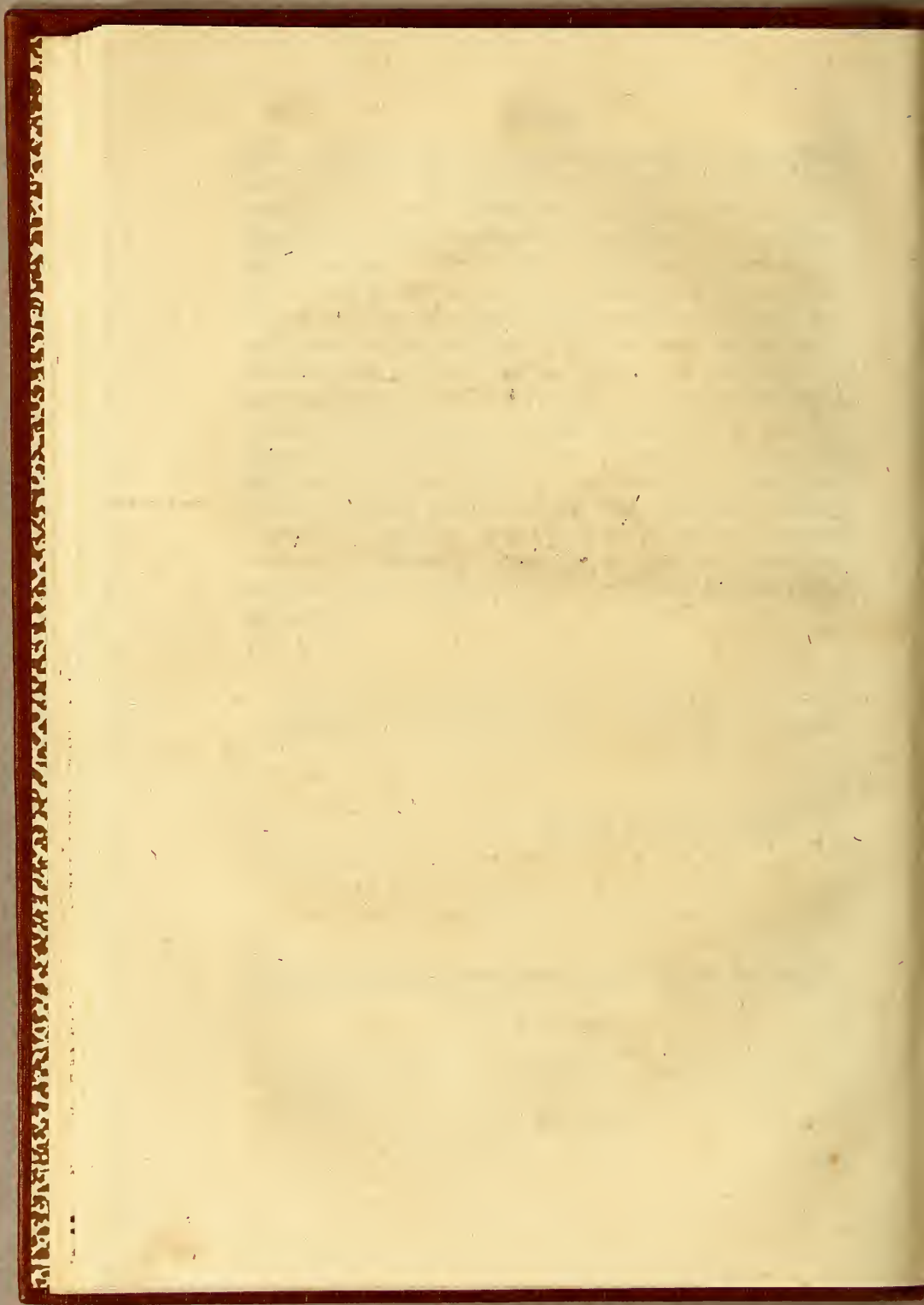
nos seus particulares interesses, se hoje são Christãos, ámanhã serão Musulmanos; e se algum dia fôrão Tamoyos, hoje serão Botecudos, se assim lhes convier. Bem disse o Anti-Maçon, que quem vê hum Diabo vê todos; e até andão discordes, e em briga huns com os outros; e, não podendo negar as verdades evidentes, fazem jogo dellas entre si, imputando huns aos outros todo o odioso das suas tenebrosas, e diabolicas manobras. A bôca do insensato fere-o a elle mesmo, e os seus labios são a ruina da sua alma. *Os stulti contritio ejus, et labia ipsius, ruina animæ ejus.* Prov. 18 — 7. Com esta sentença do Sabio dou por concluida a minha 4.ª Carta: espere pela 5.ª, que não tardarei a envia-la a V. S. Adeos, que vou conversar com o meu visinho Corcovado, que não he Maçon, nem Jacobino, antes muito Amigo do Nosso Augusto Imperador.

Quinta do Corcovado aos 17 de Abril de 1825.

O que vê, e não ouve.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA QUINTA.

Senhor Despertador Constitucional.

Depois de ter escripto as 4 Cartas antecedentes, em que respondo a V. S., ou á Apologia da Maçoneria em geral, que V. S. fez com aquella intrepidez, e espirito de verdade, que tanto caracterisa hum Maçon Veterano, e Veneravel, hesitei se continuaria a responder ao que V. S. allega em favor da Maçoneria Particular, *id est*, do Oriente Brasilico; porque, tanto pela sublimidade do objecto superior ás luzes de hum Profano, que ignora mysterios tão reconditos, quanto pelos termos technicos da Maçoneria, para mim inintelligiveis, assentei que não daria conta da empresa; porem esta perplexidade durou pouco tempo, e prevalecêo sobre ella o amor da Patria, e do Imperador, e o zêlo pela Religião. Sim, Senhor, de modo algum devia eu levantar a mão da tosquia do Despertador Constitucional, quando a materia se tornava tão interessante á honra do Imperio do Brasil, que os Senhores Maçons pertendem deslustrar, publicando, e gabando-se por toda a parte ser inteiramente obra sua, e devida ás suas operações philantropicas, unidas provisoriamente á Sociedade Maçonica, não só a Proclamação da Independencia do Brasil, como tambem a do seu Imperio, e sobre tudo a Acclamação do Senhor D. Pedro I. Posto que estas patranhas já estejão assás desmentidas pelo veridico Anti-Maçon, direi com tudo

alguma cousa mais em testemunho da verdade, para que os inimigos da nossa Independencia, ou demasiadamente credulos, ou por huma refinada malicia, não continuem a lançar-nos em rosto, como já o fizerão, que este novo Imperio foi fundado pelos Pedreiros Livres, e que fôrão elles os que pozerão a Corôa na cabeça do seu Imperador. Sciente, e certo, como estou, de grande parte dos factos, que precedêrão, acompanhárão, e seguírão-se á feliz resolução, que os Brasileiros tomárão, de Acclamar o seu Augusto Imperador, continuarei a minha tarefa da tosquia do Despertador Constitucional, como poder, e souber, tendo sempre em vista a verdade, e sem a minima tenção de faltar aos deveres da honra, e da probidade.

Quanto á Sociedade Maçonica do Brasil, e nova creação do seu Oriente.

Nova Creação, Sr. Despertador, dá a entender que já havia creação velha: ouvi dizer, sendo rapaz, ha mais de 30 annos, que certos Officiaes Inglezes, e huns Irlandezes, que ião degradados para a nova Hollanda por Revolucionarios, iniciárão na Maçoneria alguns meninos bonitos do Rio de Janeiro na Ilha das Enxadas, onde se abrio o primeiro armazem de venenos, com a maior cautela, e segredo; e onde alguns presumidos de sabios, e amantes do bom gosto, esquecidos do conselho de Salomão: Filho, não te esqueças da doutrina de teu pai, e da Lei, que tua mãi te ensinou: *conserva, fili mi, præcepta patris tui, et ne dimittas legem matris tuæ.* — Prov. Cap. VI, seduzidos por Hereges, e Revolucionarios, professárão o Maçonismo. Mas seja isto verdade, ou não, o certo he que já havia Maçons no Rio de Janeiro antes da creação do Oriente Brasilico, o que se

confirma da seguinte asserção do Despertador: *O Instituto da Maçoneria Brasilica, que foi restaurada pela nova elevação do seu Oriente, não foi huma obra, que procedesse da obscuridade, e menos de espessos veos mysteriosos, e impenetraveis, mas sim fundado nos mesmos virtuosos principios, que já ficão manifestados, e que formava huma liga de Cidadãos leaes, defensores da boa ordem, da Religião, do Imperante, e das Leis.* Estamos mettidos em confusões, porque o Sr. Despertador não assigna a época dessa restauração da Maçoneria; ficâmos ignorando se foi antes da vinda da Côrte de Portugal para o Brasil, se depois do estabelecimento della no Rio de Janeiro; porque diz que não foi obra, que procedesse da obscuridade, não constando que essa função se fizesse pública por Editaes, pela Gazeta, nem que houvesse fogueiras, fogos do ar, e musica na porta da Loja Oriental, porque assevera não ter sido obra de espessos veos, e impenetraveis mysterios, fazendo-se a funcção com silencio, segredo, e ás escondidas do Governo, e do Povo; em fim, porque tudo quanto mais diz a esse respeito, a experiencia tem mostrado ser pelo contrario: os principios do Oriente são abominaveis, a boa ordem foi transtornada, o Imperante foi insultado, a Religião menoscabada, e as Leis escarnecidas, e sem vigôr. Os dias 26 de Fevereiro, 22 de Abril, 5 de Junho, e outros, mais, ou menos notaveis, desmentem a lealdade desses Cidadãos, que formavão a Liga Maçonica; e este mesmo desmentido he confirmado pelo Sr. Despertador, dizendo-nos (persuadido certamente de que não entendemos a seguinte asserção): *O fanatismo politico não se encontrava nas suas deliberações.* Na linguagem Maçonica *fanatismo* politico significa respeito, obediencia, amor, honra, e fidelidade, que os Subditos, e os Vassalos devem pres-

tar por Direito Divino aos Soberanos, o que sempre foi o timbre, e a gloria da Nação Portugueza, e da Brasileira. *Homens zelosos*, continúa o Despertador, *do bem geral, e da honra do Brasil, unírão provisoriamente á Sociedade Maçonica operações philantropicas, e discutírão com sabedoria, e prudencia as idéas, que lhes occorrião ácerca dos meios mais proprios para se conseguirem os uteis fins da prosperidade deste Novo Mundo.* Tornámos a ficar em talas; mas eu me safarei dellas. Sim, Senhor. Tudo quanto V. S. acaba de asseverar em tom enigmatico, e mysterioso, nada mais encerra do que a Revolução do Brasil, premeditada ha muitos annos, forjada nas trevas dos Autos secretos, ensaiada infelizmente em Pernambuco em 1817, comprimida, disfarçada, e adiada para melhor occasião. Chegou esta nos fins do anno de 1820, e principios do seguinte; apenas soou pelo Brasil a noticia da rebellião de Portugal, excitada no Porto a 24 de Agosto, os taes Cidadãos leaes, e homens zelosos, (os Maçons) começárão a preparar a explosão de 26 de Fevereiro; e, animados do bom exito della, fizerão causa commum com os Maçons de Portugal; mas como de ambas as partes jogava a má fé, e a perfidia, sendo os interesses oppostos, fingio-se por algum tempo que todos tinhão o mesmo fim. Pertendião os Maçons de cá subtrahir o Brasil da dependencia de Portugal, descartando-se do Rei, e da Familia de Bragança, que desejavão que voltasse para Lisboa. Os Maçons de lá ardião em desejos, visto que o Povo Portuguez não queria ser Republicano, de tornar a recolonisar o Brasil, e de pôr tudo como estava antes de 1808, logo que S. M. F. chegasse a Lisboa, o que não tardou a manifestar-se. Porem como a Providencia Divina, que vela sobre o Brasil, desconcertou os planos de huns, e de outros,

e dêo hum golpe mortal na Democracia Brasileira, e na perfidia dos Maçons de Portugal, suggerio por inspiração celestial ao Senhor D. João VI deixar na Regencia do Brasil o seu Augusto Herdeiro da Corôa, o Senhor D. Pedro, então Principe Real, e hoje Imperador. Ficando S. M. I. no Rio de Janeiro, bem contra a vontade dos Maçons, teve o Brasil hum Defensor, que o livrou da recolonisação, quebrando as cadêas, com que as Côrtes de Lisboa o pertendião maniatar ao carro da sua orgulhosa avareza, e impôr-lhe de novo o pezado jugo da escravidão colonial. Ficando S. M. I. no Rio de Janeiro, bem apesar das Côrtes de Lisboa, os Maçons quasi todos perdêrão a esperança da chimerica Republica Federativa, envolvida, e bem embrulhada *nas operações philantropicas unidas provisoriamente á Sociedade Maçonica, etc.* Elles bem desejavão vêr o Principe Regente fora do Brasil; revoando-lhes em roda das suas illuminadas cabeças os nomes de Washington, de Adams, de Jefferson, de Monroe, esperava cada hum occupar a cadeira da Presidencia da sonhada Republica; já se sabe, por philantropia, e por amor da *prosperidade deste Novo Mundo!!!*

Como porem o Sr. Despertador he finissimo Cacorio, occulta as primeiras intenções dos seus Confrades Maçonicos, e somente falla das derradeiras, que elles, bem a seu pezar, e obrigados da necessidade, ao depois manifestárão, dizendonos: *E o plano da sua emancipação foi tão bem concebido, concertado, e judicioso, que o resultado correspondéo ao ardor, e actividade dos seus assiduos trabalhos.* Para se conhecer a exaggeração deste acerto, basta lembrar que nessa época o Povo Brasileiro fluctuava entre dous partidos, o dos Maçons Republicanos, e o dos Portuguezes afferrados ás Côrtes de Lisboa: pugnavão aquelles pela in-

dependencia absoluta democratica, estes pela dependencia colonial, e servil. O voto geral da Nação Brasileira era a independencia não Republicana, e Absoluta, mas sim Nacional, isto he, conservar a sua cathegoria de Reino, que havia sido reconhecida pelas Potencias da Europa; huma igualdade na cooperação do Poder Legislativo das Côrtes; huma liberdade igual de Commercio; Tribunaes proprios; hum Governo central; em fim o seu Regente para os governar com o Poder, que o Senhor D. João VI lhe havia delegado. Estas pertenções tão justas dos Brasileiros não agradárão, ou, antes, fôrão rejeitadas pelas Côrtes Maçonicas Portuguezas, que poucos mezes antes havião dado vivas aos seus Irmãos do Brasil. O Povo do Rio de Janeiro oppõe-se á partida de S. A. Real, reclama os seus Direitos contra a perfidia de Portugal: quasi todo o Brasil abraça os sentimentos heroicos, e leaes dos Fluminenses, e resistem em face aos iniquos Decretos das Côrtes Lisbonenses: então huma grande parte dos Maçons vira a casaca, fazendo da necessidade virtude. Sim, Senhor, aquelles, que se horrorisárão, gritárão, e escrevêrão em Outubro de 1821 contra *o plano alliciador do Imperio do Brasil,* attribuindo-o não aos Liberaes, porem aos Ultras, aos Corcundas, e aos Servis, estes mesmos são os que á bôca cheia hoje se dizem os fundadores do Imperio!! Aquelles, que *saltavão de contentes por verem a turba dos gibosos remordendo-se, e espumando de raiva, por se ter malogrado o ensaio de 4 de Outubro do mesmo anno*, hoje se glorião de terem sido os que pozerão a Corôa na Cabeça do Augusto Imperador do Brasil!! Combinem-se as Folhas, e Periodicos daquelles tempos de illusão Liberal-Constitucional com as da presente época Imperial, e diga V. S. se o que avanço não he huma pura verdade, e se

o que se segue no seu Despertador não he huma descarada impostura.

Disto não podemos allegar melhor prova do que o testemunho do mesmo Ministerio do Governo, e de pessoas dignas de fé, sem que houvesse vestigio de conspiração, tendo somente em vista o Direito de Successão na justa, e bem merecida Acclamação de Imperador do Brasil na Pessoa do Senhor D. Pedro I., que anteriormente já tinha sido proclamado Defensor Perpetuo. Na verdade: quem não ficará surprendido, e aturdido com tão impostoras phrases? O Ministerio do Governo, que S. M. F. deixou, foi todo lançado abaixo por artes Maçonicas. Varios outros Ministros, que S. M. I. elegêo, quando não agradárão aos Maçons, fôrão calumniados, e perseguidos até serem demittidos por artes Maçonicas; as pessoas dignas de fé são os mesmos da Irmandade, a que o Sr. Despertador recorre para apoiar a mentira, ou, se não são da Irmandade, serão certamente aquellas, a quem se encommendavão as duzias de botelhas de Champagne para festejar os seus triunfos. Não houve vestigio de conspiração; mas houve o astucioso recurso de enviar emissarios para as Provincias, com instrucções secretas aos seus Irmãos, para arranjarem o Imperio Constitucional ao seu modo, visto não ser possivel evitar a Acclamação do Imperador; houve a perfida manobra do juramento previo, contra o qual todas as Camaras ao depois unanimemente reclamárão. Houve muita cousinha boa no Orgão da seita, o *Correio*, que tocava lindamente modinhas bem liberaes; houve insinuações ás Provincias, para que os Deputados para a Assemblêa Constituinte Legislativa fossem todos, ou quasi todos, Maçons, a fim de se formar huma Constituição Democratica, com hum Presidente Imperador Constitucional, ou Honorario, sem Côrte, sem Vetó,

sem Poder de dar Titulos, sem o Commando da Força Armada de Mar, e de Terra; em fim, hum Imperador primeiro, e sem segundo!!! O Direito de Successão, que estes Amigos Maçons somente tiverão em vista, foi o amor, que o Povo Brasileiro tinha ao seu Principe Regente, manifestado este amor nos mezes de Janeiro, e Fevereiro de 1822 nesta Provincia, nos de Abril, e Maio de 1823 na de Minas Geraes, nos de Agosto, e Setembro na de S. Paulo. O muito heroico, e leal Povo do Rio de Janeiro, oppondo-se com intrepidez á retirada do seu Augusto Regente para Lisboa, sem temor das baionetas dos Lusitanos, e esvoaçando os vencedores dos vencedores, somente com o auxilio de hum punhado de tropa regular, fiel ao seu Principe, e resoluta a morrer por elle, foi o primeiro movel, que determinou a Maçoneria a renunciar as suas idéas republicanas; o segundo movel foi o enthusiasmo, com que os briosos Mineiros recebêrão na sua Provincia o seu Regente, diante de cuja Presença cahirão por terra os castellos de vento, que os Maçons da terra do ouro, e dos diamantes ideavão nas suas phantasias; o terceiro movel foi finalmente a decidida resolução dos intrepidos Paulistas no lugar do Piranga, onde, proclamando-se a independencia do Brasil, igualmente se proclamou o Imperio: esta decidida resolução fez desmaiar a Maçoneria, e ao mesmo tempo convencêo a Irmandade dos arquitectos que o novo edificio se devia fabricar á vontade do dono; e visto que elles ensinavão por toda a parte que o Povo era Soberano, o Povo, usando deste Direito, que se lhe attribuia, o restituia, e depositava nas mãos d'aquelle, a quem legalmente pertencia. Logo: Sr. Despertador, se o Oriente se accommodou com as idéas da Nação Brasileira, manifestadas pelas Camaras das Provincias, espe-

cialmente as do Sul, que erão as que nessa época se achavão mais desasombradas das baionetas Lusitanas, e menos influidas pelas Côrtes de Lisboa, foi inteiramente violentado, e obrigado pela opinião pública; e por consequencia bem natural he falso, e falsissimo que os Maçons somente tivessem em vista o Direito de Successão na Acclamação do nosso Augusto Imperador. Alem disto, como se pode comprehender que huma Sociedade, inimiga declarada dos Thronos, e do Governo Monarchico Legitimo, tivesse unicamente em vista o *Direito de Successão na justa, e merecida Acclamação de Imperador do Brasil na Pessoa do Senhor D. Pedro I?* Como he possivel combinar esta impostura Maçonica com as doutrinas, que se espalhavão nos Periodicos de todo o Brasil, extrahidas dos mais furiosos libellos dos Revolucionarios Francezes, Hespanhoes, e Portuguezes? Não negárão elles todo o Direito aos Reis, attribuindo-o unicamente ao Povo, ao Povo Soberano? Não tractavão de Despotas, de Tyrannos, e de Monstros aos Legitimos Monarchas? Não dizião que os Principes erão os Algozes dos seus Subditos, e Vassalos; que convinha cortarem-se-lhes as unhas, para não fazerem mal? Não lamentavão os pulsos arrochados, os vergões ensanguentados, os pôtros, as cadêas, os cadafalsos, com que o despotismo atormentava os seus escravos? Finalmente, não procuravão de todos os modos possiveis tornar odiosa aos Povos a Dignidade Real, negando que a Soberania, e o Poder, com que imperão os Reis, venha immediatamente de Deos, contra os mais expressivos Oraculos da Divina Sabedoria? E não pozerão tambem em problema o Direito de Successão, ou a Heredidade do Throno, contra as Leis Fundamentaes de todas as Monarchias bem constituidas, e reguladas pela prudencia, e pelo saber dos

antigos Legisladores? Se foi o Direito de Successão que a Maçoneria Oriental teve somente em vista para Acclamar Imperador o Senhor D. Pedro I, porque os Emperrados Mâçons Periodistas escrevêrão (e muitos ainda persistem nessa opinião) que S. M. I. fôra Acclamado unicamente por huma mera graça, huma livre escolha, huma espontanea deliberação, e por hum acto privativo, e gratuito da Soberania do Povo, isto he, da Maçoneria, que se erigio Zelador, Procurador, e Tutor do Povo, porque ella assim o quiz, o determinou, e executou? Porque tambem se enfurecêrão tanto contra os honrados Escriptores, que fizerão menção do Direito de Successão, tão justa, e legalmente attendido pela Nação Brasileira, e que tantos gabos, credito, e gloria lhe adquirio pelo Mundo civilisado; sendo por isso a independencia Brasileira o Protótypo da justiça, da fidelidade, e da honra? *Si viventis hereditas esset.* Ora: Sr. Despertedor, ou nada escreva, ou escreva de sorte que não possa ser arguido, e convencido de impostura. Dizem que V. S. fòra o que lembrára o Titulo dado a S. M. I., de Defensor Perpetuo do Brasil, porque vio a sua Provincia da Bahia nas guellas dos lobos: mil louvores sejão dados a V. S. por tão feliz lembrança! Mas attenda que ainda ha muitos lobos de differente especie dispersos por todo este Imperio, *in circuitu impii ambulant*, dos quaes muito nos convem que S. M. I. nos defenda, e proteja; fazendo-se V. S. advogado, e apologista destes lobos, que são tanto mais temiveis, quanto mais manhosos, insaciaveis, e crueis se tem mostrado por toda a parte, logo que chegão a prevalecer, V. S. torna-se inimigo do Imperador, e do Imperio. *Foin du loup, e de sa race!*

Omittindo huma tirada de palavrorios enigmaticos, e de recriminações contra Franklin, por

ter sido infiel á Maçoneria, escrevendo contra tão sapiente, virtuosa, e veneravel Sociedade, por não ser do meu objecto entrar em semelhante contestação, nem o Sr. Franklin necessitar de Donatos, que o auxiliem, não posso com tudo deixar passar sem tosquia o remate desta longa, e pouco intelligivel arenga, com que o Sr. Despertador regalou os seus Leitores. Diz pois: *Não sendo finalmente da nossa intenção abrir aula pública para instruir os nossos ouvintes sobre a verdadeira Maçoneria, com tudo não consentiremos jamais que o Oriente Brasilico, que tantos serviços prestou á sagrada causa da nossa Independencia, seja execrado por malvados, e ultrajada a sanctidade dos seus principios, e a utilidade dos seus fins, que se fundão no amor da verdade, pesquisa das sciencias, prática das virtudes, confraternidade geral entre os homens, odio ao fanatismo, e superstição, como mais claramente se verá dos ....* Logo iremos a elles. Entretanto, digo primeiramente que até agora ignoramos qual seja a verdadeira Maçoneria, e qual a falsa, porque ainda V. S. nos não dêo a conhecer os signaes caracteristicos, pelos quaes se distingua huma da outra. Todos os Maçons, até os mesmos Carbonarios, gabão-se de que levantão Templos á virtude, e cavão masmorras aos vicios, de que são virtuosos, filhos da luz, etc. Por tanto conjuro a V. S. para que em hum dos seus Despertadores nos instrua sobre a differença, que ha entre os verdadeiros Maçons, e os falsos; quaes são os que confessão *Unam, Sanctam, Catholicam, et Apostolicam Ecclesiam*, como nos ensina o Symbolo da Fé, e se dizem com Tertulliano (que vale mais do que mil Rousseaus, e Volneys): *colimus Imperatorem ut hominem a Deo secundum, et solo Deo minorem.* Em segundo lugar digo que, quando fosse da intenção de V. S. subir á cadeira da pestilencia,

com o execravel fim de corromper, e damnar a mocidade com as suas instrucções sobre a verdadeira Maçoneria, o Governo certamente o não havia de consentir, e immediatamente faria ir o Mestre do erro, e da impiedade rebolindo da cadeira abaixo, para levar as suas lições de philantropia Maçonica aos Cafres, e Hottentotes. alem disto seria hum Veneravel de papo amarello tão infiel aos seus juramentos de inviolavel segredo, que descobrisse aos profanos os arcanos da Pedreiral Sociedade, correndo-lhes diante dos olhos a cortina, que esconde os reconditos mysterios da iniquidade, e da conspiração *adversus Dominum, et adversus Christum ejus?* Embora grite o Sr. Despertador que jámais consentirá que os malvados (assim marca com o ferrete da ignominia homens de reconhecida probidade, e fidelidade ao seu Deos, e ao seu Soberano) execrem, e ultrajem o Oriente Brasilico; porque, quer V. S. consinta, quer não consinta, quer queira, quer não queira, ninguem chamará bom o que he máo, virtuoso o que he vicioso, amavel o que he aborrecivel, a não ter o coração endurecido, e o entendimento obscurecido, como o dos Maçons, que se não rendem aos remorsos, nem ao temor, nem á vergonha; quando ha tantas, e tão grandes provas, tão claras, e evidentes dos funestos estragos, que por toda a parte tem feito os Orientes, os Clubs, as Lojas, as Vendas, e todas as demais Associações secretas de qualquer qualidade, e denominação, que sejão, verdadeiras eschólas da impiedade, e fócos de conspirações.

Embora gabe-se o Sr. Despertador Constitucional dos grandes serviços, que o Oriente Brasilico prestou á sagrada Causa da nossa Independencia; muito melhor fôra que tal Oriente nunca tivera existido; nem que os seus Membros, como

Maçons, se intromettessem em Causa tão sagrada, que toda era dos Brasileiros, e toda Nacional; pois que as pessoas, que nella figurárão, e tiverão tanta parte como gloria, proclamando, sustentando, e defendendo a Independencia, o Imperio, e o Augusto Imperador, não se apresentárão na scena politica, nem na arêa da lucta como Maçons, porem como Cidadãos, e Patriotas. Sim: foi o Patriotismo, o amor da Liberdade, o estimulo da honra, que os animou a rejeitar o jugo Colonial, que as perfidas Côrtes Lisbonenses pertendião impôrnos com ignominia machiavelica: foi o reconhecimento dos Direitos inauferiveis do Senhor D. Pedro I, que obrigou os Brasileiros a Acclamar o Mesmo Augusto Senhor Defensor Perpetuo, e logo depois Imperador do Brasil. Ora: tudo isto se faria lindamente, sem que tivesse o menor resaibo da Maçoneria, que de alguma sorte veio derrancar, perverter, e deslustrar a bondade de tão generoso, e brilhante feito. Sim: será hum borrão, e hum borrão indelevel nas paginas da Historia do Imperio Brasileiro, se algum Escriptor Maçon tiver o arrojo de escrever que a Independencia da Terra da Sancta Cruz, a elevação do seu Imperio, e a Acclamação, e Coroação do seu Imperador fôrão obras Maçonicas, forjadas nos Clubs secretos. Porem as Actas da Camara desta muito Heroica, e Leal Cidade do Rio de Janeiro, as das Camaras da sua Provincia, e das outras Provincias do Imperio, desde o Prata até o Amazonas, solemnemente o desmentirão; porque em nenhuma dellas se faz a minima menção da vontade, e concorrencia de Maçons; e os que as assignárão fôrão Cidadãos Brasileiros d'entre a Nobreza, Clero, e Povo; e, se alguns destes erão Maçons, não se declarárão por taes. Caso porem se assignassem como Maçons, nenhum vigôr terião semelhantes

assignaturas de Membros de huma Sociedade prohibida pelas Leis, e por consequencia nullas em Direito. Por tanto pode o Sr. Despertador allegar os serviços, que prestou á sagrada Causa, como Cidadão Brasileiro, e tambem como Militar; mas como Maçon, e como Membro do Oriente Brasilico, isso não; não he possivel de modo algum, sob pena de viciar, e enxovalhar huma Causa tão heroica, e tão sagrada.

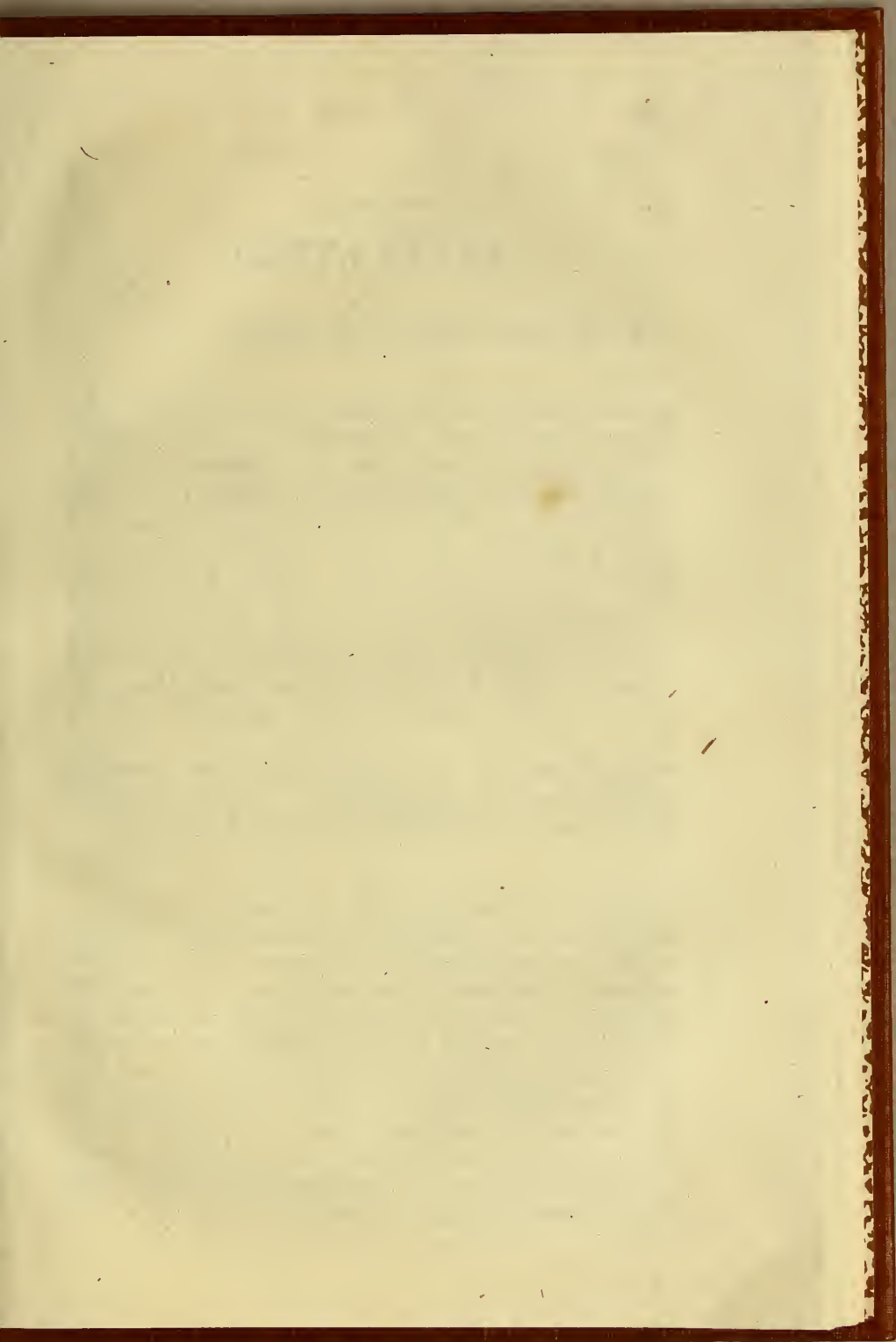
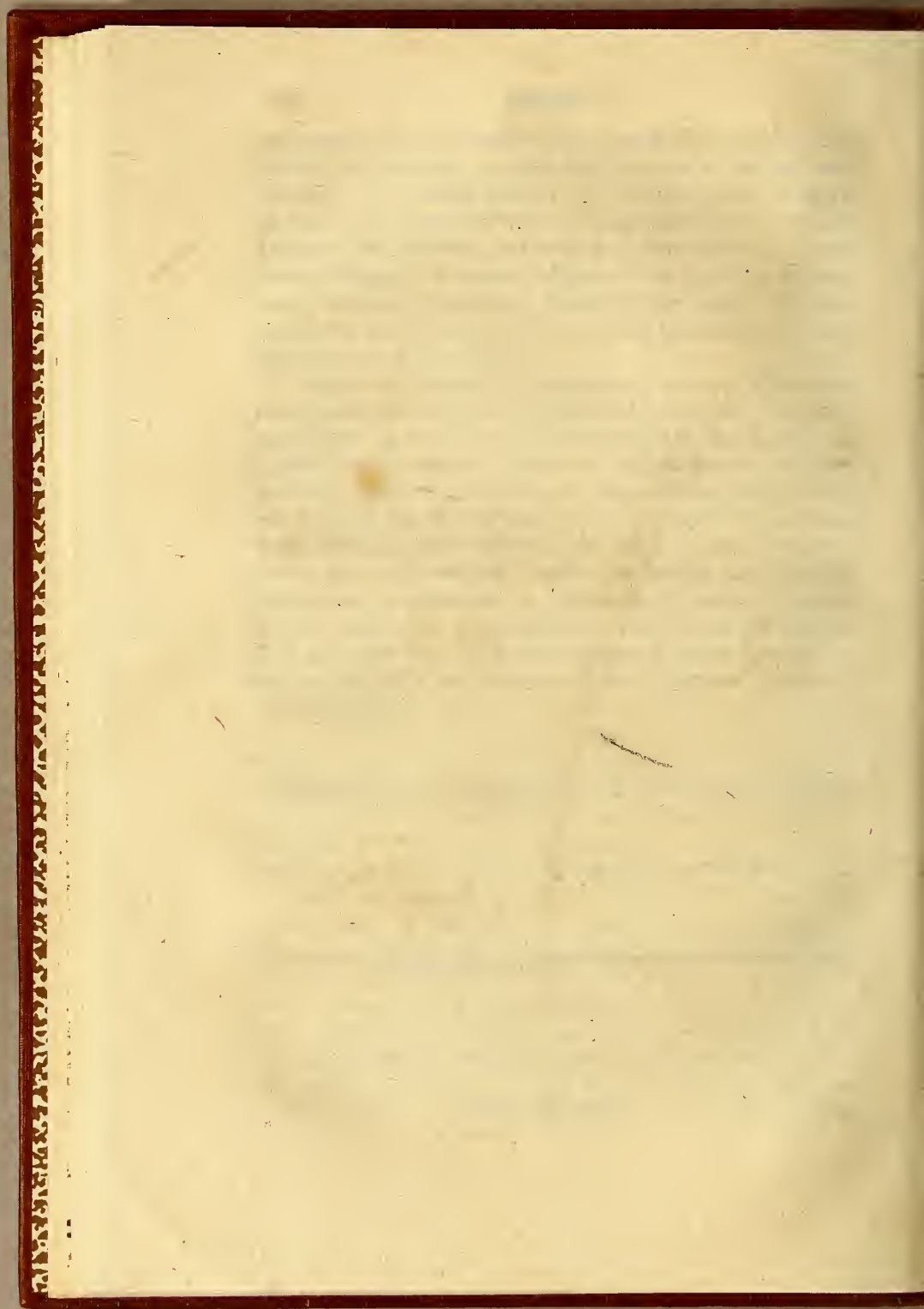
Qaanto porem ás imposturas da *sanctidade dos principios da Maçoneria*, *utilidade dos seus fins*, *que se fundão no amor da verdade, pesquiza das sciencias, prática das virtudes*, *confraternidade geral entre os homens*, *odio ao fanatismo*, *e superstição*, responderei a V. S. na Carta seguinte, em que farei a tosquia dos Dogmas Maçonicos, que o seu Despertador nos apresentou embrulhadinhos em papeis dourados, e recortados, a fim de enganar, e seduzir os simples, e ignorantes. Esta será entregue a V. S. por hum Giboso, amigo do meu Corcovado, o qual de boa mente se me offerece para ser o Portador.

Quinta do Corcovado aos 22 de Abril de 1825.

O que vê, e não ouve.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA SEXTA.

Senhor Despertador Constitucional.

A pesar de que o invencivel Anti-Maçon tenha já desenrolado, e desfeito em fumo toda a pompa brilhante, e seductora das palavras magicas, com que V. S. involveo os Dogmas Maçonicos do Oriente Brasilico, ficou-me ainda muito, que dizer sobre esta infernal Cartilha, digna dos mais severos anathemas da Igreja, e do mais exemplar castigo pelo Governo; o que V. S. verá da tosquia, que passo a dar em cada hum dos dictos Dogmas de per si, guiado unicamente da authoridade d'aquella Luz Divina, da verdadeira Luz, que illumina a todo o homem, que vem a este Mundo.

Dogmas, com que os Maçons do Oriente Brasilico erão iniciados, e preparados, tendo por base os principios da Moral universal, e por exercicio a pratica das virtudes.

Quanta malicia, quanta blasfemia, quanta impiedade não se acha amalgamada nestes impios Dogmas, em os quaes os Maçons inicião os seus Adeptos, e os preparão para a perdição! Dogmas baseados na razão corrompida do homem destituido do lume da Revelação, do homem da Natureza! *Os principios da Moral universal* nada mais são, do que principios da Moral pagã do Boticudo, do Idolatra Indio, Chinez, Japonez, e Tartaro, do Cafre, do Huttentot, do Habitante das Ilhas do Mar Pacifico, do Musulmano, etc. tão differente, tão vária, e tão opposta entre si, como são os

usos, costumes, e crença desses Povos; e em tão horriveis Dogmas se inicião, e preparão entre os Christãos, os filhos dos Christãos! *E por exercicio a pratica das virtudes.* Que virtudes, Grande Deos! As virtudes, as virtudes dos Gentios, o suicidio, a vingança, o odio, a fereza, a incontinencia, a vaidade, o egoismo, etc! Eis a razão, por que estes livrinhos modernos, tão bonitinhos, tão douradinhos, que trazem vidas de Brutos, de Catões, de Grachos, de Publicolas, de Lucrecias, são hoje substituidos aos antigos alfarrabios das vidas dos Heroes do Christianismo; eis a razão, por que apparecem nestes livros estampasinhas tão bellas, e delicadas dos Campos Elisios, morada feliz dos grandes Homens, cujas vidas devem servir de modêlo á mocidade; eis-aqui porque corre por toda a parte o Emilio, a Pucelle, o Compadre Matheus, o Theatro de Venus, e milhões de Novellas ludicras, immoraes, impias, e detestaveis, que excitem as fogosas paixões da mocidade para as virtudes Maçonicas, e lhes ensinem a cavar masmorras, e a levantar templos, antes de receberem o gráo de Aprendiz nas cavernas da impiedade, e da rebellião! *Oh tempora, oh mores!* Pais de familias alerta sobre as leituras dos vossos filhos!

1.°

Honrar a Deos como Auctor de tudo o que he bom.

Que impiedade! Que blasfemia! A Deos se deve o culto de snmmo amor, de summo obsequio, e de summa servidão; porque elle he o summo bem, o Pai amantissimo das suas creaturas, e Senhor absoluto de toda a natureza. Deos, como Ente perfeitissimo, e a summa Bondade por essencia, he o principio, e o fim de todas as cousas, admiravel nas suas creaturas, amavel nos homens, desideravel nos Anjos, intoleravel nos reprobos, a cujo Nome Sancto, e Terrivel o Ceo, a Terra, e os Infernos curvão o joelho; apenas merece de hum Maçon o obsequio de huma honrasinha tal-

vez menor do que a que elle presta ao seu invisivel Grão Mestre; sim, menor; porque o Maçon executa á risca os preceitos do Grão Mestre, ou a vida lhe ha de custar; mas os preceitos de Deos, ou os nega, ou recusa obedecer-lhes. He deste primeiro Dogma Maçonico tão impio, e abominavel, que nasce toda a perversidade desta Sociedade dos Maçons. Porque, negando elles ser Deos Auctor da Graça, da Revelação, e da Religião Christã, pertendem lançar por terra, e alluir até os fundamentos a Sancta Igreja; he deste Dogma, que tem o seu principio o Deismo, ou o Naturalismo, e o Indifferentismo, que a final acaba pelo Atheismo. Os Maçons Filosofos de París no principio da Revolução admittirão a liberdade de Culto religioso, proscreverão ao depois não só a Religião Catholica, porém todas as Religiões, passarão a declararem-se Atheos por hum Decreto solemne. Foi então que o Povo Christianissimo vio com horror as hordas Maçonicas Jacobinas levarem em procissão pelas ruas em huma charola a Deosa da Razão, huma Prostituta nua, coroada de flores, e a forão collocar no Sanctuario do Deos vivo sobre o Altar, onde se immolava a Victima Sacrosancta. Tanto não se vio em Lisboa em 1823; porem notarão-se muitos preludios, que indicavão estar-se aproximando o dia da desolação, da abominação. Taes são as honras, que os Maçons prestão a Deos, e taes os Templos, que semelhantes Architectos levantão! São huns vaidosos, huns impostores, huns mentirosos todos aquelles homens, nos quaes não se acha a sciencia de Deos, diz a Sabedoria no Cap. XIII. *Vani sunt omnes homines, in quibus non subest scientia Dei.* Deos de viva voz ensinou ao primeiro homem, Adão, e este a seus filhos, que Elle deve ser adorado, servido, e amado. Caim, e Abel offerecião-lhe sacrificios, e invocavão o Nome do Senhor; e este culto foi transmittido de geração em geração

até o Diluvio, que extinguio a primeira raça humana. Ficou salvo Noé, o Progenitor da nova raça, que não se esqueceo do pacto, que Deos havia feito com elle; logo que cessarão as aguas do Diluvio, continuou a praticar o mesmo culto de adoração, e de amor, que havia recebido por tradição de seus pais, e o transmittio com a mesma pureza aos seus filhos, e netos, até o tempo de Moysés, no qual expirou a Lei, e o Culto Natural. Sobe Moysés ao Sinai, onde Deos lhe deo a Lei Escripta: Lei fundada nas relações entre Deos, e os homens, e os homens huns com os outros. Diz Deos no 1.º Artigo da Lei: Eu sou o Senhor teu Deos.... Não terás Deoses estrangeiros diante de mim, (isto he não prestarás o culto, que me he devido, a algũma outra creatura), porque eu sou o Senhor teu Deos, o Deos forte, e zeloso, etc. Depois disto passou o Senhor a dar as leis ceremoniaes sobre o culto, sobre os sacrificios, as leis judiciaes, etc. Esta Lei Escripta durou até que Jesu Christo Filho de Deos, de Abraham, e de David, descido á terra, e feito homem, para reconciliar o genero humano com o seu Eterno Pai, e chamar todas as gentes ao conhecimento do Deos de Israel, a fim de formar verdadeiros Adoradores, que adorarião o Senhor em espirito, e verdade, abolio a Synagoga, e fundou a Sancta Igreja. Jesu Christo pois explicou o 1.º Mandamento, dizendo assim: Amarás o Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. Se este he o preceito da Lei, que os Christãos devem saber, e praticar para conseguir a vida eterna, como se atreve o Oriente Brasilico a ensinar aos seus Adeptos hum preceito differente d'aquelle, que o mesmo Deos impoz desde o principio do Mundo? E atrevem-se estes descarados mentirosos a affirmar que na Maçoneria nada ha contra a Religião? Que cousa póde ha-

ver mais opposta á Religião, do que o culto Maçonico, sem amor, sem adoração, sem relação alguma com as infinitas perfeições de Deos? Sem respeito, sem obsequio, sem gratidão aos beneficios, que o Senhor tem feito, e faz ás suas creaturas? Como pertendem estes incredulos, que negão a Revelação, e os Mysterios da Graça, e da Redempção, que a Igreja os tolere, não os anathematise, nem os condemne, quando elles tractão com rigor excessivo, e até com a morte, os seus desertores, e apostatas? Desengane-se, Sr. Despertador, não ha meio: ou ser Maçon, ou ser Christão; ou ser filho do Diabo, ou de Jesu Christo! V.S. he hum verdadeiro Manicheo, que admitte em Deos dous principios, duas naturezas, huma boa, outra má; a boa que fez o Mundo, e a má de que o Mundo foi feito: fóra com tão grave, e abominavel blasfemia, diz S. Agostinho! fujamos do Manicheo, e recorramos anciosamente ao abrigo, e ao seio da doutrina da Sancta Igreja. *Absit gravis, et abominanda blasphemia, fugite Manichæum, et ad veritatis Catholicæ ubera toto desiderio convolate. D. Aug. Cont. Manich.*

2.°

Honrar a virtude como destinada a conservar todo o bem, que Deos creou.

Pelo 1.° Dogma Maçonico do Oriente Brasilico deve o Aprendiz Maçon honrar a Deos; pelo 2.° deve honrar a virtude, logo Deos, e a virtude tem a mesma, e identica honra, o mesmo, e identico culto; deste modo Deos e a virtude ficão na mesma linha dos obsequios Maçonicos, e por consequencia tanta estimação merece, e se dá ao que em si he Infinito, Perfeitissimo, Immutavel, Invisivel, Incomprehensivel; aquelle, a quem he devida a gloria, a honra, e o poder por todos os seculos dos seculos; como ás acções, e actos humanos, que de sua natureza são finitos, limitados, imperfeitos, inconstantes, visiveis, e comprehen-

siveis. Que absurdo! Que blasfemia! Tambem os Maçons não admittem as Virtudes Theologicas, sobrenaturaes, e infusas, rejeitão a Fé, a Esperança, e a Caridade. O Impio Volney no seu infernal Cathecismo pergunta: são virtudes a Fé e a Esperança? Não, responde elle, são virtudes dos tolos, em proveito dos velhacos. O Maçon nada crê, e nada espera depois da morte, nem ama a Deos, nem ao seu proximo. A caridade consagrada nos livros sanctos como a primeira das virtudes, comprehendida nos dous preceitos, dos quaes pende toda a Lei e os Profetas, foi substituida pela filantropia filosofica. Filosoficas são tambem todas as mais virtudes, que a Maçoneria admitte, puramente humanas, e sem fim algum sobrenatural; as virtudes pagãs dos Socrates, dos Epitectos, dos Catões, dos Aurelios, dos Antonios, sem relação alguma a Deos, origem e fim de todas as cousas, virtudes defeituosas em si mesmas, e nos que as praticão sem o auxilio da Graça Divina, virtudes viciadas pelo egoismo, pela soberba, pela vaidade; virtudes, que não tem por base a caridade, nem se fundão na humildade, no sancto temor de Deos, no reconhecimento do proprio nada da creatura; em fim virtudes apparentes, illusorias, e falsas, como as dos Escribas, e Fariseos, dos quaes dizia Jesu Christo, que não entrarião no Reino dos Ceos. *Nisi abundaverit justitia vestra plus quam Scribarum et Pharisæorum non intrabitis in Regnum Cœlorum.* Eis a vossa sentença, ó Maçons, que zombaes das virtudes Christãs, que escarneceis de tudo quanto tem relação com Deos, e com a Religião, que negaes a sanctificação por meio das boas obras, mediante a graça adquirida pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesu Christo, que chamaes todos os que crêm em Deos, e aos Misterios revelados por meio dos Profetas, e de seu filho Jesu Christo, Salvador e Redemptor do Mundo, que educaes vossos

filhos como gentios, apartando-os da Igreja, e da participação dos Sacramentos, inspirando-lhes odio a tudo quanto he Ecclesiastico, e Religioso, a tudo quanto he de Deos!! Ai de vós, Maçons! Se as vossas virtudes não forem maiores, e mais perfeitas do que as dos Escribas, dos Fariseos, e as dos Gentios, não entrareis no Reino dos Ceos. *Nisi abundaverit justitia vestra plus quam Scribarum, et Pharisœorum non intrabitis in Regnum Cœlorum.* S. Math. Cap. 5., 20.

3.°

Cultivar a razão como meio seguro de agradar á Divindade, e de ser util aos seus semelhantes.

Venha cá, Sr. Despertador, não illudido, porém illusor, diga-nos o que he a razão cultivada sem o lume da fé? Trevas, e mais trevas, ignorancia, e mais ignorancia, dúvida, e mais dúvida, erro, e mais erro. Porque andão os Filosofos discordantes entre si, desde a primeira Eschola dos antigos seculos, até a derradeira dos nossos dias? Porque jámais concordão em huma só opinião, huma vez que não seja sobre objecto de simples intuição do entendimento, ou que não passe dos limites dos sentidos? Porque se precipitão esses Senhores illuminados em profundos abysmos de disparates, e de absurdos, logo que encadêão os seus raciocinios para descobrir qualquer verdade, ou demonstrar qualquer problema? Diz o Atheo insensato: Não ha Deos; e o mesmo asseverão outros muitos, que vivem como se fossem bestas, que não tem entendimento, dos quaes o Atheo Lallande formou hum copioso Diccionario. Diz o estupido Pantheista: ha Deos; porém he a Natureza, ou o Universo: *Deus est quodcumque vides, quocumque moveris.* Affirma o louco Indifferentista; sim existe hum Deos; mas elle não se importa com o que se passa no Mundo, não exige de nós culto algum, ou antes se satisfaz com toda a qualidade de culto. Assevera o corrompido Polytheis-

ta: Deos não he hum unico, ha muitos Deoses, e tambem Deosas, huns superiores, outros inferiores, huns casados, outros solteiros, etc. etc.; assim os Chinezes tem seus Deoses, os Bramenes os seus, os Persas, os Egypcios, os Peruanos, os Mexicanos, os Cafres, em huma palavra não ha Povo, nem Nação, que não tenha os seus Deoses differentes dos Deoses dos outros Povos, e Nações; porém todos confessão que a sua razão está bem satisfeita com elles, ou antes com os delirios da sua imaginação. Logo, Sr. Maçon Despertador da impiedade, a razão humana sem a guia da razão Divina communicada pela Revelação, por mais cultivada que possa ser pela Maçoneria, he, e será sempre escuridão, trévas, e cegueira, e por consequencia não poderá ser agradavel á Divindade: *sine fide impossibile est placere Deo.* Se dissermos que andamos na luz sem o archote da revelação, que nos communica a razão Divina, mentimos, e não ha verdade em nós. Para aperfeiçoarmos a razão, a fim de sermos agradaveis á Divindade, de nada valem as sciencias humanas: toda a sabedoria, que não se funda no sancto temor de Deos, que não se nutre da Fé, e não vive da Caridade, he vã, he presumpçosa, he inutil, he falsa; tal como a sabedoria dos incredulos filhos putativos da luz, que se adquire, e aperfeiçoa nos Orientes, e Lojas e Vendas Maçonicas, Carbonarias, onde tudo he trévas, erro, seducção, impiedade, e abominação, que, em vez de ser util aos seus semelhantes (isto he aos Irmãos da Seita), torna-se prejudicial, maligno, e pestifero a elles, e a nós. Ah! que bonito he o nosso seculo de luzes, e quanto he agradavel a Deos, e util aos homens a razão cultivada pelos Maçons nas suas tenebrosas espeluncas! *Dicant Paduani.*

Sim, Senhor, abra-se o horroroso livro das Revoluções, Franceza, Hespanhola, Napolitana, Portugueza, Americana, e mesmo Brasileira, (com-

tanto que não seja a sua Historia composta por V. S.) que lemos nós? Que toda a utilidade da sabedoria dos filhos da luz consistio, e consiste em blasfemar contra o Nome de Deos de nossos Pais, em urdir tramas contra o Altar, e o Throno, em injuriar os Christos do Senhor, e os seus Ungidos, os Reis, e os Sacerdotes, em atraiçoar, e em enredar os Governos, e as Authoridades legitimas, em seduzir, allucinar, e rebellar os povos com os especiosos nomes de liberdade, igualdade, soberania, etc.; em servir-se da credulidade dos illusos, e da corrupção dos máos para o seu proprio interesse, e elevação; em reduzir tudo á desordem, e á confusão para ao depois reinarem sobre as ruinas, que fez a sua arquitecta Maçoneria, guiada pela razão depravada, e insensata sabedoria. Mas que fructos tem elles colhido de tantas iniquidades? Serem elles mesmos ao depois victimas, e algozes huns dos outros; porque, querendo todos elles o mesmo, ao repartir os despojos, voltão-se os Mestres contra os Discipulos, os Discipulos contra os Mestres, e todos contra todos; quaes lobos famintos despedação-se, e devorão-se mutuamente sem compaixão, nem misericordia. Triste do Estado, onde ha Maçons cultivadores da razão, e onde a razão he cultivada por Maçons!!

4.°

Cultivar as Sciencias, para que se tornem proveitosas á razão para contrariar os vicios, e os absurdos.

Como a linguagem dos Maçons he toda enigmatica, e quasi sempre se deva entender ao contrario da intelligencia natural, e obvia, parece á primeira vista que este Dogma nada tem de venenoso; porém não he assim. As Sciencias humanas, quer sejão Mathematicas, quer Metafisicas, quer Fisicas, quer Moraes, achão-se hoje bastantemente degeneradas da pureza, com que se ensi-

navão nos seculos ultimos, quando ainda o Filosofismo Maçonico-Liberal não havia depravado a razão com as suas idéas immoraes, revolucionarias, e impias. Bem poucas Obras Filosoficas se compõem hoje, que não estejão mais ou menos iscadas de Atheismo, ou de Pantheismo, ou de Materialismo, ou de Deismo, ou de Indifferentismo; que não ataque mais ou menos rebuçadamente a legitimidade do Governo Monarchico; que não seja fautora da Soberania popular, e pregoeira de republicas, de federações, e de representativos. Achando-se deste modo viciadas as Sciencias pela malicia dos novos Filosofos, que de todos os vehiculos se servem para propinar o veneno da impiedade, e da anarchia; e havendo já nesta Côrte tão grande copia de livros pestiferos, eis a razão, por que os Maçons inculcão as Sciencias como proveitosas á razão, a fim de contrariar os vicios, e os absurdos. Os absurdos são as verdades reveladas por Deos, como o Mysterio da Trindade Sanctissima, o da Incarnação do Verbo, os da Redempção, etc.; os Sacramentos, em fim todo o Symbolo da nossa Fé, que a Sancta Igreja nos propõe para crer, e que o Catholico crê, e confessa firme com a certeza de que o mesmo Deos nos revelou. Os vicios são aquelles actos externos, que os Maçons dizem que degradão o homem; a saber, o respeito, a obediencia, a submissão, a reverencia, que se prestão aos Superiores, especialmente aos Soberanos, e designão os taes vicios por escravidão, servidão, carcundismo, e por outros nomes modernos, cujo Diccionario até foi impresso nesta Corte por hum Peralvilho liberal; porque, o que os Maçons pertendem, he descatholisar, desabusar, corromper, desmoralisar a Mocidade, a fim de melhor revolucionar o Povo; e para esse fim inculcão as Sciencias. Mas que Sciencias? As Sciencias, isto he, os livros do Atheo Payne, do immortal Barão de Holbak, do scele-

rado Voltaire, do deista Rousseau, do irreligioso Dupuis, do visionario Volney, dos Revolucionarios Francezes, Inglezes, Hespanhoes, Portuguezes, etc. etc. Estas são as Sciencias, Sr. Despertador, que V. S. diz fazerem o objecto do 4.° Dogma Maçonico do Oriente Brasilico; as outras verdadeiras Sciencias ensinão-se nas Universidades, nas Academias, nos Collegios, e nas Aulas, onde nem entrão, nem se consentem Prumos, Esquadrias, Camartellos, Candieiros triangulares, Trolhas, Aventaes, Mitras, e Barbas postiças, etc. Que importa a hum Maçon, que floreção as Sciencias, se para ser sabio basta intitular-se filho da luz? Não, não são as Sciencias o verdadeiro empenho da Maçoneria, nem jámais ellas fizerão objecto das suas Orgias nocturnas. Não são os livros scientificos, que a Maçoneria encommenda dos Reinos Estrangeiros: quaes sejão elles V. S. melhor o sabe do que eu; mas sempre apontarei alguns, trascrevendo o seguinte Extracto de huma Carta escripta de París com a data de 26 de Janeiro de 1823, e impressa nesta Côrte em hum dos seus Periodicos mais estimados. = Aqui se está tramando huma Conspiração contra os Brasileiros; os papeis os mais incendiarios forão já traduzidos na lingua Portugueza, e com toda a pressa; a Origem dos Cultos de Depuis para descatholisar o Brasil; a Ruina dos Imperios de Volney, Helvetius, Prevot, Boulanger, o Contracto Social de Rousseau, toda a Parte Filosofica de Voltaire, e Benjamin Constant. As Edições Stereotypas são feitas á custa das Sociedades Secretas para serem vendidas pelo mais vil preço na America do Sul. Taes são as armas, com que os nossos Demagogos pertendem atacar os habitantes pacificos do Brasil para perverter as suas opiniões politicas, e precipita-los nos abysmos das Revoluções. Julguei a proposito fazer-vos a denuncia desta Conspiração contra o Brasil, para que a Po-

licia se acautele, e não durma; senão daqui a pouco o vosso Paiz será inundado destes volumes pestiferos; lavrados pelo crime contra a virtude, pela insubordinação contra a Authoridade, pela impiedade contra a Religião. = Espelho N. 151, 29 de Abril de 1823. Que diz agora a isto, Sr. Despertador, entrei bem no espirito do seu Dogma Maçonico, ou não? Então que taes são as velhacadas do seu Oriente Brasilico, que V. S. assevera que está intacto na sua Moral? Os livrinhos já vão apparecendo ás duzias; passemos ao Dogma seguinte, que he famoso!

5.°

Estabelecer o amor do proximo para o salvar das perseguições, e dos estragos do fanatismo, e da superstição.

A velhacada deste 5.° Dogma consiste em que o nome Proximo significa Maçon: o amor, que se exige, e ordena, he entre os Irmãos da Trolha para os salvar a todo o custo das perseguições, e estragos do Fanatismo, isto he, das mãos dos Governos, quando os Maçons revolucionarios, e conspiradores forem pilhados, e prezos; das guerras da superstição, do Sancto Officio, por exemplo, quando forem accusados de impiedade, e de irreligião. Por meio deste tão machiavelico Dogma, os Maçons emprendem grandes emprezas, e fazem o que querem, quasi sempre impunemente. Se por desgraça são pilhados, encontrão logo a filantropia Maçonica, que vem em seu soccorro, tem camas de rosas, são sustentados lautamente, e tractados a vela de libra, e nada lhes falta do que possa mitigar o desgosto da prizão; fervem os empenhos para a soltura, e por mais criminosos que sejão, quando não são absolvidos inteiramente de culpa, e pena, dá-se-lhes huma moderadissima correcção, ou castigo muito leve, caso não se possa alcançar o perdão. Oh tu, infame, revoltoso, e ingratissimo J. S. L., Auctor do Cor-

reio, e Orgão da Maçoneria do Oriente Brasilico, tu es a prova mais evidente, e convincente do amor do Proximo, que os Maçons professão. He tambem por este amor do proximo Maçonico para o salvar das perseguições, e dos estragos do fanatismo, e da superstição, que, quando os Filosofos Liberaes conceberão o horrivel projecto de prostrarem todos os Thronos, e de abolirem a Religião, procurárão primeiro que tudo ganhar huma perfeita impunidade, trabalhando para este fim em desvanecer do espirito público o horror, que sempre se teve aos crimes, que elles intentavão commetter algum dia. Começarão a espalhar hum grandissimo desprezo sobre a legislação criminal, pintando-a como incoherente, inhumana, e sanguinaria, e com tom pathetico deploravão a sorte do genero humano; elles caracterisavão os mais negros delictos d'Estado, e de Religião por meras opiniões, e asseveravão ser summa injustiça castigar hum homem pelos seus pensamentos; como se hum sedicioso, hum irreligioso punido por ter perturbado o público socego, fosse castigado sómente por meras opiniões, e pensamentos occultos: e como se os Imperantes não tivessem todo o direito de preservar a Sociedade do damno, que a publicação d'aquellas opiniões, e d'aquelles pensamentos, possa causar, sendo publicados, e espalhados de viva voz, e por escripto? Querem que o Codigo Criminal presentemente se modifique muito, relativamente ao rigor das penas contra os revolucionarios civis, e religiosos; blasfemão da Inquisição, que tanto assusta os Maçons, e que tanto medo causa aos Sanctos Innocentes; querem em fim que a balança de Astrea se equilibre sempre por mãos muito delicadas, e movidas por almas demasiadamente compassivas, quando se tracta de crimes contra a Religião, e contra o Imperio. Basta: Passemos ao 6.º Dogma, que de todos he o mais detestavel, e impio.

6.°

Ter horror ao Fanatismo, e á Superstição, por serem a origem de todos os males, que pezão sobre a humanidade.

Quem não terá horror dos Maçons, que chamão fanatismo á obediencia, e ao respeito consagrado ao Governo Monarchico, e ás Pessoas dos Imperantes? Quem não terá horror dos Maçons, que chamão superstição ao Culto prestado a Deos, a toda, e qualquer Religião, e em particular á Catholica Romana? Quem não se horrorisará de huns homens perversos, que asseverão, publicão, e escrevem sem consciencia, sem remorsos, e sem vergonha alguma, que o Governo, e a Religião, são a origem de todos os males, que pezão sobre a humanidade? Sim, os Maçons tem olhos de lince para verem o argueiro nos olhos alheios, e não vêm a trave nos seus. Concedamos de boamente que de alguns máos Governos Monarchicos, e de algum zelo excessivo dos Pastores da Igreja, tenhão nascido de seculo em seculo males, e desgraças públicas, que vexassem os Povos neste ou n'aqnelle Reino, nesta ou n'aquella Provincia, nesta ou n'aquella Cidade: que comparação podem ter estes males, e estas desgraças, que os Maçons dizem com emfasi pezar sobre a humanidade, com os males, e desgraças, que elles, depois que se erigirão em Reitores do Mundo, tem feito chover successivamente sobre os Povos de toda a terra, onde tem chegado o bafo pestilente, e venenosissimo dos seus Orientes, das suas Lojas, e Clubs? Que não fizerão os Maçons Jacobinos na desgraçada França, que ficou em poucos annos mais assolada do que se Genserico, e Attila, seguidos de quinhentos mil combatentes proporcionados ao seu furor, a tivessem atravessado? Que horrores não tem experimentado a malfadada Hespanha? O pobre Portugal em que mar de angustias não tem sido submergido? E nós, os

Brasileiros, que desgraças não temos padecido n'aquellas Provincias, onde a Maçoneria tem tido maior influencia, e onde tem achado grande numero de papalvos, a quem illude com os nomes impostores, cavillosos, anarchicos, e impios do seu Diccionario Anti-Monarchico, e Anti-Religioso? Ah! eu seria interminavel, se pertendesse apontar huma por huma as desgraças, que a Maçoneria tem feito pezar sobre a humanidade: mais facil me seria contar as arêas da praia do Botafogo huma por huma, do que as conspirações, os sacrilegios, as mortandades, as ruinas, as lagrimas, as gotas de sangue, e todos os effeitos da filantropia desses Senhores, que tem tanto horror ao fanatismo, e á superstição. Ora diga-me, Sr. Despertador, quem merece, e he digno de horror, a Maçoneria; ou o Fanatismo, e a Superstição? Quem he o execravel? O Rei benigno, Pai dos seus Povos, que os rege em paz, na abundancia, na prosperidade; que vela de dia, e de noite em conter os malvados, em defender os seus Estados; que promove a agricultura, o commercio, as artes, e as sciencias; que a todos ouve, a todos satisfaz, segundo as leis da justiça, e da beneficencia, etc. etc.; ou o Maçon rebelde, conspirador, perturbador do socego público, desobediente, corruptor da mocidade, inimigo da Patria, e da Nação? Quem he o detestavel? O Sacerdote Ministro do Deos de paz, dedicado ao serviço do Altar, onde offerece sacrificios pelo Imperante, e por toda a congregação dos fieis, dedicado á Oração, e a administrar os Sacramentos; que não teme o sol e a chuva para acudir promptamente ao proximo no artigo da morte; o Pregoeiro do Evangelho, o Apostolo da verdade, que depois de ter civilisado huma grande parte do Mundo, e ensinado a tantos milhões de homens a adorar o verdadeiro Deos em espirito, e verdade, volta os seus olhos para essas regiões, em que outros tantos mi-

lhões de almas vivem nos erros da idolatria, e nas sombras da morte, etc. etc.; ou o Maçon Apostata, blasfemo, impio, que não ama a Deos, nem adora o Creador do Ceo, e da terra, que nada espera depois da morte senão a sorte do bruto, que arde em desejo de exterminar da face da terra o Sancto Nome de Jesu Christo Nosso Senhor, e de suffocar o ultimo Rei com as tripas do ultimo Sacerdote? He por causa do horror do Fanatismo, que os insensatos Maçons desejão abolido o nosso antigo, e honroso nome de *vassallo*, substituindo-o pelo de *subdito*; porque aquelle traz comsigo associada a idéa de *Realeza*, e de *Soberania*, e este se faz correlativo de qualquer authoridade, ainda a mais subalterna: hum Capitão Mór tem subditos, hum Prelado tem subditos, hum Juiz da vintena tem subditos, e até hum Capataz da Alfandega tem subditos, porém vassallos só os tem os Soberanos. (*) He tambem por effeito do horror da superstição, que os impios Maçons tanto clamão pela Tolerancia Religiosa, isto he, que seja permittido não haver Religião alguma sobre a terra, profanar os Templos, e derrubar os Altares, matar os Sacerdotes, e esmagar *o infame*. Isto he que causa horror!!!

7.°

Não se exigem outras condições para se admittirem os Adeptos que a probidade, e o saber.

Se assim fora, terião entrado com preferencia na Sociedade Maçonica os maiores Sanctos, e os maiores Sabios do nosso seculo, e do antecedente; mas não he assim; a probidade, que se exige, he a libertinagem de vida, e de costumes; e o saber, nada mais he do que seguir as doutrinas modernas liberaes. Havendo hum Moço dissoluto, desabusado, de altos pensamentos, que tenha as

(*) Sobre a palavra Vassallo, lêa-se o N.° 21 do Insigne Periodico o *Punhal dos Corcundas*.

suas lições de Voltaire, de Rousseau, de Condorcet; do Systema da Natureza, e de outros de igual doutrina, eis-aqui hum bello Aprendiz da Maçoneria. Isto he tão verdade, como he certissimo este axioma: Não póde constar qualquer cousa de partes, que mutuamente se destruão. Mas, Sr. Despertador, por que esquecimento, ou antes por que malicia V. S. não fallou em dinheiro? Não he o dinheiro huma das condições para entrar na Irmandade? Sim, Senhor, ainda que o Adepto seja o maior estupido, e o maior patife da Cidade, tendo dinheiro, tem a Carta de recommendação para ser Maçon, ainda que nunca passe de Aprendiz, e esteja toda a sua vida no amassadoiro. Deos sabe quantos destes illudidos estão hoje bem, e bem arrependidos de terem cahido na esparrella do Oriente Brasilico!

8.°

Todos os Homens honrados, e instruidos, são recebidos, sejão quaes forem a sua Crença, Paiz, e Leis, com tanto que respeitem a Religião Dominante Catholica Romana.

Esta mixordia de Catholicos, Hereges, Judeos, Musulmanos, Pagãos, Deistas, Materialistas, etc. he huma das causas, que os Summos Pontifices dão nas suas Bullas para condemnar a Maçoneria de perversidade, e de irreligião: e que tambem a faz muito e muito suspeita de rebellião, e de Conspiração contra os Governos. Este Tolerantismo, ou Indifferentismo Maçonico religiosa, e politicamente he criminoso. He criminoso religiosamente, porque entre os Pedreiros-Livres cada hum crê o que lhe parece; e quem admitte na sua Sociedade todas as religiões, não admitte nenhuma; o que he muito nocivo aos Catholicos, que são arrastados, e impellidos para a impiedade, e indifferentismo pelo exemplo dos Impios; e basta só o escandalo dado ao fiel em huma Sociedade, onde cada hum póde proferir as blasfemias,

que quizer, para fazer odiosa, detestavel, e digna de maldição semelhante Sociedade. He criminoso politicamente; porque huma congregação de homens de diversas Nações, e de diversos interesses politicos, muitas vezes oppostos aos interesses do Estado, he huma casa cheia de combustiveis, que qualquer faisca solta por descuido do Governo a fará ir pelos ares com total ruina dos seus habitantes. Oxalá não tivessemos milhares destes tristes exemplos! Mas adverti, reclama o Sr. Despertador, nesta clausula: = com tanto que respeitem a Religião dominante Catholica Romana = A esta clausula replico a V. S. dizendo: Quem não respeita as vozes da consciencia, e as Leis da sua Religião, ou Seita, como poderá respeitar a Religião Catholica Romana, da qual todas as outras são mortaes inimigas, Logo o fecho do 8.° Dogma he impostura de evidencia moral, e descarada, he, como diz judiciosamente o Anti-Maçon = he huma cunha ociosa, hum artigo bastardo, e heterogeneo dos principios Maçonicos. O que se prova com o seguinte.

9.°

As opiniões, e as consciencias se deixão em paz.

Que os Maçons deixão em paz as consciencias he innegavel; e que, para as não inquietar, não se confessão, nem mesmo pela desobriga da Quaresma, e na hora da morte, não he muito difficultoso provar; mas que deixem em paz as opiniões, especialmente as politicas, he falso, e falsissimo. Se não, diga o Sr. Despertador porque motivo, para não sahirmos do recinto desta Côrte, tem havido tantas Cavallarias altas, e tem andado em guerra declarada, quaes debaixo, quaes de cima, os Maçons puritanos com os degenerados; os scismaticos, e apostatas perjuros com os verdadeiros Filhos da Luz; os Boticudos com os Tamoios, etc. etc. porque? Porque as suas opiniões não poderão ficar em paz, huma vez que os Maçons não

se conformárão com o plano, e dimensões do Edificio Politico do Brasil, que elles sós pertendião architectar. Estes Senhores Maçons, V. S. que o diga, são humas pombas sem fel, huns cordeirinhos muito mansos, quando as suas opiniões não se embatem, e chocão entre si. Logo que se tracta de apanhar a preza, ou de dividir os despojos, repentinamente convertem-se em lobos, tigres, e leões, e então tudo vai pelos ares, e acaba-se a confraternidade, e o *amor do Proximo.*

10.°

Não se admitte nas Assembléas controversia Religiosa, nem discussão Politica, e nestes casos cessa a Maçoneria.

Quer cesse, quer não cesse a Maçoneria, o certo he que elles não se congregão em Lojas, e Clubs secretos, senão para fins reconditos, mysteriosos, e muito subidos. Sim, Senhor, a Sucia Maçonica não se congrega unicamente para admittir Aprendizes, e para profissões de Mestres, eleições de Veneraveis, e Venerandos, caturras de macete, para as boas ceias, e espirituosos copinhos; não he sómente para essas brincadeiras burlescas, e pantomimicas de levantar Templos, e cavar masmorras. He o fim da Maçoneria a revolução geral do Globo, tal como tem havido desde 1789 até agora. He verdade que nas Assembléas não se admittem controversias algumas Religiosas, porque já está decidido ha muitos annos, = *nada de fanatismo, nada de superstição,* = além de que seria desdouro para os illuminadissimos filhos da luz tractar de cousas, tractar de questões privativas de estupidos, de Clerigos, e de Frades, da canalha, como elles dizem; porém querer o Sr. Despertador lograr-nos com o seu Dogmasinho = que não admitte discussão politica = he contradizer-se a si mesmo, e fazer-se ridiculo. Sim, Senhor, não se lembra V. S. ter affirmado que homens zelosos do bem geral, e da honra do Brasil,

unirão provisoriamente á Sociedade Maçonica operações filantropicas, etc. diga-nos, Sr. Maçon Despertador, explique-nos o que se entende por operações filantropicas sem discussões politicas. Ou mente o Dogma, ou o Dogmatizante. Verdadeiros Protheos tomão todas as figuras, todas as cores, todas as linguagens; e, quanto mais fingem occultar-se, mais se manifestão, e dão a conhecer o que realmente são, Impios, Revolucionarios. e Conspiradores.

11.°

Não admitte cousa alguma occulta, duvidosa, mysteriosa, ou sobrenatural.

Fazem muito bem nisso os Senhores Maçons; e, se assim não fizessem, não serião Maçons; serião fanaticos, e supersticiosos imbecis, que admittissem fabulas, e imposturas ensinadas pelos velhacos para utilidade, e proveito delles. E não he por motivo da paz das consciencias, que os vossos Irmãos do Grande Oriente de Lisboa apeárão a Estatua da Fé, com tanta algasarra, do frontespicio do Palacio da Inquisição, entre estrondos de foguetes, zabumbas, e alaridos de homens assalariados para festejar esse grande triunfo da impiedade sobre a Religião? Não será tambem por esse motivo que tanto se questionou, e ralhou na defunta Assembléa Constituinte contra o Artigo, que admittia a Religião Catholica Apostolica Romana como unica Religião do Estado, e do Imperio? Sabemos, e estamos bem convencidos de que os Maçons não admittem cousa alguma sobrenatural, mysteriosa, e divina, e sómente adoptão o que elles podem ver, ouvir, cheirar, gostar, e apalpar, especialmente o que podem metter na barriga, e na algibeira; gema quem gemer; chore quem chorar; morra quem morrer. Ah! Sr. Despertador, depois de 5825 annos, (como se tem calculado) que a luz foi feita *fiat lux, et facta est lux*, todos os homens tem

andado em trévas, sómente os filhos da luz he que tem os olhos abertos! Que felicidade! Não a invejo! *Non equidem invideo, miror magis.* Vão, vão, meus meninos, atraz do archote do Illuminadissimo Despertador Constitucional, que algum dia dirão: *ergo erravimus a via veritatis.* E Deos queira, por sua misericordia, que seja a tempo, para não ficarem eternamente em trévas.

12.°

Onde apparecer a mentira, a astucia, a violencia, a impostura, deixa de existir a Maçoneria.

Que falsidade tão evidente! Se a Maçoneria se nutre, engorda, e fortalece com esses guizados, sem os quaes já teria morrido de exinanição, e o Mundo estaria, ha muito, livre deste flagello; se esta virtuosa e respeitavel Sociedade tem a natureza dos monturos, onde a podridão, e a corrupção fermenta, produz, nutre, e cria toda a qualidade de insectos hediondos, ascorosos, e venenosos; se para se alliciarem Adeptos he necessario illudi-los; se para illudir he necessario mentir; se para se fazerem fortes convém usar de astucias, e maranhas para enganar os Povos; se para subjugar os Governos convem usar da violencia, corrompendo a fidelidade das tropas; em fim se para descatholisar as Nações he necessario impostura, e mais impostura; se para aviltar os Ministros do Sanctuario, e escarnecer das cousas sanctas, derrubar Thronos, desenthronar os Reis, convem usar de todas essas armas do Inferno, como então diz o Dogma 12.° que deixa de existir a Maçoneria, onde apparecer a mentira, etc. etc. Fóra, mentiroso Despertador! Fóra, astucioso Constitucional! Fóra, impostor extraordinario! Fóra, violento envenenador!!

13.°

Defender com todas as forças da razão, e da persuação a Independencia do Brasil, a sua Constituição, as Attribuições, e o Poder do Imperador.

Este Dogma he visivelmente conhecido não ser Dogma do Oriente Brasilico; porque, quando este Oriente foi elevado, certamente a Independencia estaria sonhada, mas não tinha sido ainda proclamada; a Constituição estava na massa dos futuros contingentes, e o Imperador do Brasil, quando muito, seria então Principe Real do Reino Unido; mas o Sr. Despertador, que he finissimo, e que de todos os modos procura impôr, e seduzir os credulos, que lêm sem critica, e hermeneutica alguma, encaixou este ultimo Dogma para (permitta-se a expressão) engabellar alguem. Além disto desejava eu saber quaes são as producções literarias, que o Oriente Brasilico tenha publicado, em que os seus Membros Maçons hajão empregado todas as forças da razão, e da persuasão para defender a Independencia do Brasil, digo, a Independencia Imperial, e Constitucional? Quaes os escriptos Maçonicos, que defendão a Constituição do Imperio, tal qual S. M. I. deo ao seu Povo Brasileiro, e foi acceita por quasi todas as Provincias, jurada, e proclamada, bem apezar de grande parte dos Maçons emperrados nas Idéas de Republica, e de Confederações? Quaes os Impressos da Maçoneria, em que se tenha feito a defesa das attribuições, e do poder do Imperador? Além das bellas correspondencias, que se lêm no Diario Fluminense, que tanto fizerão desesperar o Sr. Despertador, que as chamou *immundicias, e adulação podre cobertas de flores para não cheirarem mal:* além de alguns Folhetos, como o *Portuguez* e o *Popular*, composto, e impresso em Londres, reimpresso nesta Corte, e o Periodico do Padre Amaro, tambem dado á luz em Londres, além da Obra de Mr. de La Beaumelle, e outra de Mr. Beauchamp, ambas em Francez, e pu-

blicadas em París; além da traducção da citada obra de La Beaumelle, e dos Escriptos do Sabio Conselheiro, Desembargador Lisboa, não me consta que hajão outras producções em défesa da Independencia, da Constituição, e das Attribuições, e Poder do Imperador do Brasil, e muito menos que tenhão por Auctores os Senhores Irmãos da Confraria do Oriente Brasilico, em grande parte sectarios do Maratismo, Carvalhismo, e Baratismo, e que desejão ver todos os Brasileiros desde o Amazonas até o Prata enfeitados com o Barrete vermelho de Payne, de Pethion, e de Egalité; e a arvore da Liberdade plantada no lugar do Palacete do Campo da Acclamação. Não terão esse gostinho. *Qui habitat in cœlis irridebit eos.*

Tenho concluido a tarefa da tosquia do Sr. Despertador Constitucional, quanto aos seus Dogmas do Oriente Brasilico; resta rapar hum pedaço do rabo do tal bicho peçonhento, o que fica reservado para a Carta 7, e ultima. A tarefa tem sido maior, e mais dilatada do que eu pensei no principio; a materia he inesgotavel, importantissima, e toda nossa. *Causa nos respicit.*

Por ser já tarde, não subo ao Corcovado, para d'alli extender os olhos pelo horizonte, e gozar da viração, que está alguma cousa fria depois das chuvas, que houve. Adeos.

Quinta do Corcovado aos 28 de Abril de 1825.

O que vê, e não ouve.

P. S. O que veremos no terreno, que ocupa o Palacete, será a Estatua Equestre de S. M. I. erigida no lugar, em que foi acclamado Imperador do Brasil.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827. *Com Licença.*

CARTA SETIMA.

Senhor Despertador Constitucional.

Sinto muito, ou, antes, estimo muito que tenhão amargado a V. S. as verdades, que lhe hei dicto relativamente á Maçoneria em geral, e com especialidade ao Oriente Brasilico. Tenha paciencia com esse dissabor, oxalá permittisse Deos que seja para correcção de V. S., e que della se aproveite para a sua eterna felicidade. Amen, Amen. Com effeito, he digna de lagrimas a cegueira, em que vivem os Maçons, não somente no que importa á sua eterna salvação, mas tambem no que diz respeito á sua tranquillidade nesta vida presente. Sectarios de hum Optimismo ideal, e chimerico, e ao mesmo tempo devorados de huma ambição sem limites, presumem-se os Reformadores do Mundo; e nada, que não seja dirigido por elles, lhes agrada, e merece a sua approvação; pertendendo tudo abarcar, e dar movimento a tudo, estes infelizes estão em huma agitação perenne, e continuado desasocêgo de imaginação, e de espirito. Liberaes em palavras, e mesquinhos em obras; ferteis em planos, e infelizes na execução; promettendo edificios, e architectando ruinas, jámais se desenganão, e se convencem do seu orgulho, da sua impericia, e da sua temeridade. Tão insensatos como presumidos, tão impostores como teimosos, tão crueis como insensiveis, jámais se envergonhão, se arrependem, e desistem de seus impios, e anarchicos furores. Não os desengana

o passado, o presente não os confunde, nem o futuro os faz tremer. Amaldiçoados de Deos, e dos homens, perseguidos pelos Governos, execrados pelos Povos, abominados pela Religião; o que são os Maçons, senão huns Entes desgraçados, dignos de compaixão, e de lagrimas? Sim, Sr. Despertador, V. S. tem em si mesmo as provas do que tenho dicto; metta a mão na sua consciencia, e diga, se o gostinho de ser Maçon, e de intitularse Filho da Luz, compensa os dissabores, as afflicções, os sustos, e os crueis remorsos de ser Sectario de huma Seita tão aviltada, e tão detestada pela opinião pública, especialmente depois que os Povos se desenganárão das imposturas, com que os Veneraveis Irmãos da Trolha, do Compasso, e do Macete, os illudírão por tanto tempo, e de tantos modos, como V. S. está bem sciente? Passemos agora á tosquia do rabo do seu Despertador, que certamente he hum chefe d'obra da mais refinada impostura, e da mais descarada falsidade, enredada em sophismas, em mentiras, e em impiedades.

Sendo a definição destes Estatutos tão verdadeira, como justa, e sancta, concluiremos que, se a verdadeira Maçoneria fosse fundada, como calumniosamente apregoão os Sectarios, e Membros de outras Sociedades perigosas, e prohibidas em todos os Estados vigilantes, e ainda mesmo em aquelles, onde a Sociedade Maçonica he permittida, não teria esta existido por tão longo tempo, apesar das perseguições, que se lhe tem feito; pois que he hum theorema de eterna verdade ... iremos logo ao theorema.

Para desenrolar, e desvanecer toda esta embrulhada, digo em 1.º lugar, que o Sr. Despertador não dêo definição alguma dos taes Estatutos, o que nos dêo foi a exposição delles alterada, diminuida, e accrescentada ao seu sabor, para melhor impôr, e enganar os seus Leitores: em 2.º lu-

gar, que da analyse delles se colhe serem falsos, iniquos, e impios: em 3.º lugar, que a conclusão, que V. S. tira, he hum desproposito, hum verdadeiro sophisma *non causa pro causa;* porque o motivo de ser a Maçoneria permittida nesses Estados vigilantes não foi, porque tivesse conhecimento dos Estatutos, ou Dogmas Maçonicos, que os Senhores Maçons sempre occultárão dos Profanos, mas sim porque souberão enganar os Governos, e tiverão grandes Protectores, como já o disse em outra Carta; e, se tem existido por longo tempo, a razão toda está na frôxidão, com que se fizerão estas perseguições de compadres. Por exemplo: no Rio de Janeiro o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos extinguio os Capoeiras, porque soube castigar sem contemplações, nem piedade; em todo o tempo do Governo deste grande Homem esteve a Cidade tranquilla; vierão outros Vice-Reis, veio o Senhor D. João VI, tornou a Cidade a ser inquietada, não porque não tivessem havido castigos, mas porque não erão dados nos capatazes, e com o rigor, que merecia o crime dos perturbadores públicos: applique-se *el cuento.* Vejamos agora o theorema de eterna verdade; que diz elle? *Que todo o Corpo Physico, e Moral constituido de principios, ou partes repugnantes entre si, não pode permanecer por muito tempo, sem se decompôr, ou dissolver.* Este theorema teria valor applicado á Maçoneria, se os seus Dogmas huns fossem oppostos aos outros; mas se todos elles estão conformes entre si, em impiedade contra Deos, e a sua Divina Religião, se todos elles tendem para a immoralidade, para a perversão, para a rebeldia, e para a anarchia, que contradicção, e que repugnancia pode haver de que caminhem bem irmanados para os fins da Maçoneria? Alem disto, se esta Sociedade fosse composta de sanctos, e de perversos, de lobos, e de ovelhas, certamente que não poderia existir

nem hum só dia; porque os perversos davão logo cabo dos sanctos, e os lobos devoravão as ovelhas; mas sendo toda ella composta de homens dos mesmos sentimentos, *unius labii*, *atque sermonis*; que admiração pode haver de que se tenhão conservado em íntima união os novos Architectos de Babel? De hum theorema tão ineptamente lembrado, e applicado sem logica alguma, passa o Sr. Despertador a proferir huma blasfemia horrivel, temeraria, e impia. Diz pois:

A duração da Sociedade Maçonica ha de ser, em quanto o Mundo existir: nem pode haver força humana, que possa fazer estremecer levemente hum Edificio, que tem por base a verdade; por altura a distancia da terra ao Ceo; por largura todo o Universo; e por Architecto o Ente Supremo. Agora sim, que V. S. lançou barro á parede! Nem hum Judeo, esperançado na vinda do seu Messias, fallaria com tanta confiança, e com tanta firmeza! Que intrepidez, que basofia, que Fé Maçonica!! Passemos a desfiar este tecido, a fim de conhecermos a illusão, ou antes a impostura do Sr. Despertador. *A duração da Sociedade Maçonica ha de ser, em quanto o Mundo existir.* Se V. S. dissesse, em quanto no Mundo houver homens máos, e perversos, *transeat;* mas dizer positivamente, em quanto o Mundo existir, nego. Que íntima connexão tem a Maçoneria com o Mundo, de sorte que o Mundo não possa existir sem Maçons? São por ventura elles as columnas, que sustentão o Globo, os Atlantes, sobre cujos hombros carrega a enorme Massa da Terra? Não. Tiverão os Maçons alguma revelação do seu Architecto Mor, que lhes promettesse a existencia da sua Confraria até á consummação dos seculos? Em que Sagrado Codigo está consignada esta promessa? A que Patriarcha, ou a que Veneravel foi ella feita, e quaes são os termos, ou palavras, por meio dos quaes

Deos, ou os Prophetas manifestárão aos Maçons esta perpetuidade da sua Seita, esta duração da Maçoneria até o fim do Mundo, ou, como V. S. se explica, *em quanto o Mundo existir?* Isto he, eternamente; porque os Maçons Manicheos, e Spinosistas admittem a materia eterna, e a confundem com a substancia de Deos. Sendo huma verdade de evidencia intuitiva, que não se pode penetrar nos segredos do futuro sem revelação Divina; e constando que somente Deos revelou a perpetuidade da Igreja pela sua mesma bôca, dizendo J. C. aos seus Discipulos: *Estai certos de que Eu estou comvosco todos os dias até á consummação dos seculos. Ecce Ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi. S. Matth. Cap.* 28, 20: não he blasfemia, não he temeridade, não he impiedade usurpar á Sancta Igreja huma prerogativa dada pelo mesmo Deos, e confirmada pela diuturnidade dos seculos, apesar dos esforços do inferno, e das potencias das trévas, para a attribuir a huma Seita, que em si reune todas as Seitas, e que tolera todos os Cultos, em quanto não os podem exterminar, e fazer desapparecer da face da Terra o Nome de Deos?

Nem pode haver força humana, que possa fazer estremecer livremente hum Edificio, que tem por base a verdade... Isto faz rir! J. C. pelo Poder Divino da sua suprema, e independente Authoridade promettêo a S. Pedro que todo o poder do Inferno jamais prevaleceria contra a sua Igreja. *Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* O velho Maçon Despertador canta-nos a palinodia ao Oraculo da sabedoria infinita, dizendo: *Não pode haver força humana, que possa fazer estremecer hum Edificio, que tem por base a verdade.* A Maçoneria, fundada sobre a lama, ha de resistir sem o menor estremecimento a todas as forças humanas; e a Igreja, fundada sobre a solidez da pedra, ha de

cahir por terra pelas forças dos Maçons? Coitadinhos! Como andão enganados! Sr. Despertador, a sua veneravel Sociedade ha de acabar; quando a Justiça de Deos ficar satisfeita, ou se determinar a usar de misericordia com os tristes filhos de Adão, suscitará Elias zelosos, que exterminem os falsos Prophetas de Baal. Quanto porem á verdade, sobre que ella está fundada, já temos visto qual seja, mentira, impostura, hypocrisia, etc. lama, lodo, esterqueira. Vejamos agora a altura do tal Edificio: he, diz V. S., *a distancia da terra aó Ceo.* Logo, os Maçons são diabos do ar? Sejão embora: e a largura? He todo o Universo, diz tambem V. S.; e o Architecto? He o Ente Supremo, affirma igualmente V. S.; muito bem. Aqui temos a Deos Creador do Ceo, e da Terra, que pela sua Omnipotencia dêo o ser ao que não existia, architectando hum Edificio tamanho como o Universo, tão alto, que chega ao Ceo, o qual Edificio he a *Sociedade Maçonica*, contra a qual todas as forças humanas reunidas jámais lhe poderão causar o menor abalo, e estremecimento. Caspite! Dona Victoria certamente não diria cousas tão lindas sobre este objecto! A Sociedade Maçonica transformada em Edificio, o qual se converte em todo o Universo, e tudo por obra do Supremo Architecto!!

Depois de tanto delirio, exclama o Sr. Despertador Constitucional: *Desenganai-vos, Inimigos disfarçados da Independencia do Brasil, e do Imperador. Desenganai-vos, Demagogos infernaes, que as vossas ciladas não hão de produzir o effeito, que desejais;* e o mais, que se segue por 24 linhas, até tornar a repetir = *as vossas ciladas não hão de produzir o effeito, que desejais.* = Como este Cartel he todo dirigido ao Sr. Francklin, se lhe parecer, levante a luva. Porem em abono da verdade, da innocencia, e da justiça tão calumniosamente offen-

dida na Pessoa do Redactor do Diario Fluminense, e dos seus Correspondentes, affirmo, sem temer ser desmentido, que neste Periodico não se encontrão doutrinas Demagogicas contrarias á Independencia do Imperio do Brasil, nem offensivas da Sublime, e Augusta Dignidade do Imperador; e por tanto não ha alli ciladas, que recear. São temores panicos do Sr. Despertador, ou, para dizer de sorte que todos entendão, são calumnias, e recriminações, de que se serve a Maçoneria para enxovalhar, deprimir, e fazer emmudecer aquelles, que escrevem em sentido contrario ás vistas, e fins da Sociedade. O Lobo da Fabula turbava a agua, que o cordeiro bebia, mas teve o descaramento de lançar a malfeitoria sobre o innocente. Vamos concluir a tosquia.

Quando a Providencia tem determinado algum successo, diz o Sr. Despertador, *nem circumstancias, nem os mais fortes obstaculos podem impedir o inteiro complemento dos seus designios.* Vamos adiante: *Estava escripto nos Decretos Eternos que o Senhor D. Pedro havia de ser o Resgatador do Captiveiro do Brasil, o seu I. Imperador, e Defensor.* E que mais? *O Omnipotente previo que a sua Alma era creada para cousas grandes.* A Providencia de Deos he anterior ao acto da creação, e por essa razão deve-se dizer: que *seria creada*, ou, antes, que a creou com os dotes, e qualidades conducentes aos fins da sua Providencia sobre o Brasil. *O Poder Soberano sobre huma terra está na mão de Deos; e elle he o que a seu tempo suscitará hum Principe para a governar utilmente. In manu Dei potestas terræ: et utilem rectorem suscitabit in tempus super illam.* Eccl. 10, 4. *Deos*, continúa o Sr. Despertador, *não obra como os homens. Vai buscar o merito, onde quer que elle está.* E podia accrescentar: e não falta com os seus auxilios, e graças para o sustentar no meio das traições, e ciladas dos

seus inimigos, fechando a bôca dos leões para lhe não fazerem mal. Finalmente, conclue com a seguinte clausula: *E se algumas vezes permitte que, sem elle, os monstros sejão elevados aos Empregos, he para que ao depois a quéda lhes seja mais sensivel.* A que proposito, Sr. Despertador, vem toda esta arenga, que remata com monstros, e com quédas? *Latet anguis in herba.* Não teremos á vista disto razão bastante para affirmar que os Maçons tem a natureza dos animaes ferozes, que, por mais mansos que sejão, nunca se deve fiar delles? Que, quanto mais abanão com o rabo, e adulão os seus bemfeitores, tanto mais agução os dentes, e as unhas para nelles cravar de improviso? Mas deixando de parte qualquer applicação sinistra, e sacrilega, que V. S. tivesse na sua mente, quando estas cousas escrevêo com rebuço, e malicia, eu vou fazer a verdadeira applicação para instrucção, e desengano dos que se deixão illudir com palavras magicas. Sim, Senhor, abramos a Historia da Revolução Franceza, a Historia dos Monstros, que sem merito, sem direito, e idos buscar pelo diabo, se elevárão por si mesmos em Reformadores, Directores, e Senhores do Reino Christianissimo: e que nos ensina esta fatal Historia? Que os Monstros Maçons de todos os Orientes, e Clubs se conspirárão contra Deos, e contra os Reis; que lavárão em sangue toda a França, e huma grande parte do Mundo; e que, depois de terem lançado por terra o Altar, e o Throno, os Intrusos, os Deistas, e os Atheos degolárão os Catholicos, e elles mesmos passárão a degolar huns aos outros: que os Constitucionaes, depois de terem perseguido os Realistas, forão por sua vez perseguidos pelos Republicanos; que os Democratas da Republica, *huma, e indivisivel*, matão os Democratas da Republica *confederada:* que a Facção da Montanha guilhotina a Facção da Gironda: que a Facção da

Montanha se divide em Facção de Herbet, e de Marat, em Facção de Danton, e de Chabot, em Facção de Cloots, e de Chaumette, em Facção de Robespierre, que devora todas: que esta a final foi tambem devorada pela Facção de Tallien, e de Freron. Que mais nos diz a Historia sobre a quéda destes Monstros Maçons? Que Brissot, e Gensonné, Guadet, Fauchet, Raband, Barbaroux, e outros trinta forão julgados, e condemnados á morte por Fouquier Tinville, assim como elles havião julgado, e condemnado á morte o seu Rei Luiz XVI; que o mesmo Tinville foi julgado, como elle havia julgado a Brissot; que Pethion, e Buzot, vagando pelos bosques, acabão consumidos de remorsos, de fome, e devorados pelas feras; que Perrin morre nos ferros, Condorcet se envenena na prisão, Valage, e Labat se apunhalão; que Egalité, o Grão Mestre da Maçoneria, he morto no cadafalso; que Marat he assassinado por Carlota Corday; que Robespierre, meio morto por si mesmo, acaba na guilhotina com o seu bando Maçonico do Tribunal Revolucionario. Ah! Senhor Despertador, que terrivel quéda não foi a destes Monstros Revolucionarios, e de mil outros na França, na Hespanha, em Portugal, e mesmo, com mágoa o digo, no Brasil! Elles architectárão nos seus Clubs nocturnos a sua propria ruina, que lhes tem sido bem, e bem sensivel. Que he feito desses Coripheos da Liberdade, e da decantada Constituição, proclamada com tanto enthusíasmo no Porto, em Lisboa, na Bahia, e no Rio de Janeiro? Onde, onde estão a maior parte delles? Não se precipitárão huns sobre os outros no abysmo, que elles mesmos cavárão? Huns morrêrão, outros andão prófugos, outros vivem ainda na Patria apontados com o dedo, como os causadores dos males da Nação, cobertos de maldições, e devorados de remorsos. O caminho dos perversos he

calçado de pedras, mas no seu remate não haverá para elles senão inferno, trévas, e tormentos, *via peccantium complanata lapidibus, et in fine illorum inferi, et tenebræ, et pœnæ. Eccl.* 21, 11. Tome bem sentido, Sr. Despertador: aproveite o conselho em quanto he tempo, senão a quéda lhe ha de ser bem sensivel.

Teria com isto acabado a minha tarefa da tosquia do venenoso Folheto, Despertador Constitucional Extraordinario N.° 3, e de bom grado daria já por concluida esta Carta; porem como ainda devo mais alguma cousa á minha Religião, á minha Nação, e ao meu Augusto Imperador, passarei a mostrar ao Sr. Despertador, e a toda a Maçoneria, qual tem sido a visivel desapprovação de Deos das maximas anti-religiosas, e anarchicas da sua Seita, que por tantos annos anda em viva guerra contra J. C., e os Ungidos do Senhor. Vamos pois aos factos, que são os argumentos mais convincentes para quem nega a authoridade das Divinas Escripturas. V. S. applicou falsa, e sacrilegamente á Sociedade Maçonica o attributo da *Perpetuidade*, que só compete exclusivamente á Religião Catholica; e para provar a sua blasfemia proferio inepcias, e delirios, erigindo-se em Profeta sem inspiração, nem missão alguma; disse pois: *A duração da Sociedade Maçonica ha de ser, em quanto o Mundo existir.* Não, Senhor, a Sociedade Maçonica ha de acabar, e talvez mais prestes do que se pensa; somente existirá até o fim do Mundo a Sociedade Christã, a Igreja de J. C., Unica, Sancta, Catholica, e Apostolica. Sim, os Philosophos do seculo 18.°, e os do presente 19.° não se lisongeavão de vêr realisado o seu projecto de extinguir o Christianismo em quanto existisse esta Igreja; e como não davão, nem dão credito algum ás palavras, e promessas de J. C., persuadião-se de que, privados os Papas dos seus dominios tem-

poraes, havião de pouco a pouco perder o exercicio do seu Poder espiritual. Daqui veio a invectiva furiosa da Seita Maçonica, e Philosophica contra a Soberania temporal da Sancta Sé, a fim de poderem por este modo chegar a arruinar o Poder espiritual. Desta sorte os Maçons Jacobinos, depois de terem com a Constituição civil do Clero introduzido o Scisma na França, depois de terem assassinado huma multidão de Ministros do Sanctuario, e obrigado outros a se esconderem, ou a emigrarem, e depois de terem fechado todas as Igrejas, e substituido, em lugar da adoração do Deos vivo, o ridiculo, e ímpio culto da Deosa Razão, passárão a desthronisar em 1798 o Papa Pio VI. Triumphava a impiedade Maçonica por vêr assim preenchidos os seus votos; e na sua exultação gritava = *Em não havendo Papa, não ha Igreja.* E o Maçon Cerutti dizia claramente aos Romanos = *Embalsamai bem o vosso Pontifice, porque he o ultimo; não tereis outro.* Pio VI morre no seu desterro a 29 de Agosto do mesmo anno em Valença de França. *Viva*, *viva*, exclamavão os ímpios, *acabou a Superstição Christicola!* Mas aquelle, que tinha promettido á sua Igreja estar com ella até á consummação dos Seculos, velava do alto do Ceo na sua conservação, e perpetuidade. Alguns Cardeaes expulsos de Roma, ao mesmo tempo que o venerando Pastor do Rebanho de Jesù Christo, tinhão-se refugiado no Territorio Veneziano debaixo da protecção do Augusto Imperador Francisco; outros dispersos pela Lombardia, pelo Piemonte, e pela Sicilia, não tardárão em seguir o mesmo exemplo, de modo que, quando falleceo o virtuoso Chefe da Igreja, já todos os Purpurados se achavão em Veneza. Abrio-se o Conclave, apesar dos esforços dos ímpios, no principio de Dezembro, e a 14 de Março do seguinte anno de 1800 já a Igreja de Deos tinha por cabe-

ça visivel o SS. Padre Pio VII, mordendo-se a impiedade de raiva, vendo frustradas as suas infernaes machinações para fazer cessar a successão dos Summos Pontifices; e as suas predicções inteiramente falsas os pozerão na maior confusão. Era então Roma huma Republica, que já não conhecia o Senhorio da Tiara Pontifical; e a Cadeira de S. Pedro havia sido preza dos Maçons Jacobinos; porem a Providencia, que por meios não esperados havia dado novo Successor ao Principe dos Apostolos, tambem por outros meios extraordinarios facilitou a Pio VII o seu regresso para a Capital do Christianismo, e lhe entregou a sua Cadeira Pontificia, e os seus Estados Romanos, servindo-se das Tropas Austro-Russas para o complemento das suas misericordias sobre a Igreja Catholica. Deste modo desvaneceo-se a ephemera Republica Romana, e com ella os vãos projectos da Impiedade Philosophico-Maçonica. Mas a Sancta Igreja, que, como diz Sancto Agostinho, he destinada a caminhar na Terra entre as consolações do Senhor, e as perseguições do Mundo, não conservou por muito tempo os seus vestidos de gala. Hum novo Antiocho excitou nova perseguição. Napoleão, Imperador dos Francezes, fatiga o Sancto Padre Pio VII com proposições impias, e que directamente tendião para o cahos do Scisma, e da irreligião, as quaes o Papa não podia de modo nenhum conceder; e portanto Sua Sanctidade he assaltado repentinamente no seu Palacio do Vaticano, conduzido de desterro em desterro para Fontainebleau. Os seus Estados Romanos recebem o Titulo de Reino; e o filho do impio foi chamado Rei de Roma. Torna a Sociedade Maçonica a exultar com este triumpho repetido da impiedade. Deos ouve as orações dos fieis: o Successor de Pedro, no fim de alguns annos de captiveiro, he livre das mãos do Herodes Corso: Roma o recebe entre Hos-

sannas, a Igreja se regosija, e a Maçoneria Jacobinica fica de queixo cahido, esbabacada, e inteiramente confundida. Não pára aqui a protecção Divina sobre a sua Igreja. Pio VII morre em Roma a 20 de Agosto de 1823, e a 27 de Setembro seguinte Leão XII occupa a Cadeira vaga. Onde estão os projectos Maçonicos, as suas tramoias, as suas machinações, e os seus delirios? Onde a fatal profecia de Frederico II, escrevendo ao Chefe dos Impios, o Patriarcha dos incredulos, o Mestre Voltaire? *Os Philosophos*, dizia o Rei dos Maçons, *minão abertamente os alicerces do Throno Pontificio. Tudo está perdido; he preciso hum milagre para salvar a Igreja; e vós tereis a consolação de a enterrardes* (no Tumulo Maçonico, que elle instituio), *e de lhe fazerdes o Epitaphio.* Morreo Frederico, acabou o Coveiro Voltaire, foi-se o outro propheta Cerutti, desvaneceo-se o Perseguidor Napoleão, os Philosophos desses tempos desapparecêrão, assim como hão de desapparecer os dos nossos dias; mas a Igreja existirá até o fim dos seculos sempre triumphante. *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* Que diz a isto, Sr. Despertador? Estes factos só de per si provão, ou não provão a perpetuidade da Igreja? Provão, ou não provão a insufficiencia, e a fraqueza das forças Maçonicas para derrubar hum Edificio tão solidamente fundado sobre a pedra na Pessoa de S. Pedro, Cabeça visivel da Igreja, e Vigario de Jesu Christo sobre a terra? Ah! insensatos! Até quando? Até quando? *Usquequo gravi corde? Ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?*

Temos visto a visivel protecção da Omnipotencia Divina sobre a sua Igreja, passemos agora a vê-la sobre os Reinos, e Imperios. Os factos me subministrão as provas. Sim, Senhor, consultemos outra Historia, a Historia das Revoluções. Que nos ensina este Livro fatal dos crimes dos Ma-

çons? Que com todo o genio dos demonios os Sophistas Maçons gritárão de todas as partes da desgraçada França: nós não seremos escravos, seremos livres, não serviremos mais a ninguem, e seremos todos iguaes. O Ceo na sua colera deixou esta raça de viboras multiplicar-se como os gafanhotos; elles encovárão-se no abysmo das Lojas, e dos Clubs; e alli, debaixo do tenebroso véo dos trabalhos, e divertimentos Maçonicos, conspirárão-se contra o Throno do seu Rei, contra os Grandes, e contra os Nobres. O Throno de S. Luiz cahio por terra, Luiz XVI foi decapitado, Luiz XVII envenenado, os Principes de Sangue se expatriárão, parte da Nobreza seguio o mesmo exemplo, parte morreo na guilhotina; e todos forão proscriptos, roubados, e reduzidos á miseria. Congregão-se os Estados Geraes, que logo se transformão em Assemblêa Constituinte: esta he substituida ao depois pela Assemblêa Legislativa, e dahi em Convenção Nacional, que a final acaba por Conselho de Anciãos, e de Quinhentos; por Corpo Legislativo, Senado Conservador, por ultimo, Camara de Representantes. Chovem Constituições sobre Constituições; a 1.ª a de 1791, acceita pelo Rei; 2.ª a de 1793, decretada pela Convenção; 3.ª a de 1795, chamada do Anno 3.°; 4.ª a de 1800, intitulada do Anno 8.°; em fim, a Carta dada pelo Legitimo Rei Luiz XVIII. Que variedades, que instabilidade, que confusão dentro de tão poucos annos!! Governão Assemblêas, governão Tribunaes Revolucionarios, governão Proconsules, governão Directorios, governão Consules, governa hum Imperador; e por remate *evanuerunt in cogitationibus suis*, tudo se desvaneceo como hum sonho; dissipárão-se os Castellos de nuvens com o sôpro do Omnipotente, que confundio a sabedoria dos sabios, e o orgulho dos soberbos. Extasia-se a França com a apparição dos Bourbons; e apesar do

Ecclipse dos tres mezes, com que Buonaparte tornou a enlutar o horrizonte Francez, apesar dos esforços, e das artes Maçonicó-Jacobinas, Luiz XVIII firma-se no Throno de seus Pais, e por sua morte deixa-o em herança a seu Irmão Carlos X. De novo reanima-se o fogo sagrado da honra, e da lealdade Franceza; e aquelles mesmos, que desde 1790 até 1815 fluctuavão ao som das ondas revolucionarias, já reconhecendo a soberania de hum Povo, que tão pessimo uso havia feito della, já curvados debaixo do despotismo de hum Aventureiro, que os havia açoutado com varas, e escorpiões, são presentemente os que se achão mais strictamente unidos ao seu Legitimo Soberano pelo triplicado vinculo do respeito, do amor, e da obediencia; e, ao mesmo tempo que abençôão a Providencia por lhes haver concedido dias de repouso, e de paz, lhe rendem graças por lhes haver conservado a successão dos seus antigos Reis. Os Francezes, instruidos por tantas desgraças, unanimemente se confessão devedores ao Ceo da confusão, e da total derrota da impiedade, e da anarchia: elles conhecem que esta mudança foi obra da dextra do Altissimo: *Hæc mutatio dexteræ Excelsi.* Psalm. 76, 11. Mas o poder do braço do Senhor não se limitou á França: Elle, que he poderoso, e maravilhoso nas suas obras, tambem resgatou outros dous Povos das furiosas tribulações, que lhes havião preparado os Maçons Liberaes, e Constitucionaes da Hespanha, e de Portugal, que, tanto em hum, como em outro Reino, minárão ao principio, e ao depois descaradamente começárão a demolir a Monarchia de S. Fernando, e de Affonso Henriques; já estes dous Thronos estavão a ponto de baquear, quando Deos se lembrou das suas antigas misericordias, e com o sôpro da sua indignação desfez em hum momento o nefando esquadrão dos impios, que por toda a Peninsula gritavão furiosos: Rom-

pâmos os laços, com que os Reis nos prendem, e sacudâmos de nós o seu jugo. = *Dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum.* Psalm. 2, 3. O que habita nos Ceos zombou delles, e das suas Constituições; escarneceo dos seus desvarios, das suas impiedades, e rebeldias.

Voltemos agora os olhos para o nosso Imperio do Brasil, Imperio visivelmente fundado pela mão do Omnipotente, conservado pelo seu braço poderoso, e que pelo mesmo será protegido por longa serie de seculos. Sim, Sr. Despertador, a fundação do Imperio Brasileiro he obra de Deos, e não dos homens, *Digitus Dei est hîc*, e tem todos os caracteres bem manifestos de ser obra sobrenatural, e de huma Providencia particular, posto que V. S. não o creia, porque o Maçonismo não admitte cousa sobrenatural, e mysteriosa; eu, que não sou dessa Seita, assim o creio, e o passo a demonstrar. Quem pensou a 26 de Fevereiro de 1821 que aquelle movimento da Praça do Rocio teria em resultado final a 12 de Outubro de 1822 a Independencia Imperial, e a Acclamação do Senhor D. Pedro I Imperador do Brasil? Ninguem certamente. Os vivas, que então se davão á Constituição das chimeras pelos Veneraveis Maçons, e pela turba insensata dos illudidos, e insuflados pelo espirito Maçonico, apoiado na terrivel authoridade dos rebeldes armados de ferro, e fogo contra o seu Rei, não tendião de sorte alguma para a Independencia Imperial. Porem Deos, cujos conselhos são impenetraveis, e cujos caminhos são diversos dos caminhos dos homens, fez que do mal nascesse o bem, e que o veneno se convertesse em balsamo saudavel para curar as feridas mortaes, que a anarchia, a rebeldia, e a demagogia em breve abririão no corpo do Brasil. Resolve-se o Senhor D. João VI a voltar para Portugal, e a entregar ao seu Augusto Filho Primogenito a Re-

gencia do Brasil. Quem, senão huma inspiração Divina, poderia propôr tão salutifero conselho, do qual pendia a salvação do Brasil? Quem, senão huma força sobrenatural, poderia sustentar a sua execução? O apartamento para sempre, como era provavel, de hum Filho Querido, e Herdeiro da Corôa, de huns Netos, ha pouco nascidos, que fazião o gôzo, e as delicias da sua velhice, voluntaria, e resignadamente acceito de parte a parte, excede as forças da natureza; só Deos o podia animar, e dar-lhe o complemento. *Digitus Dei est hic.* Retira-se para Lisboa S. M. F. a 26 de Abril de 1821, e fica o Regente no Rio de Janeiro; desde logo começão a escurecer-se os horizontes deste até então claro, e brilhante Ceo Brasileiro; negras nuvens conglobadas, e cerradas entre si promettem a mais horrenda tempestade; por toda a parte relampeja, e ouve-se ao longe, e ao perto roncar a trovoada; soltárão-se os espiritos das procellas, as contradicções, as intrigas, os pámphletos, as traições, a rebeldia; a demagogia assopra o fogo da liberdade, e da igualdade; as Côrtes Lisbonenses forjão novas cadêas da recolonisação, e do captiveiro; tudo, tudo se conspira contra o Regente, e contra o Brasil. Pedro não desmaia, *a sua Alma, creada para cousas grandes*, (como os seus proprios inimigos vêm-se obrigados a confessar) fortalecida com celestiaes auxilios, começa a desenvolver talentos extraordinarios, e a mostrar huma prudencia, e sabedoria superior á sua idade. Incansavel nos trabalhos do Gabinete, valoroso, e activo na frente da Tropa, apparecendo em toda a parte, nos Arsenaes, nas Fortalezas, nos Navios de Guerra, nos Hospitaes, nos Seminarios, nos Licêos, nos Estabelecimentos Publicos da Alfandega, do Erario, etc. nos Tribunaes, nos Templos, todo se emprega no serviço de Deos, e no governo da Nação. Elle pacifica os espiritos, contém os

partidos, reprime as facções, suffoca a demagogia, fulmina as Côrtes, abate a soberba, e a rebeldia tanto dos Maçons de Portugal, como dos do Brasil, tanto do Centumvirato Lusitano, como da Assemblêa Brasileira. Em tudo isto vê-se visivelmente a Protecção de Deos sobre o Imperador, e o Imperio. *Digitus Dei est hîc.*

Finalmente: o Brasil, destinado pelos Pedreiros Livres a ser huma Republica confederada, e quem sabe se de Atheos, sem Religião dominante, sem Altar, e sem sacrificio, votado a ser o jogo dos partidos, das facções, e da anarchia, e a final a vir a ser preza de algum aventureiro Iturbide, Bolivar, ou Napoleão; o Brasil, ameaçado pelas Côrtes Portuguezas de tornar a ser terra de escravidão, e de curvar de novo o pescoço debaixo do regimen colonial Europêo, depondo espontaneamente a Corôa Real, cinge a Imperial; de Reino transforma-se, como por encanto, em Imperio; e por todas as Provincias sôão milhões de vozes, que acclamão em transportes de jubilo por seu Imperador o Senhor D. Pedro I a 12 de Outubro de 1822. Esta unanime vontade de huma Nação inteira, decidida a repellir a tyrannia das Côrtes, que se esforçavão por meio de intrigas, de baionetas, e de Decretos para recolonisar o seu Paiz, e para tornar a exercer sobre elle o antigo governo da intitulada Mãi Patria; esta heroica, e legal determinação de reconhecer no Filho do seu Rei os Direitos da Primogenitura, e do seu Nascimento Real; esta tão justa, como plausivel idêa de decepar de huma vez as cabeças da Hydra revolucionaria, que ameaçava o Brasil, já com systemas republicanos, já com os ferros da colonisação, já com os terrores da anarchia; esta idêa pois tão geral, tão unanime, e tão firme não pode ser obra dos homens sem especial influencia da Divindade, que movêo todas as vontades, e os vo-

tos de todos os Brasileiros a Acclamarem o Imperador. Logo, o Imperio do Brasil he obra do Ceo. *Digitus Dei est hic.*

Portanto, Sr. Despertador, dou fim a esta Carta, ultima tosquia do seu venenoso Folheto Extraordinario N.° 3, com as suas proprias expressões. *Desenganai-vos, Demagogos infernaes, que as vossas ciladas não hão de produzir o effeito, que desejais.* Adeos.

Error, cui non resistitur, approbatur, et veritas, cum minime defensatur, opprimitur. Negligere quippe, cum possis deturbare perversos, nihil aliud est quam fovére: nec caret scrupulo societatis occultæ, qui manifesto facinori desinit obviare.

Approvâmos o erro, a que não resistimos, e opprimimos a verdade, se não acudimos por ella. Se podêmos rebater os perversos, e o não fazemos, somos tão culpados como se os auxiliassemos; nem se isenta de nota de *Sociedade occulta* quem deixa de sahir a campo contra a manifesta maldade.

P. Celestino aos Bispos da Gallia.

Quinta do Corcovado aos 5 de Maio de 1825.

O que vé, e não ouve.

Segue-se com a necessaria Advertencia a Integra *do N.° 3.° etc.*

ANNO DE 1825. N.° 3.

DESPERTADOR CONSTITUCIONAL

EXTRAORDINARIO

TERÇA FEIRA 1.° DE FEVEREIRO.

Quando em meus Alvarás acharem cousas contra as Leis, saibão que foi por descuido, pois que não he minha intenção quebranta-las, mas sim que sejão guardadas.

Antiocho 3.°, Rei da Asia escrevia assim para todas as Provincias do seu Reino no 1.° Anno do seu Reinado.

IMPRESSO NO RIO DE JANEIRO EM 1825.

ADVERTENCIA.

Confutada com as mais sabias, e nervosas razões nesta 7.ª Carta, e nas seis antecedentes a execranda, e abominavel Apologia da *Maçoneria*, impressa no Rio de Janeiro em 1825 com o titulo antecedente; e omittindo por brevidade o Auctor da Confutação a Integra de muitos Artigos da referida Apologia, julga o Editor não ser fora de proposito, antes pelo contrario muito interessante, ajuntar aqui aquella Integra, notando o que fôra confutado em cada huma das Cartas, a fim de que mais claramente se conheça qual o refinado, e mortifero veneno, a que se applicára hum tão proveitoso antidoto.

REFLEXÕES

Sobre a Maçoneria em geral, e em particular do Oriente Brasilico.

Não sendo da nossa intenção fazermos o officio de Pregador, e menos de Profeta, com tudo, como promettemos despertar a fiel execução da Constituição jurada, em defeza da qual, pugnando pelos interesses geraes, tambem pugnamos pelos nossos, não podemos por isso deixar em silencio, não só tudo quanto arbitrariamente a pode alterar, e confundir, mas de combater todas as idéas mal dirigidas nos Jornaes públicos, e que em sentido contrario se encaminhão a destruir a Obra da Feliz Independencia do Brasil, com o malicioso designio de escandecer os espiritos, desharmonisar os animos, e pô-los em desconfiança para mutuamente se combaterem; e como se nós estivessemos ameaçados de revolução, ou de perigos, que se devessem acautelar, e temer.

O que mais notavel se faz he, o que apparece no Diario Fluminense em contradicção; porque devendo ser esta Folha respeitavel, ainda mais por ser o seu Redactor Francklin, o mais virtuoso de todos os homens, que nós conhecemos, da mais sã moral, de costumes exemplarissimos, e o mais verdadeiro filho de S. Francisco, e austero observador da sua Sancta Regra, era de esperar, até pela sua sabedoria, e erudição, que Francklin não seguisse a Filosophia fanatica dos Celsos, Collins, Bailes, etc. para pôr em confusão, e mistura o bem com o mal, e a destruição dos mesmos principios, que elle reclama: e menos devia-

mos tambem esperar que sendo Francklin Maçon provecto, e dos de papo amarello, se conspirasse, de certo tempo a esta parte, contra huma Sociedade (que tanto o honrou) com diatribes, e calumnias, sempre enxertadas com a maldade, e com a destreza, e que elle nunca as vio praticadas.

O officio de hum Jornalista sizudo, e imparcial, que vê as cousas a sangue frio, e as peza com equidade, he tão necessario, como honroso pelo serviço, que faz á Patria, quando se captiva cada semana, ou cada dia, não só para deleitar os seus Leitores, mas para os instruir, espalhando luzes, e ensinando-lhes a ajuizar com prudencia, e discrição. Desta maneira he que tem direito aos applausos públicos. Hum Escriptor pode ser severo sem mordacidade, exacto sem minucias, e justo sem parcialidade.

Debaixo destes principios he que com prazer escrevemos a nossa Folha, e consagramos a nossa fidelidade ao Imperante, e á Nação. Não marcharemos jámais por caminhos tortuosos, nem pelo trilho da lisonja; mas antes bem affastados della, do embuste, e cenosidade, em que muitos Escriptores se involvem, manifestaremos as nossas apoucadas idéas com nobre simplicidade, verdade, e sem fanatismo politico.

Com tudo: protestamos que não defendemos as Sociedades abusivas, e perigosas, de que o Governo não tiver noticia, mas sim a Maçoneria, que segue a sua verdadeira instituição, que he = Erigir templos á virtude, e masmorras aos vicios = Isto sabe Francklin, pois o jurou, e o vio praticar.

Quanto á Maçoneria em geral copiaremos em resumo, o que já se acha escripto em sua defeza por melhor penna, que a nossa; e poucas, ou nenhumas mudanças faremos, á excepção das nossas reflexões; não tendo o plagio lugar, quando tra-

tarmos particularmente do Oriente Brasilico, que nos toca defender com toda a intrepidez, e espirito de verdade, apezar das calumnias dos Profanos, dos seus perjuros apostatas, e scismaticos Maçons (1).

Quanto á Maçoneria em geral.

Os antigos Clubs dos mysterios de Eleusis se compunhão de homens ligados entre si por certas ceremonias, por certa disciplina, e por dogmas communs; desta classe de Eleusis se separárão outros ajuntamentos, que huns tiverão por objecto particulares opiniões, contrarias ás vulgares, e outros huma crença particular, que degenerou em tactica desorganisadora de amotinadores, assassinos, e agentes de terror (*a*).

Contra estas machinas de subversão he que se formárão as Sociedades de Pedreiros Livres, para lhes sahirem ao encontro, estorvando, e embaraçando o progresso das suas impiedades.

Não sendo do nosso intento, nem da brevidade, que desejâmos seguir, o datar a época da fundação da Maçoneria, em que muitos Auctores differem, dando huns o seu principio no Reinado de Carlos I, de Inglaterra, e outros no de Filippe o Bello, de França, attribuindo esta instituição aos Templarios, que sobrevivêrão á extincção da Ordem; e alguns no Reinado de Salomão, mil annos antes da era vulgar, e tambem no dos primeiros Faraós do Egypto, observaremos sómente o que lhes he respectivo ás injustas perseguições,

---

(1) Todo este texto se acha confutado na 1.ª Carta.

(*a*) Eis-aqui o que são os Pedreiros Livres. *Nota do Auctor.*

20

que soffrêo a Maçoneria nos seculos da ignorancia, e da barbaridade, que por tão largo tempo forão o opprobrio, e vergonha do espirito humano, e que Francklin pertende agora renovar, erigindo-se em Tribuno do Povo sem Procuração.

A Ordem, ou Sociedade Maçonica existindo espalhada, e dispersa por todo o Mundo, em huns Paizes mais que em outros, soffrêo accusações, e perseguições, que não merecia. A Inglaterra, e a França forão as primeiras Potencias, que a deixárão tranquilla, e a exemplo destas a Alemanha, e a Prussia lhe derão o osculo da paz; porque conhecêrão por factos, e por experiencia propria, que o fanatismo, e a estupidez he que tinhão aguçado a espada contra tão virtuosa, e respeitavel Sociedade.

Os crimes, que se lhe imputavão erão os seguintes = O segredo, que os Maçons guardão nas suas Assembléas = como se isso fosse prova de maldade!!! Onde ha Sociedade, ou Tribunal, em que não exista o segredo? E segue-se que pelo haver he nociva a Sociedade? = Que o juramento para guardar os Estatutos da Sociedade era contra as Leis Civis = como se o juramento promissorio não estivesse em uso, mesmo nas Sociedades de Commercio, Companhias de Seguro, etc. pelo qual promettem os Socios guardar os seus ajustes. Nem o juramento Maçonico he extorquido violentamente. O Candidato, quando pertende ser admittido, he o mesmo, que se offerece a jurar, que ha de cumprir com as condições da Sociedade, que antes do juramento se lhe explicão segundo o seu gráo = Que por ser Sociedade occulta era heretica = A incoherencia desta accusação se tira da mesma conclusão do argumento; porque se he occulta contem segredo, e, havendo segredo, como se pode dar por certo que ella he heretica? Isto não involve questão, que os Senhores Theologos remet-

tão á Fé do Carvoeiro. E nem por serem occultas se pode seguir que os seus fins são perigosos. Quando em Roma os Christãos forão perseguidos formavão Sociedades occultas, e o que nellas se deliberava, e tractava era sobre o modo de sustentar, defender, e propagar a Doutrina de Jesu Christo, o que os seus malvados perseguidores invertião dizendo = Que era para se cometterem incestos, matar crianças, fazer bruxarias = e tudo quanto acontecia de máo, aos Christãos se attribuia. Eis-ahi o mesmo, que succede com a Sociedade Maçonica. E para se stigmatisar huma Sociedade de heretica bastão os rumores, e fabulas, que correm entre o Povo?

Nem mesmo podem prevalecer para se sustentar de má, e heretica a Sociedade Maçonica as duas Bullas citadas pelo Bispo de Vintimiglia, esquecendo-se que tractando-se de huma Sociedade, que se dizia nellas ser pessima, e heretica, foi naquelle mesmo tempo abolida pelo Grão Turco, que defende o Alcorão de Mafoma, e não o Evangelho de Jesu Christo.

O que ainda he mais para notar he o vêr-se que o mesmo Bispo de Vintimiglia, e seu Commentador Hespanhol, ao mesmo tempo, que calumnião a Sociedade Maçonica, confessa o Bispo no §. 5.° da sua Pastoral, que ignorava tudo quanto naquella se passava. E como se pode entender reprovar huma cousa, que se não conhece, e chamar hereges aos Membros de huma Sociedade, cujos principios confessa ignorar? (2)

He tambem irrisorio o que se lê em hum Folheto, que escrevêo hum Franciscano Hespanhol,

---

(2) Este texto se acha confutado na Carta 2.ª

intitulado = Sentinella = porque, depois do Frade gritar muito contra os Maçons, se contradiz apresentando os seguintes versos Latinos, que diz elle serem a somma moral da Maçoneria.

Fide Deo, diffide tibi, fac propria, casta
Funde preces, paucis utere, magna fuge.
Multa audi, disce pauca, tace abdita,
Disce minori parcere, maiori cedere, ferre parem.
Tolle moras, minare nihil, contemne superbos,
Fer mala, disce Deo vivere, disce mori.

Acredite-se pois o que vulgarmente se diz contra a Maçoneria, quando mesmo os que contra ella escrevem como Missionarios se contradizem de maneira tão vergonhosa. Salvo se o Frade, sabendo muita Theologia, não sabia verter Latim.

Grande parte de Ecclesiasticos ignorantes, que tem escripto contra a Sociedade Maçonica, appellidão aos seus Membros, entre outras invectivas = perturbadores, e conspiradores. = Mas ainda nenhum apontou huma conspiração, que procedesse da Maçoneria. Pelo contrario: de quantas conspirações não faz menção a Historia, que os Padres tem feito contra o Governo?

Os Jesuitas forão juridicamente convencidos de excitarem o assassinio premeditado em ElRei o Sr. D. José I. A Inquisição no Reinado do Sr. D. João IV em Portugal tramou huma conspiração contra este Monarcha, com o designio de o matar, e entregar o Reino á Hespanha. As Cartas de communicação sobre este objecto com os Hespanhoes forão apanhadas, as quaes erão Selladas com os Sellos da Inquisição de Lisboa. Os principaes Chefes desta conspiração forão o Inquisidor Geral, o Arcebispo de Braga, e muitos outros Ecclesiasticos, os quaes não erão Maçons.

Em França o Dominicano Jaques Clemente

assassinou o Rei Henrique III, sendo mandado pela sua Religião. Outros taes Ecclesiasticos forão os que mandárão assassinar o Principe de Orange, a Luiz XV de França, e outros muitos Monarchas.

No Reinado d'ElRei D. Manoel sahírão do Convento de S. Domingos os Frades em tumulto, com huma Imagem de Christo arvorada, exhortando o Povo a que se unisse a elles, como se unio, para assassinarem todos os Judeos, que se achavão tranquillos, e pacificos nas suas casas, o que assim executárão; e o zelo da honra de Deos disparou em saquearem as riquezas, que se achárão nas moradas destes martyres. Os Frades de S. Domingos serião Maçons?

Da Côrte de Roma os mesmos Pontifices promovêrão conspirações contra muitos Monarchas, envolvendo nas maiores desgraças Reinos inteiros.

Qual foi, ou he a Sociedade, onde se estabelecem principios tão detestaveis, e de que tantos males viessem ao Mundo Catholico, como a do estabelecimento da Inquisição, que em Portugal teve principio no Reinado de D. João III? Por ventura na Sociedade Maçonica pelo seu Instituto se reputa a delação, como huma acção virtuosa? Obriga-se a que os Pais accusem os filhos, e os filhos os Pais até das suas acções domesticas, os amigos huns aos outros, o marido a mulher, e a mulher o marido? etc. etc.

Se as Bullas expedidas por Clemente XII, e Benedicto XIV, prohibindo as Sociedades Maçonicas, como hereticas, fosse isto bastante para se ter por heretica huma Sociedade, sem outras provas mais que o de se dever seguir, e acreditar a infallibilidade Pontificia Romana, neste caso quando o Summo Pontifice Marcellino foi sacrificar aos Idolos no tempo de Diocleciano, devião tambem todos os Catholicos acredita-lo, e segui-lo. Os que

sabem a Historia do tempo de Alexandre VI, lêão, e nella acharão exemplos de igual natureza.

A indisposição da Côrte de Roma contra a Maçoneria he porque, ignorando os seus virtuosos Estatutos, desconfiava que esta Sociedade podesse influir na illustração dos Povos naquelles tempos da ignorancia, em que até os que sabião lêr se reputavão por isso feiticeiros; ignorancia á sombra da qual os Papas até desobrigavão os Povos do juramento de fidelidade para com os seus Reis, e em fazer acreditar os seus interdictos, e excommunhões, que nem ligavão, nem podião ligar.

A prova mais decisiva de todas as invenções, com que os Papas tiravão partido da barbaridade, e ignorancia dos Povos, para as suas Bullas serem acreditadas, he a notavel Carta, que o Papa Estevão I escrevêo a Pepino Rei de França, a qual era firmada por S. Pedro, para certos fins, que o Pontifice tinha premeditado; e, para mais, até assignavão nella, como testemunhas, que reconhecião, e virão assignar a S. Pedro, a Virgem Maria, S. Rafael, e S. Miguel. O mesmo Papa para fazer crer esta illusão, quando mandou a Carta a Pepino, asseverou debaixo de juramento que ella tinha cahido do Ceo em Roma, e que por isso era escripta em pergaminho com letras de ouro. O Rei assim o acreditou, e obedecêo-lhe.

Da má fé, que se manifesta nesta patranha, se pode tirar a conclusão da verdade, com que a Côrte de Roma maculava, e perseguia a Maçoneria, e do espirito, com que cobria nos tempos da ignorancia as suas pertenções (3).

As Sociedades Maçonicas, por serem privadas, não he por isso que merecem a execração pública.

---

(3) Acha-se todo este texto confutado na Carta 3.ª

Outras muitas Sociedades particulares forão permittidas na Grecia, e em outras Nações sabias; e até se chamavão o conforto da vida humana, e como taes licitas.

Jámais se provou por factos em parte alguma, que a Sociedade Maçonica fosse motivadora de conspiração contra o Governo; e nem sequer se allegão razões de congruencia, ou probabilidade nos escriptos accusatorios, que tem apparecido, e que muito de proposito se tem publicado para infamar aquella virtuosa Corporação, submergidos os seus malvados calumniadores no vasto pelago das conjecturas, e de suspeitas as mais inconcludentes.

Pelo contrario vêmos, que na maior parte dos Estados da Europa, e que são regidos por Governos Monarchicos, ha Sociedades Maçonicas estabelecidas, e Assembléas determinadas, em humas partes approvadas expressamente pelo Governo, e em outras pública, e manifestamente toleradas, menos pelos Estados Ecclesiasticos da Italia, pela influencia da Curia Romana; e em Portugal, e Hespanha pela da iniqua Inquisição, muito principalmente naquelles tempos, em que estas Nações erão tidas por barbaras, e por isso os Portuguezes, e Castelhanos erão appellidados = Indios da Europa. =

As perseguições, que nesses obscuros tempos soffrêo a Sociedade Maçonica, forão as que derão motivo para a sua justificação, e para serem conhecidas as suas virtuosas intenções, das quaes hoje só duvidão os fanaticos, aduladores, e ridiculos escriptores.

O que tira toda a dúvida a este respeito está judiciosamente escripto no Manuscripto achado na Bibliotheca Bodleyana em Oxford, publicado em os Commentarios de Loche, e nelle se acha a mais perfeita prova justificativa, e pela qual, ha

perto de 6 seculos, não só cessou a perseguição em Inglaterra, mas ainda crescêo a approvação pública, e o mesmo succedêo nos Estados do Imperador de Alemanha, onde ha tolerancia expressa da Ordem Maçonica.

Frederico II de Prussia não só foi Maçon, mas occupou os primeiros lugares da Ordem, e a final foi eleito seu Grão Mestre, e servio este Emprego mais de huma vez. Elle foi que instituio huma nova classe da Ordem, e a este Gráo dêo o nome de = Cavalleiro do Tumulo = que tambem se adoptou no Imperio de Alemanha.

Se as Sociedades Maçonicas fossem instituidas, como os seus vís calumniadores pertendem, de certo hum Monarcha, que foi o ornamento do seculo, em que reinou; na Guerra hum Heroe; no Gabinete grande Politico; nas Letras o maior Filosopho, Literato, e Historiador, e que na organisação da sua Nação foi o Mestre dos Reis, não procuraria ser Membro de huma Sociedade, nem a frequentaria assiduamente, protegendo-a em geral, e em particular a seus Irmãos, aos quaes nunca atraiçoou, se visse que ella, e elles erão anti-Monarchicos. Seria Frederico tão insensato, que cooperasse com aquelles mesmos, que machinassem a ruina dos Thronos, e por consequencia a sua mesma? Pelo contrario: a sua previdencia era tal, que não só alimentou, e propagou a Ordem da Maçoneria, mas a conservou, como o antidoto mais forte contra todas as tentativas das outras Associações suspeitosas.

Tira toda a dúvida huma Carta, que Frederico dirigio á Grande Loja de Berlin, denominada = Amizade = e que se conserva no seu Archivo. A Carta acaba assim:

« *La Majesté est bien aise de vous assruer á son*
« *tour qu' elle s' interesserá toujours au bonheur,*

« et á la prosperité d' une assemblée, qui met sa « premiére gloire dans une propagation infatigable, et non interrompúe de toutes les vertus de « l' honnéte homme et du vrai patriote. »

Potzdam, ce 7 Février 1778.

O Rei de Napoles, que se achava no Throno no anno de 1802, a instancias do fanatico Dominicano Luiz Greineman, e por huma violenta cabala, que este máo Frade fomentou, fazendo acreditar ao Monarcha, que os Maçons erão = os precursores do Anti-Christo, sodomitas, impios, velhacos, e ladrões = se enfurecêo de maneira contra aquelles, que mandou prender a muitos denunciados pelo mesmo Frade. A Rainha porem, que era Heroina, e Sabia, advertio prudentemente ao Rei, que mandasse primeiro examinar as Constituições Maçonicas. Assim o fez, e o exame foi tão restricto, e escrupuloso, que conhecendo o Monarcha o engano, que o Frade lhe tinha feito, e que a Sociedade Maçonica tinha por objecto a virtude, e que não comprehendia maxima alguma perigosa, o mesmo Rei se iniciou na Ordem, e depois foi o seu maior defensor.

Não são sómente aquelles os unicos Monarchas, que honrárão a Maçoneria, e a defendêrão. Em Inglaterra sabemos que o Principe de Galles nos seus Titulos inclue tambem o de Grão Mestre Maçonico. Os Princepes Soberanos de Alemanha são Membros das Grandes Lojas, e nellas occupão os primeiros Empregos. Na Russia o Grão Mestre he hum Principe de Sangue. Na Persia hum filho do Soffi he o seu Grão Mestre.

Accresce mais em abono da Nobre Ordem Maçonica, que todos os impugnadores, que contra ella escrevêrão, occultárão os seus nomes, publicando obras anonymas; e outros são tão obscuros os seus nomes, que não são mencionados nas

Biographias dos homens de letras. Além do que a paixão, e o espirito de partido não podem servir de accusadores, nem de testemunhas, ainda mais quando os malvados discorrem vagamente, tomando conjecturas por factos.

Os Escriptores porem, que fallão a favor das Sociedades Maçonicas, são homens, que gozão da primeira reputação na Republica das letras, tanto em conhecimentos literarios, como em probidade.

O primeiro exemplo seja Loche: este grande homem, em huma Carta, que escrevêo para acompanhar os Commentarios, que elle fez ao Manuscripto, de que já fizemos menção, diz expressamente á pessoa, a quem a dirigia, o seguinte:

« Que tem adquirido tal conceito da Maçoneria,
« que vai trabalhar com todas as forças para vêr
« se he admittido nesta Sociedade. »

Loche era homem de idade avançada. Tinha os melhores creditos no Mundo literario, até pelo seu ensaio sobre o Entendimento humano, e a sua moral era purissima. Isto dá o maior testemunho de honra, e de credito a favor da Sociedade.

Outro exemplo he o Barão de Bielfeld. Na sua Obra intitulada = Institutions Politiques = no Capitulo, em que tracta da Policia recommenda a vigilancia, que se deve ter nas Sociedades occultas, prostestando com tudo não comprehender nesta regra a Sociedade dos Maçons; porque: (diz elle) = conserva-se em todos os Paizes, e sempre com a melhor reputação, e nunca mais constou que ella se intromettesse em projectos contra o Governo. = Aquella Obra foi dedicada á Catharina da Russia. Se nas Sociedades Maçonicas se adoptassem principios anti-Monarchicos, não offereceria Loche a huma Imperante, ainda mais de Po-

vos escravos, huma tal Obra. Nós poderiamos citar muitos outros Auctores a este fim, mas não he do nosso intento fazer hum catalogo fastidioso.

O Illustre Francklin não he por falta de Instrucção que Sua Reverendissima trunca o fio dos objectos, e confunde semelhanças com dissemelhanças, he porque tão docil, e meigo he nos transportes dos seus affagos, como perigoso nos da sua colera; e he tambem por isso que confunde as Sociedades Maçonicas, de que elle he antigo Membro, com aquellas taes, como a que estabelecêrão os Frades na revolução da França, quando forão abolidas as Religiões, ajuntando-se todos na Igreja de S. Jacob, de que procedêo serem intitulados = Jacobinos = Das deliberações desta Sociedade não sahírão mais que injustiças, e calamidades sobre aquella infeliz Nação; e basta saber-se que foi protegida por Robespierre, que tambem era Membro Jacobino, para se fazer idéa da sua instituição. E esta mesma idéa he a que se deve fazer de outras taes, que talvez por desgraça nossa, entre nós se achem, cujos Membros fundados unicamente nos seus particulares interesses, se hoje são Christãos, ámanhã serão Musulmanos; e se algum dia forão Tamojos, hoje serão Boticudos, se assim lhes convier (4).

Quanto á Sociedade Maçonica do Brasil, e nova creação do seu Oriente.

O Instituto da Maçoneria Brasilica, que foi restaurada pela nova elevação do seu Oriente, não foi huma Obra, que procedesse da obscuridade, e

---

(4) Acha-se este texto confutado na 4.ª Carta.

menos de espessos véos mysteriosos, e impenetraveis, mas sim fundado nos mesmos virtuosos principios, que já ficão manifestados, e que formava huma liga de Cidadãos leaes, defensores da boa Ordem, da Religião, do Imperante, e das Leis. O fanatismo politico não se encontrava nas suas deliberações. Homens zelosos do bem geral, e da honra do Brasil, unírão provisoriamente á Sociedade Maçonica operações Filantropicas, e discutião com sabedoria, e prudencia as idéas, que lhes occorrião acerca dos meios mais proprios para se conseguirem os uteis fins da prosperidade deste Novo Mundo; e o Plano sobre a sua emancipação foi tão bem concebido, concertado, e judicioso, que o resultado correspondêo ao ardor, e actividade dos seus assiduos trabalhos; e disto não podemos allegar melhor prova que o testemunho do mesmo Ministerio do Governo, e de pessoas dignas de fé, sem que houvesse vestigio de conspiração, tendo sómente em vista o Direito de Succcessão na justa, e bem merecida Acclamação de Imperador do Brasil na Pessoa do Senhor D. Pedro I, que anteriormente já tinha sido proclamado Seu Defensor Perpetuo.

Resultados tão felizes não merecião de certo que Francklin se revoltasse contra huma Sociedade, que bem sabia tinha cooperado para a Independencia do Brasil, sem conjuração, nem liga criminosa, mas antes sendo louvada, e tolerada pelo Governo pelo desempenho dos sagrados epithetos, pelos quaes dirigia as suas acções = Templos á virtude, e masmorras aos vicios = o que comprehendendo todas as relações Religiosas, e Sociaes, com as quaes se forma o Reino da Caridade Christã, fabricou tambem a extensiva, e forte cadêa, que prendêo o seu primeiro annel no Omnipotente, e Todo Poderoso. O segundo foi sustentado por Guatimusin, para assim a fortifi-

car, e perseverar de tal maneira, que não podesse jámais ser enferrujada, nem despedaçada; servindo de firme ancora, que ao mesmo tempo que segura, adverte aos seùs adeptos da união, e perseverança nas virtudes, e na paz, e concordia, que se deve manter.

Se a pintura contraria, que Francklin faz de seus Irmãos Maçons, fosse verdadeira, cahiria na censura dos Profanos, e estes terião todo o direito de lhe dizer = Hui: Pois taes são os Maçons com quem deliberastes, vivestes, e vos abraçastes? = E os filhos da Lùz tambem lhe perguntarião = E se nós somos como vós dizeis, esperastes primeiro que a Sociedade vos banisse pelos vossos crimes, e por terdes perjurado, para então por vingança nos calumniardes com defeitos, e crimes, que nunca existírão, nem os vistes praticados? =

Francklin, e o seu Donato confundem inteiramente o espirito das Sociedades, e não distinguem as que se dirigem a revolucionar, ou as que nascem das mesmas revoluções para as sustentarem, ou destruirem. He mui differente o Partido formar a conspiração, ou a conspiração o Partido.

Toda, e qualquer Sociedade pode ser perigosa no sentido contrario, em que se quizer tomar. Por ventura não he a Associação do Claustro a mais religiosa, e talvez a mais necessaria? E porque muitos Frades, ou hum Frade ambicioso, hypocrita, mentiroso, e malvado, se torna, por si só, ou unido a outros, hum monstro insupportavel da Igreja, e do Estado, segue-se por isso que deve ser reprovada a vida cenobitica, e que os Conventos devem ser demolidos? A maldade do Mundo não precisa de associações para ser exercitada. Basta ser habitado por homens, que huns seguem diversas opiniões, e outros diversas manias.

Nós não tractamos de defender os membros gangrenados da Maçoneria, porque então defenderiamos tambem a Francklin. Nem houve ainda quem mostrasse haver no Mundo huma Corporação de homens todos impeccaveis. O que tractamos he da indole, systema, e fins da Sociedade Maçonica. Que maior exemplo que o de Jesu Christo? Creou hum Apostolado de homens escolhidos. *Nâó póde* com tudo evitar o ser vendido por hum, e negado por outro; e sendo o fim, a que se propunha o Mestre, o do resgate do Mundo, foi a final calumniado, e crucificado....

Que credito se pode tambem dar a Francklin sobre os projectos Maçonicos, que no Diario tem publicado, e que affirma forão achados nos Clubs de Hespanha, sem declarar a Folha pública donde os extrahio, e só sim que pelo acaso lhe vierão á mão? Mas só o Leitor, que fôr estupido, ou muito indulgente, não conhecerá, que taes Alcorões Maçonicos são forjados na Fabrica das mentiras, ou das loucuras do Pão de açucar: porque, pertendendo Francklin provar com sagacidades que os máos successos da Hespanha procedêrão dos preceitos alli indicados, lhe foi facil ajustar, e apropriar acontecimentos, e factos já passados, aos artigos posteriormente fabricados.

Mas ainda mesmo que fossem aquelles artigos extrahidos de qualquer Folha Estrangeira, nem por isso se lhes podia dar o cunho de veracidade; porque em toda a parte ha malvados, e impostores.

A prova mais decisiva a este respeito, he o que contem as Folhas de Lisboa sobre a recente conspiração contra o Monarcha, e que se disse ser tramada pelos Maçons. Assim o affirma tambem Francklin no = Diario Fluminense. =

Mas como em boa Logica se pode entender, que quando fosse certo ter a Sociedade Maçonica

cooperado para que a Tropa se sublevasse, não só para depôr o Rei, mas para extinguir a Casa Bragantina, como he expresso na Proclamação dos arrependidos, recobrando Sua Magestade o Senhor D. João VI a Sua Liberdade, e Governo; achando hum grande número de Empregados, que tinhão sido presos, que devia entender serem os principaes Maçons, Chefes da revolução, não só os mandasse soltar, mas prender immediatamente outros, que não erão Maçons? Isto não se pode contradictar sem mentir á propria consciencia, e sem estar em rigoroso divorcio com a verdade. Tudo o mais he abusar muito da paciencia pública.

Não ha quem ignore, ainda mesmo Francklin, que revoluções, e conspirações commummente procedem do descontentamento geral dos máos Governos, e da sua devassidão, e os Maçons não são Conselheiros dos Governos para lhes lembrarem o acerto das suas obrigações.

Por muito porem que tivessem prevaricado (concedâmos) as Sociedades Maçonicas em Hespanha, e Portugal, que razão tem Francklin para querer igualar, e involver a do Brasil nos mesmos, e suppostos crimes? A Sociedade Maçonica do Brasil na súa boa Moral está intacta; e jámais tem promovido conspiração alguma.

Lembremo-nos, entre outros muitos successos, do acontecimento de 30 de Outubro de 1822. Não forão os Maçons, que commettêrão o attentado de extraordinariamente fazerem reunir (sem ordem do Governo) o Senado, convocando os Conselheiros das Provincias, e chamando em tumulto ao Povo para de hum modo bem desusado, e criminoso pedir-se a reintegração dos demittidos Tamoios, excedendo-se em alaridos nas Praças públicas para se exigirem cabeças até de Cidadãos probos, que tantos serviços tinhão feito á Patria.

Nem tambem forão os Maçons, que repetírão o mesmo absurdo na posterior demissão dos mesmos Tamoios, com igual escandalo, e perturbação. A differença só consiste, em que no primeiro tumulto, o Imperador usando da Sua Natural Clemencia assentio na reintegração pedida, por esperar que os Colberts, Pombaes, etc. da forja de Francklin emendassem a sua conducta depravada, ficando assim supita a criminosa conspiração, e os seus auctores escapos do castigo, que merecião. Na segunda repetição porem, que se intentou, alguns dos seus agentes não corrêrão a mesma fortuna dos primeiros, porque a justiça, e o bem público exigião severa punição.

Não sendo finalmente a nossa intenção abrir Aula pública para instruir os nossos ouvintes sobre a verdadeira Maçoneria, com tudo não consentiremos jámais que o Oriente Brasilico, que tantos serviços prestou á Sagrada Causa da nossa Independencia, seja éxecrado por malvados, e ultrajada a sanctidade de seus principios, e a utilidade de seus fins, que se fundão no amor da verdade, pesquisa das sciencias, prática das virtudes, confraternidade geral entre os homens, odio ao fanatismo, e superstição, como mais claramente se verá dos (5)

Dogmas, com que os Maçons do Oriente Brasilico erão iniciados, e preparados, tendo por base os principios da moral universal, e por exercicio a prática das virtudes.

1.º

Honrar a Deos como Auctor de tudo o que he bom.

---

(5) Acha-se confutado este texto na Carta 5.ª

2.°

Honrar a virtude como destinada a conservar todo o bem, que Deos creou.

3.°

Cultivar a razão como meio seguro de agradar á Divindade, e de ser util aos seus semelhantes.

4.°

Cultivar as Sciencias, para que se torne proveitosa a razão, para contrariar os vicios, e os absurdos.

5.°

Estabelecer o amor do proximo para o salvar das perseguições, e dos estragos do fanatismo, e da superstição.

6.°

Ter horror ao fanatismo, e superstição, por serem a origem de todos os males, que pesão sobre a humanidade.

7.°

Não se exigem outras condições, para se admittirem os Adeptos, que a probidade, e o saber.

8.°

Todos os homens honrados, e instruidos, são recebidos, sejão quaes forem a sua Crença, Paiz, e Leis, com tanto que respeitem a Religião dominante Catholica Romana.

9.°

As opiniões, e as consciencias se deixão em paz.

10.°

Não se admittem nas Assembléas controversia Religiosa, nem discussão Politica; e nestes casos cessa a Maçoneria.

11.°

Não admitte cousa alguma occulta, duvidosa, mysteriosa, ou sobrenatural.

12.°

Onde apparecer a mentira, a astucia, a violencia, e a impostura deixa de existir a Maçoneria.

13.°

Defender com todas as forças da razão, e da persuasão a Independencia do Brasil, a sua Constituição, e as Attribuições, e Poder do Imperador (6).

Sendo a definição destes Estatutos tão verdadeira, como justa, e sancta, concluiremos: que se a verdadeira Maçoneria fosse fundada, como calumniosamente apregoão os Sectarios, e Membros de outras Sociedades perigosas, e prohibidas em todos os Estados vigilantes, ainda mesmo em aquelles, onde a Sociedade Maçonica he permitti-

---

(6) Estes Dogmas estão confutados na Carta 6.ª

da, não teria esta existido por tão longo tempo, apezar das perseguições, que se lhe tem feito, pois que he hum theorema de eterna verdade: = que todo o Corpo Phisico, ou Moral, constituido de principios, ou partes repugnantes, entre si, não pode permanecer por muito tempo, sem se decompôr, ou dissolver. =

A duração da Sociedade Maçonica ha de ser em quanto o Mundo existir; nem pode haver força humana, que possa fazer estremecer levemente hum Edificio, que tem por base a verdade; por altura a distancia da terra ao Ceo; por largura todo o Universo; e por Architecto o Ente Supremo.

Desenganai-vos, inimigos disfarçados da Independencia do Brasil, e do Imperador. Desenganai-vos Demagogos infernaes, que as vossas ciladas não hão de produzir o effeito, que desejaes.

Embora appareção pelo Prelo as vossas reflexões sem ligação nos successos, falta de verdade nos factos; è, os que são verdadeiros, sempre fundados em sentidos contrarios, que tendem a particulares fins; embora a mistura das vossas immundicias, de adulação podre, sejão cobertas de flores aromaticas para não cheirarem mal; embora imiteis o Oleiro, que com o bocado de barro na mão dá-lhe o geito, que lhe parece para formar a figura, que mais lhe convem; embora sejaes criados de todos os Partidos, de todos os tempos, e de todas as mudanças; embora defendaes disfarçados o Partido dos Tamoios, vossos intimos amigos; embora no Pulpito pregueis a Aristocracia, Governo inteiramente contrario á Constituição jurada do Imperio; embora nas fingidas Correspondencias appareção as vossas invectivas com a sagacidade, astucia, e o veneno da Serpente; embora .... tornâmos a repetir = as vossas ciladas não hão de produzir o effeito, que desejaes. = Quando a Pro-

videncia tem determinado algum successo, nem circumstancias, nem os mais fortes obstaculos podem impedir o inteiro complemento dos seus designios. Estava escripto nos Decretos Eternos, que o Senhor D. Pedro havia ser o Resgatador do Captiveiro do Brasil, o seu 1.° Imperador, e Defensor. O Omnipotente previo que a Sua Alma era creada para cousas grandes. Deos não obra como os homens. Vai buscar o merito onde quer que elle está. E se algumas vezes permitte que sem elle os monstros sejão elevados aos Empregos, he para que depois a queda lhes seja mais sensivel.

N. B. do mesmo Despertador. Entrando (por acaso) na residencia de hum amigo nosso, ahi achámos algumas pessoas, que estavão ouvindo lêr o Diario Fluminense N.° 13, e como ao mesmo tempo estavão quasi estourando de riso pelas ilhargas, tivemos a curiosidade de querer saber o motivo. Então nos lêrão huma nota inserida no mesmo Diario, em que somos ameaçados, não sabemos se por Francklin, ou pelo seu Confrade, com metralha assustadora, que se achava preparada para combater a defeza, que projectavamos fazer á Maçoneria, e que diz o Sr. Redactor á sua noticia chegára. Não duvidâmos das luzes de hum Sabio tão famoso, de tanto nome, e vulto, qual he Francklin, e mesmo que essas mesmas luzes possão reflectir para o seu Donato. Mas como a verdade he o ponto do nosso apoio, não podemos temer a metralha de ferro de Francklin, e muito menos a de estopa em peça de papelão do seu Confrade. Examine Francklin bem a opinião pública, e então verá para que parte pende a balança em credito de Escriptor. Não nos admirâmos da pergunta, que nos faz, de quem nos encommendou o Sermão da defeza Ma-

çonica; porque a leveza em Francklin he mui vulgar; e porque tambem nos deixou o Direito de lhe perguntarmos; quem tambem lhe encommendou a groza de injurias, e satyras, e as accusações contra a Maçoneria, que elle, para mais, jurou, e professou? Salvo se Francklin na Sociedade tem Direitos reservados. Approvâmos porem o que Francklin judiciosamente diz = Nada = Nada = Fora Sociedades Secretas. = Apezar de ser esta expressão vulgarmente usada nos ajuntamentos da matula da parte do Sol, podia procurar termos mais decentes, e sem tanta matinada.

Não podemos tambem conceber a que proposito vem a declaração, de que os destinos do Brasil se achão entregues ao Grande Imperador. Não nos consta que disto se tenha duvidado. Mas o que tem esta advertencia com a Sociedade Maçonica? Intromette-se esta por ventura no Governo da Administração pública? Pelo contrario. Os Membros da Sociedade reconhecem tanto o Augusto Merito do Senhor D. Pedro, como Imperador, e Defensor do Brasil, e os Serviços, de que a Nação Brasileira lhe he devedora, que jurão defender as suas Attribuições, e Poder, como Maçons, e como Cidadãos. E hum de seus Membros se propõe a escrever a Historia da Independencia do Imperio, sem esperar tempo para poder fallar na sabedoria do seu Governo, com despejo, verdade, liberdade, franqueza, e sem temor!

Não acceitâmos o favor, e honra, com que Francklin, por hum daquelles rasgos da sua bem conhecida generosidade, se offerece a subscrever em a nossa Folha; porque bem sabe que os verdadeiros Maçons não costumão vender os seus trabalhos a seus Irmãos, ainda que Apostatas sejão; porque seguem á risca a Lei Evangelica de Jesu Christo, que sempre espera que o peccador viva para se arrepender.

No emtanto fique embora Francklin com superintendencia geral dos Periodicos, que se destinarem a baralhar o Brasil, e confundi-lo, que a final ha de cançar sem proveito.

Sobre este assumpto nada mais escreveremos. Pode Francklin continuar nas indiscretas, e falsas accusações, que o seu orgulho lhe suggerir contra os seus Irmãos Maçons, que para nós não será mais que hum carro a chiar.

Todo este texto está confutado nesta 7.ª Carta.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827. *Com Licença.*